

REVISTA

DO

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO

Hoc facit ut longos durent bene gesta per annos
Et possim sera posteritate frui



Volume 296 — Julho-Setembro — 1972

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA NACIONAL — RIO — 1973

EPITOME DA PROVÍNCIA FRANCISCANA DA IMACULADA CONCEIÇÃO DO BRASIL

FREI APOLINÁRIO DA CONCEIÇÃO, OFM (*)

INTRODUÇÃO

1. *A Província da Imaculada Conceição*

O Epítome de Frei Apolinário da Conceição, que agora publicamos, nos oferece, por assim dizer, uma visão panorâmica da Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil em 1730, data de sua composição. Como o próprio A. o diz no Prólogo, via-se ele em Portugal importunado por muitas pessoas que lhe pediam informações sobre sua Província. E como não havia nenhuma Crônica impressa da mesma, resolveu coletar os dados principais sobre a Província, sobre seus conventos e hospitais, e sobre seus frades mais notáveis pela virtude. Surgiu desta forma o presente Epítome, que o A. pretendia dar à estampa, desejo que não realizou.

Traçamos aqui um breve esboço da história desta Província.

Os primeiros franciscanos a chegarem ao Brasil vieram com Pedro Álvares Cabral. Nos decênios seguintes vieram várias expedições de frades de São Francisco, mas só em 1584 foi fundada a Custódia de Santo Antônio, que marcou o estabelecimento definitivo e organizado dos franciscanos em terras brasileiras. Os primeiros conventos fundados situavam-se quase todos no Nordeste. Na região mais ao sul fundaram-se apenas dois: Vitória (1591) e Rio de Janeiro (1607).

(*) Edição com introdução e notas de Frei Gentil Tilton, OFM.

Com as invasões holandesas tiveram os frades que abandonar vários conventos; e então os franciscanos se expandiram sobretudo no sul, fundando conventos em Santos (1639), São Paulo (1639), Macacu (1649), Penha (1650), Angra dos Reis (1650), Itanhaém (1654), São Sebastião (1658).

No Capítulo de 5 de novembro de 1659, em que se executou o decreto que erigia a Província de Santo Antônio, resolveram os capitulares reunir os conventos do sul em Custódia com o título de Custódia da Imaculada Conceição, dependente da supra-mencionada Província. Motivou esta separação a demasiada extensão territorial, que dificultava a organização dos trabalhos apostólicos e sobrecarregava os superiores nas visitas canônicas. Compunham a Custódia os nove conventos acima mencionados, tendo o de Santo Antônio do Rio de Janeiro como sede do governo.

Mais tarde surgiram dúvidas sobre a legitimidade da ereção da Custódia da Imaculada Conceição. Recorreu-se então ao Ministro Geral da Ordem, o qual, por decreto de 20 de junho de 1670, aprovou a decisão do Capítulo de 1659, reconhecendo como válida a ereção da Custódia e válidos todos os atos de governo nela praticados. Os Custódios que a governaram são os seguintes: Frei Antônio dos Santos, Frei Sebastião dos Mártires, Frei José dos Passos, Frei Mateus da Apresentação, Frei Francisco do Desterro, Frei Cristóvão da Madre de Deus Luz e Frei Eusébio da Expectação.

A elevação da Custódia em Província se fez pelo Breve de Clemente x *Pastoralis Officii*, de 15 de julho de 1675. Para primeiro Provincial foi nomeado Frei Eusébio da Expectação, que então ocupava o cargo de Custódio.

No tempo da Custódia fundou-se convento em Taubaté (1674) e no da Província em Cabo Frio (1684), Itu (1691) e Ilha do Bom Jesus (1705), completando-se o número de 13 conventos. Além destes conventos, possuiu a Província hospícios na Colônia do Sacramento, Lisboa, Araruama e Campos; e diversas Aldeias de índios. Alguns destes hospícios e aldeias estão descritos neste Epítome; outros não, pois a Província não os possuía ao tempo em que o A. o compôs (1730).

Na longa história da Província — em 1975 comemorará ela o 3º Centenário — deparam-se-nos vários períodos:

a) *Período de expansão e consolidação*, que vai desde a fundação dos primeiros conventos até o final do século XVII; fundam-se novas casas, sobretudo pela metade do século XVII;

crece o número de frades; florescem os estudos e demais atividades. Erige-se a Custódia (1659), que passa a Província logo depois (1675). São tempos de paz interna e de fecundo apostolado por todo o sul do país.

b) *Período de tensões e crise*, que vai mais ou menos de 1710 a 1740: a Província vê-se abalada pelas lutas internas entre frades brasileiros e portugueses; há graves desordens no triênio 1716-1719; e no triênio 1723-1726 chega-se a um verdadeiro cisma provincial; neste contexto de dissensões introduz-se a lei da Alternativa (1719). Termina este período turbulento com a intervenção apostólica de Dom Antônio de Guadalupe.

c) *Período áureo*, que se estende por toda a segunda metade do século XVIII: a Província volta à paz interna e torna a florescer; o número de membros chega a cerca de 500; ampliam-se as atividades pelo extremo sul; florescem sobremaneira os estudos, tornando-se os do Convento de Santo Antônio de Rio dos mais famosos e procurados; frades de grande saber e virtudes ilustram a Província.

d) *Período da decadência*, que começa já em fins do século XVIII e vai até fins do século XIX: o governo civil se intromete cada vez mais nos negócios internos das Ordens religiosas; penetra a influência do iluminismo, em muitos aspectos hostil à religião; por um lado vão rareando as boas vocações e, por outro, o governo vai restringindo a recepção de noviços, chegando a suspendê-la totalmente em 1855; o número de frades decresce rapidamente, chegando a apenas um ao tempo da queda do império (1889).

e) *Período da restauração*: a República introduz separação entre Igreja e Estado e completa liberdade para as Ordens religiosas; chegam frades alemães em grande número para injetar sangue novo nas duas Províncias franciscanas brasileiras. Em ritmo acelerado reocupam parte dos conventos antigos e fundam novas casas; exercem muita atividade entre o povo, dedicando-se especialmente à cura d'almas (trabalho verdadeiramente missionário nos primeiros decênios), ao ensino e à imprensa. Em 1901 declara o Ministro Geral a restauração da Província. Em 1941 já contava ela cerca de 550 frades.

2. *Frei Apolinário da Conceição*

Frei Apolinário da Conceição nasceu em Lisboa aos 23 de julho de 1692. Imigrou para o Brasil com seus pais. Aqui entrou

na Província da Imaculada, recebendo o hábito para Irmão Leigo a 3 de setembro de 1711, no Convento de São Francisco em São Paulo.

Frei Apolinário não fez estudos na Ordem, pois os Irmãos Leigos então não recebiam nenhuma instrução. Ignoramos outros-sim seus estudos anteriores à entrada no noviciado. Contudo era o frade extremamente curioso, inteligente e ativo; e gostava de manusear velhas crônicas da Ordem e livros dos arquivos. Assim começou a familiarizar-se com pessoas e fatos da história da Ordem e da Província. Tendo encontrado incentivo, para tais atividades, da parte de Frei Fernando de Santo Antônio, o frade leigo começou a compilar e publicar. Assim vemos este simples Irmão, sem estudos, tornar-se cronista e escritor, cujas obras foram em boa parte impressas e constituem hoje — junto com Jaboatão — uma das principais fontes para o conhecimento da história da Ordem franciscana no Brasil dos tempos passados.

Nada sabemos dos ofícios que Frei Apolinário, como Irmão Leigo, deve ter desempenhado. E muito pouco sabemos dos conventos em que residiu. Ignoramos seu paradeiro e suas ocupações após o noviciado em São Paulo nos anos de 1711-1712. Em 1724 vemo-lo mandado a Lisboa na qualidade de procurador da Província. Foi Frei Fernando de Santo Antônio, que então ocupava aquele cargo, quem sugeriu esta nomeação. Daí por diante, até o fim da vida, será Frei Fernando, quer como Provincial quer como Definidor Geral, o incansável defensor e incentivador de Frei Apolinário em seus trabalhos literários.

Não sabemos quantos anos permaneceu o frade em Lisboa como procurador. Em 1728 achava-se novamente no Brasil, residindo no Convento de Santo Antônio, onde começou em dezembro sua principal obra *Pequenos na Terra Grandes no Céu*.

Em 1729 volta de novo a Portugal, chamado por Frei Fernando, então Provincial, que lá se achava. Ali escreveu o *Epítome* (1730) e completou o volume I da grande obra, que veio à luz em 1732. Neste mesmo ano voltou Frei Apolinário novamente à Província, onde não se demorou muito tempo. Com efeito, seu mecenas Frei Fernando, acabado o sexênio de governo, embarcou para a Europa, a fim de exercer o cargo de Definidor Geral da Ordem, e fez questão de levar consigo a Frei Apolinário para que o ajudasse e continuasse em sua tarefa de escritor.

E o Irmão Leigo continuou até quase o fim da vida na Europa. Várias vezes quiseram os Provinciais chamá-lo de volta à Província, mas Frei Fernando lhe conseguiu do Ministro Geral patente,

permitindo que continuasse residindo em Portugal dedicado às suas tarefas de escritor e proibindo aos provinciais inquietá-lo. Frei Apolinário percorreu ainda conventos e bibliotecas na Espanha, Itália e França, a fim de recolher material para sua obra.

O Capítulo Geral celebrado em Valladolid em 1740 concedeu-lhe o honroso título de *Cronista* da sua Província.

Faleceu Frei Apolinário, segundo os autores que a ele se referem, no Brasil, por volta de 1760.

A pena de Frei Apolinário revelou-se fecunda. Temos notícias de 18 obras escritas por ele. São crônicas referentes à Ordem franciscana, biografias de frades virtuosos e santos, livros de piedade. Várias obras não foram publicadas; sabemos de sua existência por referências de autores antigos, mas desconhecemos seu paradeiro. É de crer que provavelmente pereceram no terremoto de Lisboa de 1755. Supomos que o A. conservasse seus manuscritos na residência dos procuradores, residência que o terremoto destruiu completamente. Ignoramos como o MS deste *Epítome* escapou.

Dentre as obras publicadas por Frei Apolinário, destacam-se pela importância as seguintes: *Primazia Seráfica na Região da América*, Lisboa 1732; *Pequenos na Terra Grandes no Céu*, 5 vols., Lisboa 1732-1754; *Claustro Franciscano*, Lisboa 1740; *Eco Sonoro* (biografia de Frei Fabiano de Cristo), Lisboa 1748 (reeditada pela Editora Vozes, Petrópolis 1929).

A maioria dos escritos de Frei Apolinário se ocupa mais da Ordem franciscana em geral, que da sua Província em particular. A única obra que versa exclusivamente sobre a Província da Imaculada é este *Epítome* que agora publicamos.

Frei Apolinário não é escritor original; é um compilador. Reúne em seus livros dados recolhidos em crônicas, outros livros impressos e documentos dos arquivos. Seu estilo nada tem de particular. Não tendo recebido maior instrução, não desenvolveu suas aptidões estilísticas. Os livros impressos, tendo passado por uma revisão, apresentam um português correto. Mas este *Epítome* surpreende pelos abundantes erros de ortografia e estilo.

3. O *Epítome*

O manuscrito — O *Epítome* foi composto em Lisboa em 1730. É uma compilação de dados referentes aos conventos,

hospícios e missões da Província da Imaculada Conceição. Os primeiros parágrafos tratam da fundação da Ordem, da vinda dos primeiros franciscanos ao Brasil e da fundação das duas Províncias brasileiras. Em seguida o A. trata sistematicamente casa por casa, dando uma descrição da cidade em que está fundada, história da fundação, descrição da casa e da igreja, frades de virtude que nela viveram ou se acham sepultados.

O original MS do *Epítome* se encontra na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, secção de Manuscritos, sigla I — 1, 1, 7. No Catálogo da Exposição de História do Brasil tem o nº 9.373. O MS está bem conservado; o texto é perfeitamente legível, salvo um bom número de páginas branqueadas, de leitura difícil por estar a escrita quase apagada.

O MS mede 14 x 19 cm. Compõe-se de quatro folhas não numeradas pelo A. — mas numeradas recentemente com algarismos romanos — contendo título, dedicatória e prólogo; seguem 195 páginas — das quais as páginas 191-195 não estão numeradas — contendo o texto todo do *Epítome*, com o índice e o aditamento. A assinatura do A. ocorre duas vezes (p. 187 e p. 191). O índice e o breve aditamento estão escritos em caligrafia cursiva, pelo próprio A., em data posterior (1743, segundo se deduz da última frase).

Ocorrem às vezes correções, borraduras e pequenos acréscimos, feitos pelo A. O estilo contém muitos erros de ortografia, de transcrição (quando cópia de outros livros), de sintaxe, o que revela o pouco conhecimento da língua portuguesa do A.

Existe também uma cópia muito posterior — pela caligrafia cremos que seja dos meados do século XIX — feita em um caderno de 77 páginas formato grande. Encontra-se também na Biblioteca Nacional, seção de Manuscritos, sigla I — 31, 25, 24. A cópia é perfeitamente legível. Contém todo o texto do *Epítome*, mas tendo erros de transcrição, omissão de palavras, engano em certas datas e empregando ortografia de sua época.

Crítérios da edição — Para facilitar a leitura e compreensão do texto, tornando assim o *Epítome* mais acessível a todos, resolvemos adotar a ortografia moderna. Igualmente procuramos colocar a pontuação segundo o sentido, pois o MS tem pouca pontuação e divisão de frases. Talvez nem sempre tenhamos conseguido fazer uma divisão de frases correta. Em casos de falta de clareza quanto ao sentido, dever-se-á recorrer ao original MS.

Os parênteses, () ocorrem umas vezes no próprio MS; outras vezes foram introduzidos por nós, para facilitar a compreensão do sentido. Os colchetes [] encerram as palavras por nós acrescentadas para dar sentido a algumas frases; outras vezes usamos colchetes para o texto original do ME, lá onde introduzimos alguma correção do texto.

Enfim, corrigimos — sem qualquer indicação — o que julgamos evidente erro de escrita do A.

No tempo em que o A. compôs o *Epitome* era comum escrever *lhe* ou *lhes* para o reflexivo plural *lhes*. Nós adotamos sempre a forma *lhes*, sem indicação da forma original do MS.

4. Terminologia franciscana

Como ocorrerão nesta obra vários termos específicos da Ordem franciscana, apresentamos um breve glossário dos mesmos:

Capítulo (provincial ou geral) — assembléia formada pelo Superior (Provincial ou Geral) juntamente com os demais membros com direito de voto segundo os Estatutos, com a finalidade de eleger os novos Superiores e legislar. O Capítulo Provincial realizava-se, via de regra, cada três anos. Chamam-se também *capítulos* os altares ou nichos que costumavam existir no interior dos claustros.

Capucho — Franciscano pertencente ao ramo da Reforma efetuada por São Pedro de Alcântara. É sinônimo de *Alcantarino*, *Descalço*. As vezes é usado como adjetivo para significar *pobre, simples, franciscano*.

Casa de profundis — Ante-sala do refeitório da comunidade, onde se rezava o salmo *De Profundis* antes das refeições.

Cerca (do convento) — terreno adjacente e pertencente ao convento.

Convento — casa habitada permanentemente por frades.

Custódia — conjunto de conventos, com certa autonomia, aos quais faltam alguns requisitos para serem eretos em Província.

EPÍTOME DA PROVÍNCIA FRANCISCANA DA IM. CONCEIÇÃO DO BRASIL

Custódio — o Superior da Custódia. Chama-se também *Custódio* o primeiro conselheiro do Provincial e seu substituto legal (hoje diríamos *Vice-provincial*).

Definidores (Gerais ou Provinciais) — os conselheiros do Ministro Geral ou do Provincial.

Disciplina — espécie de chicote com que os frades se açoitavam por penitência ou castigo.

Disciplinar-se — açoitar-se, flagelar-se.

Geral (Ministro, Padre) — o Superior de toda a Ordem Franciscana.

Guardião — o Superior de um convento.

Hospício — casa em que os frades residem temporariamente como hóspedes, ora morando ali, ora trabalhando fora por tempo indeterminado.

Prelado — qualquer superior, quer Geral, quer Provincial, quer local.

Presidente — o vice-superior do convento (vice-guardião).

Província — conjunto de conventos que, preenchidos certos requisitos, constituem uma unidade com governo autônomo, dependente diretamente do Geral na forma das Constituições da Ordem Franciscana.

Provincial — o Superior da Província.

Recoleção — convento ou residência que adotou um teor de vida mais rigoroso.

Religião — além do sentido comum é empregado o termo no sentido de *Ordem Religiosa*.

Visitador — o frade nomeado pelo Geral para percorrer os conventos e religiosos da Província em visita canônica e em seguida presidir o Capítulo.

5. *Bibliografia mais citada*

- BD — *Bullarium Discalceatorum*. 5 tomos, Madrid 1744-1749 (conhecido também por *Matritense*, porque seu editor foi Frei Francisco de Madrid).
- CONCEIÇÃO, Frei Apolinário da, *Pequenos na Terra Grandes no Céu*. 5 tomos, Lisboa 1732-1754.
- Idem, *Primazia Seráfica na Região da América*. Lisboa 1733.
- FREITAS, Diogo de, *Elencho Biographico dos Religiosos Antigos da Provincia da Immaculada Conceição do Brasil*. Petrópolis 1931.
- GONZAGA, Frei Francisco, *De Origine Seraphicae Religionis*. 3 tomos em 4 partes, Roma 1587.
- JABOATÃO, Frei Antônio de Santa Maria, *Novo Orbe Serafico Brasilico ou Chronica dos Frades Menores da Provincia do Brasil*. 1ª Parte em 2 vols., 1ª ed., Lisboa 1761; 2ª ed., Rio 1858 [citado: JABOATAO 1]. 2ª Parte em 3 vols., Rio 1859-1862 [citado: JABOATAO 2].
- ROEWER, Basílio, *Páginas de História Franciscana no Brasil*. 2ª ed., Petrópolis 1957.
- Idem, *História da Provincia Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil*. 2ª ed., Petrópolis 1951.
- Idem, *A Ordem Franciscana no Brasil*. 2ª ed., Petrópolis 1947.
- Idem, *O Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro*. 3ª edição, Petrópolis 1945.
- VAT, Odulfo van der, *Princípios da Igreja no Brasil*. Petrópolis 1952.
- WADDING, Lucas, *Annales Minorum*. Edição de Quaracchi 1931 ss (continuada por Chiappini e Pandzic), 31 vols.
- Frei Gentil Tilton, OFM.

EPITOME

*do que em breve suma contém a santa Província de N. S. da
Conceição da cidade do Rio de Janeiro do Estado do Brasil*

*Oferecido a nosso caríssimo Irmão Frei Fernando de Santo
Antonio, (1) Ex-Provincial, Lente de agrada Teologia, Defi-
nidor Geral de toda a Ordem de Nosso Seráfico Padre São
Francisco, e Provincial da mesma Província*

*Pelo mais indigníssimo filho dela Frei Apolinário da Con-
ceição, Religioso Leigo, natural de Lisboa e servo de todos*

ANO 1730

(fl. II)

A nosso caríssimo Irmão Frei Fernando de Santo Antônio,
Ex-Provincial, Lente da Sagrada Teologia, Provincial da mui santa
Província da Imaculada Conceição de Nossa Senhora da cidade
do Rio de Janeiro em o Brasil, Definidor Geral meritíssimo de toda
a Ordem de Nosso Seráfico Padre São Francisco:

Este é, padre caríssimo, o epitome de nossa Província, para
que com ele possa dar aos que ignoram alguma notícia e ser de
alguma utilidade aos filhos da mesma, nas vidas que aqui aponto
de nossos exemplares Irmãos e filhos de Nosso Seráfico Pai São

(1) Frei Fernando era português, nascido pelos fins do século XVII. Após ter exercido o cargo de procurador da Província em Lisboa, foi eleito Provincial da mesma em 1726, quando não estavam ainda de todo apagadas as desordens explodidas em 1723, entre os frades brasileiros e portugueses. Muito hábil e inteligente, de grande visão, acalmou os ânimos, realizou obras notáveis, fomentou os estudos. Foi tal o seu governo que o Ministro Geral prorrogou seu mandato por mais um triênio, até 1732. Protegeu especialmente a Frei Apolinário em seus trabalhos literários; por isso lhe dedica este a presente obra. Em 1729, Frei Fernando foi eleito Definidor Geral. Embarcou para a Europa em 1732, não voltando mais ao Brasil. Morreu pelo ano de 1757. Cf. FREITAS, *Elenco*, nº 133.

Francisco. E pois V. C. ⁽²⁾ é o verdadeiro sucessor seu na Província e o que melhor o representa em pessoa e virtudes, é certo que a nenhum outro se podia este trabalho dedicar que a V. C., ante cujos pés prostrado o ponho, dedico e ofereço, para que sua benignidade e zelo o ampare e defenda.

Bem vejo que para tal grandeza e pessoa é isto pequeno serviço; porém, assim (fl. IIv) como é de pequenos o dar pouco, o é de grandes receber de pequeninos o pouco como se fora muito, ponderando muito mais a vontade com que se oferece, que o que se oferece. Esta é em mim grandíssima para com V. C., cuja pessoa Nosso Senhor nos guarde para seu serviço e nosso consolo.

Deste Hospício de N. S. da Conceição do Rio de Janeiro em a cidade de Lisboa Ocidental, ⁽³⁾ vinte e três de fevereiro de mil setecentos e trinta.

(fl. III)

PRÓLOGO

Leitor curioso, saberás que o que me moveu a fazer este epitome foi o ver-me algumas vezes importunado, assim de religiosos como de seculares, por notícias desta santa Província, e principalmente neste reino; aos quais respondia ser a dita muito moderna, e que, quando as Províncias de Santo Antônio, uma de Portugal e outra da América, não tinham nem têm saído à luz com crônica, que notícias poderia eu dar do que eles desejavam saber? Mas, tornando à Província, me mandou a obediência voltasse outra vez a esta corte. Advertido do que tenho dito, recolhi algumas notícias e fiz lembranças de outras que constam do Arquivo da Província e de alguns livros impressos, as mais foi Deus servido chegasse[m] a Portugal; onde também, alguns meses passados, (fl. IIIv) chegou de Espanha um religioso a indagar [MS: indicar]

(2) *Vossa Caridade*. Expressão então comum de tratamento entre os frades sacerdotes.

(3) O hospício de Lisboa servia de residência aos procuradores da Província na corte. Foi fundado em 1703. Sobre este hospício, Cf. ROEWER, *Páginas*, p. 476-479; Cf. também este *Epítome*, § 7^o.

notícias dos conventos desta corte para um livro que se está compondo, cujo titulo dizem ser Biblioteca Geral da Ordem; ⁽⁴⁾ e vindo a este hospício que aqui tem a Província para assistência dos Procuradores dela, com instâncias nos pediu um resumo da mesma. Tomei então o trabalho do que havia junto para noticia minha ordenar este epitome, de que lhe dei um traslado, rogando-lhe se possivel fosse o desse primeiramente à imprensa, havida licença do nosso Reverendo Padre Geral Frei João de Soto. ⁽⁵⁾ Mas não teve efeito, respondendo o dito religioso chamado Frei Manuel de Jesus, Pregador e filho da Província de São Paulo, ⁽⁶⁾ em carta sua feita no Convento de São Gil da corte de Madrid a dezoito de Maio, a qual (fl. IV) tenho em meu poder; e diz o seguinte: Eu estive com Sua Revma, e lhe apresentei o papel de V. C., que viu com gosto, porém respondeu: *era reparável a falta do consentimento da Província de V. C.; e que agora saiu ordenação geral para que em todas as Províncias haja cronista, e quanto antes dê tudo à pública luz; que, se não fora pelo inconveniente da má obra que V. C. parece que faz ao cronista da sua Província, dera com muito gosto a licença; dá a V. C. as graças do seu bom zelo e lhe encatrega não defraude a sua santa Província de tal trabalho, o que V. C. pode remeter ao Provincial em forma e modo que tem disposto.*

E seguindo este mandado, como obediente o cumpro, pedindo-te não me notes da singeleza com que está escrito, falto de elegantes razões e sentenças. Mas a razão é porque não pode ninguém dar o que não possui. Porém afirmo-te, que o que aqui digo nele é verdadeiro e sem afetação.

Vale.

(4) Trata-se da obra de Frei João de Santo Antônio intitulada *Bibliotheca Universal Franciscana*, 3 vols., Madrid 1732-1733.

(5) Frei João de Soto, espanhol, foi o 85º Ministro Geral de toda a Ordem franciscana (1729-1736).

(6) É uma das Províncias do ramo dos Alcantarinos, ou Descalços, ao qual pertenciam ambas as Províncias franciscanas brasileiras. A sede da Província de São Paulo era Madrid.

(p 1)

EPITOME

DO QUE EM SUMA CONTÉM A MUI SANTA PROVINCIA
DE N. S. DA CONCEIÇÃO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO
EM O BRASIL

§ 1

*Da origem e principio donde emanou esta santa Provincia
e seus religiosos*

Principiou a sagrada Religião de Nosso Padre São Francisco no ano de mil e duzentos e nove; e no de mil duzentos e quatorze, ou no de 1216, entrou em Portugal; e nele os santos Frei Zacarias e Frei Guálter, discipulos do santo Patriarca e por ele enviados (p. 2) a este reino, fundaram a sempre santa e ilustre Provincia de Portugal. (7) Na qual se instituiu no ano de mil e quatrocentos oitenta e seis uma recoleção, e no ano de mil quinhentos e sessenta e cinco foi eleita Custódia, e em mil quinhentos e sessenta e oito em Provincia, chamada de Santo Antônio dos Capuchos, (8) com faculdade do Ministro Geral Frei Luis Puteo (9) e um breve de Sumo Pontífice Pio V passado em Roma em seis de agosto do próprio ano. (10)

(7) Em 1217 Francisco enviara alguns de seus frades à Espanha. Destes, um grupinho de «três ou mais» chegou até Portugal, dos quais os dois mais conhecidos são Frei Zacarias e Frei Gualter (Walter). Em 1219 chegou a Portugal mais uma expedição de frades. Fundaram-se vários conventos, pertencentes à Provincia de Santiago da Espanha. A independência da Provincia de Portugal se realizou durante o Cisma do Ocidente. Cf WADDING, *Annales Minorum* I, p. 304-306.

(8) A Custódia (1565) e Provincia (1568) de Santo Antônio dos Capuchos, denominada também de Santo Antônio de Portugal ou ainda de Santo Antônio dos Currais, compunha-se dos conventos de Portugal que haviam abraçado o estilo de vida mais austero introduzido por São Pedro de Alcântara. Tal estilo de vida espalhou-se sobretudo na península ibérica e nas colônias de Portugal e Espanha.

(9) Frei Luis Pozzo de Borgonuovo (Alysius Puteus), italiano, foi Ministro Geral de 1565 a 1571.

(10) É o Breve *Sacrae Religionis Sinceritas*, de 8 de agosto de 1568 (não 6 de agosto, como traz o A.). Cf WADDING, *Annales Minorum* XX, p. 206.

Desta santa Província, por súplicas de Jorge de Albuquerque ⁽¹¹⁾ e dos moradores da América, saíram sete religiosos, sendo um deles por nome Frei Belchior de Santa Catarina ⁽¹²⁾ o prelado, havidas as licenças do Rev.mo Padre Geral Frei Francisco Gonzaga ⁽¹³⁾ e de Elrei Felipe I ⁽¹⁴⁾ deste reino, que (p. 3) benignamente concederam; ampliando o Rev.mo Padre Geral o desejo dos pretendentes para a fundação de uma Custódia, com a honrosa patente que passou em treze de março de mil quinhentos oitenta e quatro, ⁽¹⁵⁾ a qual o mesmo Rei corroborou, ordenando se desse toda ajuda aos ditos religiosos, e as suas Justiças os defendessem e amparassem. ⁽¹⁶⁾ Tudo assim sucedeu e se fundou a Custódia com o título de Santo Antônio; e a confirmou o Sumo Pontífice Sixto V por duas bulas passadas ambas no ano de mil quinhentos e oitenta e sete. ⁽¹⁷⁾ Foi a chegada destes padres à cidade de Pernambuco a doze de abril do ano de mil quinhentos e oitenta e cinco, onde acharam já essa intitulada N. S. das Neves, que lhe[s] tinha preparada a exímia piedade e devoção de (p. 4)

(11) Jorge de Albuquerque Coelho (1539-1597), terceiro donatário da Capitania de Pernambuco, assumiu o governo da mesma em 1572. Combateu com Dom Sebastião em Alcácer-Quibir, onde foi feito prisioneiro e vendido como escravo. Resgatado, voltou a Pernambuco, onde ainda realizou muitas obras em sua Capitania. Cf. JABOATAO I, II, p. 178-198.

(12) Geralmente é chamado Frei Melchior de Santa Catarina (+ 1618). Foi o primeiro superior da Custódia (1585-1594). Cf. JABOATAO I, II, p. 223-224; JABOATAO 2, p. 208-284.

(13) Frei Francisco Gonzaga (1546-1620) foi Ministro Geral de 1579 a 1587. Eleito com apenas 33 anos de idade, mostrou-se um superior ativo e zeloso. Morreu com fama de santidade, sendo Bispo de Mantua. Escreveu *De Origine Seraphicae Religionis* (3 vols., em 4 partes, Roma, 1587).

(14) Felipe II da Espanha (1556-1598). Com a passagem de Portugal para a coroa espanhola, tornou-se Felipe I de Portugal (desde 1580).

(15) É a patente *Cum ex Caritatis Vinculo*, dada em Lisboa, onde o Geral se achava em visita canônica às Províncias franciscanas de Portugal. Texto latino em JABOATAO 2, p. 413-415; GONZAGA, *De Origine* III, 4ª parte, p. 1.360; BD I, p. 580-581. Texto português em JABOATAO I, II, p. 121-122.

(16) Texto do Alvará régio de 29 de maio de 1584 em JABOATAO I, II, p. 124-125; WADDING, *Annales Minorum* XXI, p. 448-449.

(17) Só conhecemos uma confirmação, que é a Bula *Piis Fidelium Votis*, de 27 de novembro de 1586 (não 1587, como traz o A.). Texto em JABOATAO I, II, p. 155-159. Uma Bula de 1683 refere que Sixto V deu em 1586 o Breve *Huius Custodiae*, tratando da observância regular na Custódia. Cf. BD II, p. 572.

uma virtuosa mulher por nome Maria da Rosa, ⁽¹⁸⁾ da nossa Terceira Ordem; a qual, tendo-lha pedido outras Religiões, não a dando resposta: que era para filhos do seu Padre São Francisco que algum dia haviam de ir para aquela terra; cujos vaticínios admiram. Tomaram posse dela em dia do Nosso Padre São Francisco, cujo título era N. S. das Neves. Esta foi a primeira casa desta santa Custódia, a que se seguiram outras muitas; e passou de Custódia a Província no ano de mil seiscentos e cinquenta e sete, por uma bula do Papa Alexandre VII que começa *Ex commissis nobis*, ⁽¹⁹⁾ passada a vinte e quatro de agosto do mesmo ano.

Dos conventos já (p. 5) formados desta fizeram os padres da Província, sendo dela principal autor o Irmão Provincial Frei Pantaleão Batista, ⁽²⁰⁾ uma Custódia dos conventos do sul e que se chamasse da Imaculada Conceição, atendendo à desmarcada grandeza que ocupava a Província, de que se seguiam muitos inconvenientes. Do que dando-se parte ao Rev.mo Geral Frei Francisco Maria, confirmou a dita separação aos vinte de junho de mil seiscentos e setenta. ⁽²¹⁾ Foi eleito o primeiro Custódio que teve o Irmão Pregador Frei Antônio dos Santos. ⁽²²⁾ Foi confir-

(18) Sobre a casa de N. S. das Neves e sobre D. Maria da Rosa, Cf. JABOATÃO 1, II, p. 135-138, 380-386; VAT, *Princípios*, p. 111-120. D. Maria da Rosa, provavelmente natural de Portugal, era Irmã Terceira franciscana e vivia com outras Irmãs na Casa N. S. das Neves, por ela fundada. Por esse tempo era viúva. Não constam as datas de seu nascimento e morte. A escritura de doação da casa aos frades está em JABOATÃO 1, II, p. 136-138.

(19) O texto da Bula em JABOATÃO 1, II, p. 420-422; JABOATÃO 2, p. 582-594; BD II, p. 566-567 (este traz *Ex commissis nobis*). Frei Apolinário, erroneamente, escreve *Ex Comissionibus*.

(20) Frei Pantaleão Batista (+ maio de 1659) fora o último superior da Custódia de Santo Antônio, eleito a 26 de agosto de 1657. Governou até 1659, quando se executou a Bula de elevação da Custódia a Província. No novo regime foi nomeado pela Santa Sé Definidor. Devido à sua habilidade fora enviado a Roma em 1647 para pleitear a independência da Custódia, o que conseguiu no mesmo ano. Em 1649 foi novamente enviado para pleitear a elevação a Província. Cf. ROEWER, *História*, p. 12-13.

(21) Frei Francisco Maria Rhini foi Ministro Geral de 1670 a 1674. A confirmação do Geral é de 22 de julho de 1670 (não 20 de julho, como traz o A.). Cf. BD II, p. 491.

(22) Frei Antônio dos Santos, natural de Meião Frio em Portugal, era guardião do Convento de N. S. da Penha desde 1657. O Capítulo de 1659, ao decretar a criação da Custódia da Imaculada Conceição, nomeou-o 1º Custódio. Cf. FREITAS, *Elencho*, nº 11; JABOATÃO 2, p. 600.

mada pelo Papa Clemente décimo e eleita Província por um breve que principia *Pastoralis officii*. (23) Foi reconfirmada pelo Geral Ministro de toda a nossa Ordem Frei Francisco Maria (p. 6) de Cremona, (24) fazendo a primeira eleição aos dezesseis de novembro de mil seiscentos e setenta e cinco; e aceita pelo Capítulo Geral em Roma aos vinte e nove de maio de mil seiscentos e setenta e seis. (25)

(p. 7)

§ 2

Do tempo em que chegaram ao Convento do Rio de Janeiro as patentes e bula desta nova criação da nossa santa Província

Ano de mil seiscentos e setenta e sete chegaram à cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro as alegres novas da beatificação de São Francisco Solano, Apóstolo das Índias, e dos bemaventurados Martires de Gorcômio.

Também chegaram a bula da confirmação de nossa santa Província e patente do Padre Ministro Geral; e do Capítulo Geral, a aceitação da nova Província; as quais se leram no Convento de Santo Antônio da mesma cidade aos vinte e quatro de dezembro do mesmo ano. (p. 8) E logo a eleição dos prelados e primeiro Provincial, que foi o Irmão Pregador Frei Eusébio da Expectação. (26) O que se solenizou com festas, assim a eleição como a

(23) O Breve é de 15 de julho de 1675. Texto em BD II, p. 490-493; *Magnum Bullarium Romanum* XI, p. 138-139.

(24) Frei Francisco Maria de Nicolis, também chamado de Cremona, foi nomeado Vigário Geral da Ordem em 1674 e depois eleito Ministro Geral (1674-1676).

(25) O documento de aceitação pelo Capítulo Geral está em BD II, p. 673. A data é 23 de maio de 1676 (não 29 de maio, como traz o A.).

(26) Frei Eusébio da Expectação, brasileiro, natural do Rio de Janeiro, fora eleito Custódio em 1673. Empenhou-se pela elevação da Custódia a Província e foi nomeado seu 1º Provincial (1677-1681). Mais tarde ocupou novamente o posto (1687-1691). Revelou-se um superior hábil, zeloso em promover a disciplina regular, muito dinâmico, promotor das missões. Ocupou também o cargo de Visitador da Província de Santo Antônio, além de Visitador da própria. Em 1699 presidiu à mesa na eleição do Vigário Provincial; desde então não se têm mais notícias a seu respeito. Cf. FREITAS, *Elencho*, nº 47; ROEWER, *História*, p. 21-24, 32-34.

beatificação dos ditos santos, as quais duraram com muito aplauso três dias. ⁽²⁷⁾

Os conventos com que foi eleita Província foram os seguintes: o de Santo Antônio do Rio de Janeiro, casa capitular; o de nosso seráfico Padre São Francisco da Vila da Vitória; o de São Boaventura da Vila de Santo Antônio de Sá, por outro nome do Macacu, ou Caserebu; o de N. S. da Pena, ou Penha, da Vila Velha, da Capitania do Espírito Santo; o de São Francisco Nosso Seráfico Padre da cidade de São Paulo; o de Santo Antônio da Vila de Santos; o de São Bernardino da Ilha Grande; o de N. S. da Conceição da Vila de Itanhaém; (p. 9) o de N. S. do Amparo da Ilha de São Sebastião; o décimo e último, o de Santa Clara em Taubaté. Destes, e dos mais conventos de que a Província se aumentou, escrevemos por suas antiguidades; e também dos religiosos de que achamos notícia neles sepultados; e algumas particularidades mais. Mas parece-me conveniente dar uma breve notícia e relação do Estado do Brasil, em que esta santa Província se acha, antes que o faça deles.

§ 3

Breve relação do Estado do Brasil. Primazia que nele têm os religiosos da nossa Ordem: e vidas de alguns deles até o tempo de nossa Província

Glória é da Religião seráfica, que um seu filho fosse o primeiro que na vastíssima região da América, a que hoje chamamos Brasil e nos tempos antigos Terra de Santa Cruz, (p. 10) arvorasse o glorioso estandarte de nossa redenção, celebrando juntamente o sacrossanto sacrificio da missa, com assombro dos gentios, indômitos habitantes da terra; e que outro fosse o primeiro que lhes anunciasse a fé e lhes pregasse as verdades dela, contra as escuras sombras de sua cegueira em que viveram os deste vasto império seis mil e tantos anos, até que no de mil e quinhentos foi Deus servido se descobrisse pela armada que segunda vez mandou El rei Dom Manuel à Índia, em que ia por general Pedro Alvares Cabral. Constava esta de treze embarca-

(27) Os festejos de três dias se realizaram em janeiro de 1678, coincidindo com a festa de São Sebastião. Fez-se este adiamento para que todo o povo pudesse participar da festa da elevação da Custódia a Província.

ções em que iam mil quinhentos homens e entre eles os nossos religiosos das mui santas Províncias de Portugal e Arrábida. ⁽²⁸⁾ A terra que se descobriu é a que agora se chama Porto Seguro, dando-lhe os daquela (p. 11) armada este título por nele escaparem de uma terrível tormenta que lhe[s] ameaçava o naufrágio.

Tomou o general posse dela em nome da Igreja Católica e de el-rei, dando-lhe o nome da Província da Santa Cruz; pelo que deixava arvorada alegria, porém, que depois causou o lucro que comportava o comércio de um pau chamado brasil fez com que se lhe desse este nome e com ele fosse para sempre conhecida esta tão dilatada região, que tem de costa donde principia até ao Rio da Prata em que se termina a jurisdição portuguesa mil e quarenta e uma léguas. De tudo avisou o general a el-rei, cujo aviso recebeu com singulares e repetidas demonstrações do grande gosto com que desejava não somente dilatar por todo o mundo o seu (p. 12) império como Alexandre, mas principalmente plantar em todo ele a fé de Cristo; e sem dúvida que mais por este motivo que pelo outro, porque em um imitava e no outro era único.

Tratou logo aquele sereníssimo rei de preparar embarcações e enviar ministros evangélicos, que tratassem da redução de tantas almas quantas naquele remoto clima existiam. Eram estes da mui santa Província de Portugal, os enviados para a cultura do Santo Evangelho, em cuja empresa sacrificaram dois as vidas para maior glória sua e exaltação da fé e lustroso crédito da seráfica família, sendo os primeiros mártires deste novo mundo e os que nele edificaram a primeira igreja que nele houve. E são os seguintes:

No ano de mil quinhentos e três (p. 13) passaram ao Brasil da mui santa Província de Portugal dois religiosos, dos quais não dizem os autores seus nomes nem outro título mais que de Pregadores Evangélicos, filhos de Nosso Seráfico Padre e da dita Província. ⁽²⁹⁾ Os quais, tanto que saíram em terra de Porto

(28) É engano do A., pois a Província portuguesa da Arrábida não existia em 1500, sendo criada só em 1560. Em 1500 havia em Portugal só uma Província franciscana, chamada Província de Portugal, ou também Província de São Tiago. Em 1517 ficou dividida em duas Províncias: uma claustral, outra observante.

(29) São os dois protomártires do Brasil e os primeiros franciscanos vindos após Frei Henrique de Coimbra. Embora os autores tenham sido no passado unânimes em apontar as datas de 1503 e 1505 para a vinda e martírio, respectivamente, Frei Odulfo van der Vat prova que os fatos ocorreram mais tarde, pelos anos de 1515-1516. Cf. VAT, *Princípios*, p. 21-43; cf. o relato de JABOATAO I, II, p. 11-15, 18-24.

Seguro, como o seu destino os encaminhava somente à redução dos gentios, trataram de edificar um templo em que fosse venerada a majestade divina e eles, pelo exercício de seus louvores santos, merecessem assistência do auxílio necessário para tão grande empenho. Dois anos assistiram neste domicílio de Deus, donde saíam muitas vezes a promulgar o sagrado Evangelho com suficiente lucro das almas gentílicas, das quais introduziram copiosas no caminho do céu pelas portas do santo batismo. Já o demônio andava impaciente de ver (p. 14) o seu império em princípios de total ruína e, querendo atalhar os danos que lhe faziam os ministros de Cristo, tal ódio influiu contra eles nos corações dos bárbaros, que não imaginavam outra coisa mais que tirar-lhe[s] a vida. Temiam, porém, os cristãos, assim portugueses como seus naturais novamente reduzidos. Mas o tentador infernal, que lhes acendia o furor, também lhes insinuou o arbitrio para que muito a seu salvo executassem a crueldade. Dispuseram uma feira em certo lugar acomodado para o intento; e concorrendo a ela os católicos com suas fazendas, ignorando a emboscada dos gentios, deram estes sobre aqueles com tanta veemência e tirania, que a todos mataram, sem haver de sua parte lugar para a resistência. Mas quem havia de fazer rosto a um exército inumerável de brutos ferozes, ou a dilúvios de setas? Seu pretexto pacífico não dava [MS: davam] motivo à (p. 15) prevenção de armas. Tendo desvanecido este maior obstáculo, livres do medo que os impedia, buscaram aos religiosos no templo, onde lhe[s] tiraram as vidas por diferente estilo muito rigoroso, quebrando-lhe[s] as cabeças com malhos de pau, estando eles de joelhos orando e dando graças ao onipotente, porque os mostrava dignos de padecer por seu amor. Logo fizeram em quartos os veneráveis corpos e, depois de assados, os comeram com grandes festas e alaridos, como quem celebrava a conclusão de um glorioso triunfo. Sucedeu este glorioso martírio no ano de mil quinhentos e cinco, aos dezenove de junho, dia assinalado para esta região feliz, porque depois de regada com o sangue destas primeiras vítimas se mostrou tão fecunda, que tem produzido para Deus inumeráveis criaturas observantes de sua lei.

E inda que por então não (p. 16) ficaram outros religiosos na administração da nova cristandade, segundo os autores que destes escreveram, a divina providência, que sucessivamente vai dispondo o remédio das almas por diferentes caminhos, não tardou muito em remeter a esta seara bruta outros cultores de nossa Religião seráfica. Não eram, porém, da família portuguesa, mas

italiana, ⁽³⁰⁾ segundo contam alguns historiadores. E em o mesmo lugar de Porto Seguro assistiram alguns tempos; e depois de reedificarem a primeira igreja, que se intitulava São Francisco, e darem gravíssimos exemplos de perfeição e santidade aos moradores desta colônia, trataram de renovar a ocupação dos missionários primitivos, à qual deram princípio com muitas esperanças de colher abundantíssimos frutos. Porém, o mesmo Senhor, que os trouxe a estas distâncias para o bem de uns, não permitiu por seus altíssimos segredos (p. 17) que concorressem para a utilidade e salvação de outros; porque, saindo a pregar aos gentios que existiam no sertão, ao passar de um rio se afogou o principal destes missionários. Tanto era o seu fervor e tão grande o espírito que, sem reparar na altura do pego e precipício das correntes, se entregou a elas. Mas se estas lhe extinguiram o calor da vida, não lhe escureceram os raios da caridade; antes os manifestou Deus aos olhos dos homens ilustremente decorosos, com as evidências de uma rara maravilha: voltou o companheiro ao povo dando notícia da desgraça e pedindo auxílios para tirar o santo cadáver daquele pego; concorreu logo muita gente com ele e, achando o rio com poucas águas por ser ocasião de maré vazia, viram o cadáver posto de joelhos, com as mãos e olhos levantados ao céu, dando-lhe sem dúvida os (p. 18) agradecimentos pela bemaventurança de sua alma. Perpetua-se esta memória em o nome do rio, que pelo mesmo respeito inda hoje se chama o rio do Frade. Foi sepultado em Porto Seguro, no mesmo templo que ele havia reedificado, com tão grande opinião de servo de Deus, como pediam suas virtudes qualificadas com o referido portento. Seu companheiro, vendo-se só, voltou para Portugal, e deste para a sua Província.

A estes substituíram outros religiosos castelhanos, os primeiros que por sucesso de viagens aportaram nas partes da Capitania de São Vicente. ⁽³¹⁾ Dos tempos que estiveram nos não diz o Padre

(30) Trata-se da segunda expedição franciscana a Porto Seguro. O A. não refere a data, embora os cronistas e autores antigos a tenham situado tradicionalmente no ano de 1515. Frei Odulfo, que situou em 1515-1516 o martírio dos primeiros frades, coloca esta segunda expedição em 1548. Cf. VAT. *Principios*, p. 85-91; cf. o relato de JABOATAO 1, II, p. 15-17.

(31) Estes frades castelhanos são Frei Bernardo de Armenta e seus 4 companheiros. Tendo a expedição em que vinham sido arrastada ao litoral sul-catarinense em 1538, ali trabalharam com apreciável sucesso entre os índios carijós de Mblazá. Frei Bernardo embrenhou-se depois até o Paraguai, mas em

Simão de Vasconcelos; ⁽³²⁾ mas sim que no ano de mil quinhentos e quarenta e nove, em que sua sagrada Religião entrou na América, (p. 19) indo os primeiros padres dela em companhia do Governador Tomê de Sousa que no ano dito fundou a Cidade da Bahia de Todos os Santos, cabeça e metrópole de todo aquele Estado, passaram à Capitania de São Vicente alguns da sagrada Companhia de Jesus, onde já acharam cristãos batizados pelos ditos religiosos de meu seráfico Padre Francisco na paragem a que chamam dos Patos.

No de mil quinhentos e cinqüenta e oito, chegou à Capitania do Espírito Santos o servo de Deus Frei Pedro Palacios, onde viveu vinte anos e acabou santamente. E como havemos no Convento da Vila da Vitória tratar dele, por estarem nesta Província e convento incorporadas suas reliquias, não fazemos aqui mais reflexão. ⁽³³⁾

A este servo de Deus (p. 20) sucedeu outro religioso nosso que, assistindo na Cidade da Bahia, nela serviu de tanta utilidade ao povo, que lhe edificaram uma ermida em que viveu os anos que ignoramos; ⁽³⁴⁾ e nesta fundaram os nossos religiosos o primeiro

seguida voltou a Santa Catarina. Faleceu em 1546 ou 1547. Pouco depois a missão foi arrasada por um bando de salteadores que levaram os índios cativos. Cf. VAT, *Princípios*, p. 52-84; ROEWER, *A Ordem*, p. 32-39; JABOATÃO I, II, p. 127.

⁽³²⁾ *Chronica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil* (2ª ed., Rio 1864), livro I, nº 58.

⁽³³⁾ Sobre Frei Pedro Palacios, Cf. abaixo, § 8. Aqui o A. apenas diz que Frei Pedro esteve no Espírito Santo 20 anos, o que não pode ser, pois morreu em 1570. Teria talvez Frei Pedro estado 20 anos no Brasil? Uma coisa é certa: Antes de aportar ao Espírito Santo em 1558, viveu Frei Pedro na Bahia, com os Jesuítas, ao que parece por longo tempo. Cf. VAT, *Princípios*, p. 156-158. Quanto às reliquias de Frei Palacios: desde 1926 não se encontram mais no convento de Vitória.

⁽³⁴⁾ É o frade espanhol a quem Gonzaga atribui a fundação da igreja de São Francisco da Bahia, ocupada depois pelos frades que vieram fundar a Custódia de Santo Antônio. GONZAGA, *De Origine* III, 4ª parte, p. 1.362; WADDING, *Annales Minorum* XX, p. 209-210. Jaboatão refere o mesmo, dizendo ignorar-se a data. JABOATÃO I, II, p. 50. Frei Odulfo discute toda a questão da primeira igreja e do Convento de São Francisco da Bahia e conclui que os fundadores da dita igreja foram provavelmente os dois frades espanhóis que, separando-se do grupo de Frei João de Rivadeneira destinado a Buenos Aires, preferiram ficar na Bahia. Isto ocorreu entre 1583 e 1585. VAT, *Princípios*, p. 155-167.

convento da dita cidade. Até que finalmente chegaram no ano de mil quinhentos oitenta e quatro a fundar a Custódia de Santo Antônio. ⁽³⁵⁾

E desta sagrada Reforma são os filhos da Religião seráfica que assistem em toda a América: no Maranhão, uma Custódia sujeita à Província de Portugal, da nossa Reforma; na Capitania da Bahia, Pernambuco e outras, a de Santo Antônio do Brasil; e nas partes do sul, a da Conceição Imaculada; ambas Províncias como havemos dito. ⁽³⁶⁾ Muitos são os frutos que têm colhido para o céu estas três famílias nos muitos (p. 21) que têm convertidos, havendo deles que chegou a batizar de dois mil índios para cima; incansáveis em pregar a fé, chegando a derramar seu sangue e a dar as vidas, por ódio que os inimigos dela lhes tinham, como foram os veneráveis Padres Frei José de Santa Maria e Frei Martinho da Conceição, ⁽³⁷⁾ martirizados pelos índios no Estado do Maranhão, cujos corpos depois de passados seis meses foram achados sem corrupção e ilesos da voracidade dos brutos a quem ficaram entregues no sertão; outros administrando os sacramentos e, o que mais é, servindo neste ministério aos índios muitas léguas pelo sertão dentro, onde têm entre o tal gentio a consolação do serviço que fazem a Deus e ao próximo. Enfim os cronistas, quando os houver nestas (p. 22) Províncias, escreverão o muito que aqui têm para dizer, porque continuo com mais alguns dos servos do Senhor, até chegar a escrever do venerável Frei Francisco do Rosário.

Da família capucha e no Convento de N. S. das Neves, ⁽³⁸⁾ está sepultado um dos sete que foram determinados para as missões e fundações das Províncias do Brasil, chamado Frei Francisco de São Boaventura, ⁽³⁹⁾ o qual, depois de residir nelas algum tempo

(35) Os fundadores da Custódia chegaram em 1585 e aceitaram a dita casa na Bahia em 1587.

(36) Havia ainda, no Pará, mais duas Custódias: a da Piedade e a da Imaculada Conceição.

(37) Ambos eram portugueses, pertencentes à Província de Santo Antônio de Portugal. O martírio, pelos índios Aruás, se deu em setembro de 1701. Cf. BERREDO, *Anaes Históricas do Estado do Maranhão*, Lisboa 1749, p. 659-660.

(38) Em Olinda.

(39) Frei Francisco de São Boaventura (+ 1605) veio com os primeiros fundadores, como vice-custódio. Passou dois anos na doutrinação dos índios

no ministério apostólico da pregação e divino culto, foi mandado ao reino em busca de mais obreiros. E andando em Lisboa com grande calor este negócio, foi nomeado Visitador dos seráficos conventos das ilhas dos Açores, para onde partiu constringido da obediência, pois qualquer dignidade por pequena que fosse encontrava (p. 23) sua rara humildade. E como se viu desembaraçado desta religiosa função, em que mostrou grande valor e talento, se tornou ao Brasil a cultivar a tenras plantas que deixara, estimando mais os ofícios vis e humildes neste Estado, que todos os de grande nome e honra em Portugal. E assim dormiu em o Senhor da dita casa cheio de méritos e virtudes, sendo atualmente guardião dela, havendo obrado maravilhas na conversão da gentiidade e propagação da Ordem. E por isso sua morte foi mui sentida e com grande cópia de lágrimas entregue à sepultura, na qual se mandou gravar um breve elogio para constar aos vindouros de suas religiosas virtudes e apostólicas ações. Foi seu trânsito a dezoito de maio de mil quinhentos noventa e dois.

No mesmo convento repousa (p. 24) outro companheiro do venerável Frei Francisco, por nome Frei Antônio de Campo Maior, ⁽⁴⁰⁾ que da santa Província dos Algarves e dos seus conventos reformados em que sempre tinha vivido como verdadeiro filho de Nosso Seráfico Padre São Francisco, com desejos de ganhar almas para Deus, se saiu para as missões do Brasil, sendo um dos sete fundadores; onde exercitou bem a sua vocação pelo muito que trabalhou na conversão dos índios e reforma dos cristãos. Dos quais sendo estranho de falar sempre de Deus, disto souberam os religiosos, e advertindo-lhe respondeu: «Irmãos, aos que enfada o falar-lhe[s] de Deus, estorvo-os com isto, para que me não falem do mundo». E como a tão exemplar o fizeram guardião do Con-

em Pernambuco. Em 1587 veio à Bahia, donde no mesmo ano foi enviado em missão a Portugal, voltando ao Brasil em 1590 com mais religiosos. Jaboatão põe em dúvida o ano da morte; Frei Apolinário o coloca em 1592 em Olinda; na realidade, o frade faleceu em 1605 em Jacocá (PB). Cf. JABOATÃO 1, II, p. 56, 121, 167-168, 171, 284-299.

(40) Frei Antônio do Campo Maior (+ 1601) não pertencia aos sete fundadores (ao contrário do que afirma o A.), mas veio ao Brasil em inícios de 1588 com cinco companheiros. No mesmo ano fundou-se o Convento de Igarapé, do qual Frei Antônio foi escolhido guardião. Em 1590 foi o fundador e primeiro guardião do Convento da Paraíba. Em 1592 voltou a Olinda, onde faleceu. Frei Antônio dedicou-se muito às missões entre os índios. Cf. JABOATÃO 1, II, p. 167, 171, 299-307; *Livro dos Guardiães do Convento de Santo Antônio da Paraíba*, em *Studia XIX* (1966), p. 176, nota ¹.

vento da Paraíba; e deste, completando com grandes louvores de suas religiosas virtudes o cargo que (p. 25) a obediência o obrigou a exercitar, foi mudado para este, onde com notável opinião de sua exemplar vida acabou no ano de mil seiscentos e um.

Não nos merece menos lembrança à nossa Província o venerável Padre Frei Brás de São Jerônimo, ⁽⁴¹⁾ pois dela [MS: dele] também foi prelado, quando de todos os conventos que havia no Brasil foi Custódio, onde conseguiu fama de grande pregador. Esmerava-se muito nos sermões de Nossa Senhora, de quem era devotíssimo. Falava sempre de Deus e de sua infinita bondade e imensidade com particular graça e energia. Portava-se nos capítulos com tanto espírito e devoção, que a todos compungia e obrigava a lágrimas. Mortificava-se no refeitório com demasiadas abstinências para exemplo dos mais. (p. 26) E sobretudo era tão pobre que, depois de servir os cargos de Provincial da Província de Portugal e Custódia do Brasil, não tinha coisa na cela em que se pudesse por olhos. Sendo já velho e andando de pé, foi à do guardião dizer-lhe que se ia para a enfermaria esperar os últimos sacramentos, porque queria morrer. E depois de os receber com humildade de santo e contrição de pecador, partiu desta para a outra vida mui consolado, sem febre nem frio, admirando a todos a grande serenidade e paz d'alma com que finalizou sua carreira no Convento de Santo Antônio dos Capuchos de Lisboa, aos dez de junho de mil seiscentos e trinta e três anos.

O venerável Irmão Frei Francisco do Rosário, ⁽⁴²⁾ natural da cidade do Porto, que foi (p. 27) dos primeiros sujeitos que

(41) Frei Brás de São Jerônimo (+ 1633) foi o 3º Custódio. Chegou ao Brasil em 1596 e governou a Custódia até 1602. Demorou-se aqui mais uns anos, voltando a Portugal em 1607, sendo imediatamente eleito Provincial de sua Província de Santo Antônio. Morreu em Lisboa. No Brasil abriu o primeiro Curso de Artes no Convento de Olinda em 1596. Não fundou nenhum convento. Cf. JABOATAO I, I, p. 224-225.

(42) O A. traz estes dados sobre Frei Francisco quase *ipsis verbis* no seu *Pequenos na Terra*, I, p. 573-574. Jaboatão fala em duas idas ao Maranhão, uma entre 1600-1615 e a outra em 1624. Dali, em 1625, fez excursão missionária até o Pará. Seu retorno a Custódia teria sido por volta de 1630. A data da morte assinalada pelo A. (28 de julho de 1649) é copiada do Agiologio Lusitano. Jaboatão diz que morreu a 24 de fevereiro de 1650, na idade de 84 anos, afirmando que tirou os dados do Livro de Obitos da Custódia. Os títulos das duas obras de Frei Francisco, hoje perdidas, são: *Tratado dos Ritos, Costumes e Línguas dos Brasis* (em português) e *Catecismo para o Gentio do Brasil* (em língua indígena). Cf. JABOATAO, I, I, p. 355-356; JABOATAO 2, p. 113-126.

vestiram o seráfico hábito no Convento de N. S. das Neves de Pernambuco. E posto que tinha bastante notícia da língua latina, contentou-se com o humilde estado de Leigo, entendendo que nele serviria melhor a Deus e à Religião; no [MS: na] qual viveu sempre com muito exemplo, estranha pobreza e rara abstinência. Nunca repousou em cama, porque, sendo esta de ordinário uma tábua nua, sobre ela punha paus e pedras, para mais se mortificar e melhor despertar para a oração, em que pernoitava sem lhe faltar. Não deixando hora alguma de ler ou rezar, para se isentar da ociosidade, que é a polilha dos corpos. E depois de velho, seu exercício principal era ajudar devoto todas as missas com grande sofreguidão; porque, ainda bem não acabava uma, quando já ia com outra, temendo que viesse algum tomar-lhe o lugar; e para (p. 28) isto amanhecia na sacristia. A mocidade gastou nas aldeias doutrinando e ensinando as orações aos gentios, cuja língua falava também como eles. E assim foi mandado pela obediência ao Maranhão, onde fez assinalados serviços a Nosso Senhor, rompendo aquele mato bravo do sertão com o arado da fé, catequisando a uns e batizando a outros, de maneira que trouxe inumeráveis ao conhecimento dela; de cujos ritos, costumes, trajes fez um livro em vulgar, de que se aproveitaram os holandeses quando tomaram Pernambuco; e um catecismo na língua brasilica, em que resplandeceu o fervor de seu espírito. Finalmente conheceu a restauração de Portugal muito antes que sucedesse, com as circunstâncias que depois se viram. E se nisto o encontravam, dizendo que tudo era zombaria quanto publicava, respondia que (p. 29) nascera forro e que forro havia de morrer; e porque os que nasceram cativos não sabiam estimar a liberdade, por isso a não conheciam. Finalmente chegou Frei Francisco a uma dilatada velhice, quando ela serve mais de pena que de descanso, coroando-a com morte santa, que foi a vinte oito de junho de mil seiscentos quarenta e nove, no Convento de Nosso Padre São Francisco da cidade da Bahia.

Outros muitos religiosos floresceram e têm continuado em edificar aos viventes deste novo império com suas santas vidas, cujas não relato, como são o venerável servo de Deus Frei Cosme, ⁽⁴³⁾ que continuamente está ao presente resplandecendo

(43) Frei Cosme de São Damião, chamado *O Venerável* (1574-1659), foi o 13º Custódio, governando de 1633 a 1639. Vestiu o hábito em 1597. Acompanhou a expedição que foi expulsar os franceses do Maranhão em 1614. Os holandeses, mais tarde, o prenderam e deterraram para a Serra Leoa; não podendo, porém, desembarcar ali, voltou a Pernambuco. Maurício de Nassau

com milagres, e outras, por querer dar dos que descansam nos conventos de nossa Província e das coisas principais dela a notícia que a isso se dirige este nosso epítome, antecipando-me com as que até aqui estão escritas por também nos pertencerem a uma, (p. 30) por mostrar os anos do descobrimento da terra em que está situada esta santa Província, mãe deste indigníssimo filho e dos de Nosso Seráfico Padre que floresceram nestas terras; sendo nelas os primeiros que arvoraram a santíssima cruz de Cristo, eles os primeiros que celebraram o santo sacrifício da missa, levantaram altares e plantaram igrejas, pregaram e ensinaram nossa santa fé, batizaram inumeráveis, e os primeiros mártires americanos; continuando com os mais até o venerável Frei Francisco, porque ainda nos dizem respeito de serem ambas as Províncias que hoje há, então, quando os tais e outros floresceram, uma só Custódia, composta dos conventos donde se formaram uma e outra Província.

A outra razão que me moveu ao mais escrito antes do referido: me pareceu preciso e necessário para melhor inteligência dos que lerem, constando-lhe[s] são os religiosos (p. 31) que habitam na América todos descendentes da santa Província capucha de Santo Antônio de Portugal, e esta da sempre ilustre e santa fundada por dois santos discípulos de Nosso Seráfico Padre São Francisco, quais foram os santos Frei Zacarias e Gualter, conhecida com o título honorífico da Observância, ou de Portugal.

Advirto, porém, que os tais religiosos que dizemos são os de que se formam as duas Províncias e Custódia da América; pois também há na mesma, da Província capucha da Piedade, um hospício na Vila de São Jorge dos Álamos e outro na Vila do Camutá; ⁽⁴⁴⁾ e dos Padres Capuchinos ⁽⁴⁵⁾ outro na Bahia, a quem imita Pernambuco com outro; além de aldeias e missões, em que uns e outros religiosos assistem.

deu-lhe a liberdade. Cf. JABOATÃO I, I, p. 235-236 e II, p. 89-90; JABOATÃO 2, p. 127-242.

(44) Camutá (ou Çametá) e São Jorge dos Álamos situam-se no Pará.

(45) *Padres Capuchinos*. O A. refere-se certamente aos Padres Capuchinhos (OFMCap), que nesta época (1730) tinham residências na Bahia e em Pernambuco. O termo *Capuchinho* em geral se refere aos franciscanos alcantarinos, chamados comumente *Descalços* ou *Capuchos*.

Dos fundadores desta santa Província e das capitânias em que está fundada

Tendo passado quatrocentos e cinqüenta e um anos que Nosso Seráfico Padre São Francisco plantou sua sagrada Religião, principiou a nossa santa Província a ser Custódia no de mil e seiscentos e sessenta, ⁽⁴⁶⁾ sendo o primeiro prelado dela o Irmão Pregador Frei Antônio dos Santos, ainda que sua confirmação pelo Revmo. Padre Geral se houvesse no de mil e seiscentos e setenta. Depois do qual continuou mais cinco anos, até que no de mil seiscentos e setenta e cinco foi eleita Província, como havemos dito.

À qual deu principio o segundo Custódio que veio da Província de Santo (p. 33) Antônio de Portugal, chamado Frei Leonardo de Jesus. ⁽⁴⁷⁾ Este fundou o primeiro convento desta santa Província, qual é o do Nosso Padre São Francisco da Vila da Vitória; ⁽⁴⁸⁾ e também o segundo, que é a casa capitular, na cidade do Rio de Janeiro, intitulado-o de Santo Antônio, ao qual deu principio no ano de mil e seiscentos e oito, ⁽⁴⁹⁾ e ao da Capitania do Espírito Santo no de mil e quinhentos e noventa e

(46) A criação da Custódia da Imaculada Conceição fora decretada no 1º Capitulo Provincial a 5 de novembro de 1659. A aplicação prática desta resolução se deu no ano de 1660, quando o Custódio nomeado, Frei Antônio dos Santos, realizou a visita canônica da Custódia recém-criada. Cf. JABOATÃO 2, p. 598-600; ROEWER, *História*, p. 13-14.

(47) Frei Leonardo de Jesus, português, foi o 2º Custódio (1594-1596). Acabado seu mandato, voltou a Portugal. Segunda vez exerceu o cargo de Custódio (1606-1609), findo o qual novamente se retirou à sua Província. Ali exerceu o cargo de Provincial (1617-1620). Não consta a data da morte. Cf. JABOATÃO 1. I, p. 224, 226-227.

(48) O convento de Vitória foi iniciado em 1591 por Frei Antônio das Chagas e Frei Antônio dos Mártires, enviados por Frei Melchior de Santa Catarina em fins de 1590. Cf. ROEWER, *Páginas*, p. 29; cf. também abaixo, § 7.

(49) Deve ser 1592, data em que vieram dois frades para o Rio, mandados por Frei Melchior de Santa Catarina, para fundarem convento. Este, porém, não foi fundado e os frades voltaram ao Espírito Santo. A data de 1607 que o A. aqui traz é a da aceitação da fundação do convento por parte de Frei Leonardo de Jesus. Cf. abaixo, § 5.

cinco. E ainda que o Padre Frei Belchior de Santa Catarina, Custódio primeiro e fundador da Custódia do Brasil, aceitou os lugares para eles, o do Rio de Janeiro no ano de mil e seicentos e sete e o da Capitania no de mil e quinhentos e noventa, porém nos nove anos que governou se ocupou na fundação de quatro casas, ⁽⁵⁰⁾ que hoje são da mui santa Província de Santo Antônio do Brasil. E querendo vir (p. 34) dar princípio aos de que hoje tem por primeiros a nossa Província, o atalhou uma grave enfermidade que lhe deu em Pernambuco, donde se foi para o reino, tendo já chegado o dito seu sucessor, o qual com cinco religiosos mais se achava na Capitania do Espírito Santo, aos vinte um de março, dia do glorioso Patriarca São Bento, do ano de mil quinhentos e noventa e cinco, botando a primeira pedra no alicerce do Convento de Nosso Padre São Francisco da Vila da Vitória e de toda a Província; onde se foram continuando outras fundações por várias partes destas capitanias do sul, florescendo em todas como idéias daqueles santos protótipos, em grandes glórias de Deus e benefícios das almas. Não possuindo nada pelo nosso instituto, se vê claramente nos não têm na América os interesses (p. 35) de seus grandes haveres, mas sim o da salvação das almas que nela [MS: nele] habitam.

Tem hoje a Província, além dos dez conventos com que foi eleita Província, de que fiz memória no § 2º, mais três conventos e cinco hospícios; ⁽⁵¹⁾ cujos estão repartidos a saber: na Capitania do Espírito Santo dois conventos; na do Rio de Janeiro cinco conventos e um hospício; na de São Paulo seis conventos e dois hospícios; na da Colônia um hospício; e na corte e cidade de Lisboa Ocidental outro; que por todos fazem o número de treze conventos e cinco hospícios, dos quais principiaremos no seguinte parágrafo a narrativa.

(50) São os conventos de Olinda, Bahia, Igarapé e Paraíba. Como, porém, o de Vitória também se fundou no governo de Frei Melchior (ao contrário do A. aqui e abaixo afirma), os conventos fundados por Frei Melchior são cinco.

(51) Estas casas não mencionadas no início, porque fundadas após a criação da Província, são: Conventos de N. S. dos Anjos de Cabo Frio, São Luis de Itu, Bom Jesus da Ilha; e Hospícios de São Miguel (aldeia de índios), São João de Peruipe (aldeia), Santo Antônio dos Guarulhos (aldeia), N. S. da Conceição de Lisboa (sede dos procuradores), N. S. da Conceição da Colônia do Sacramento. A Província teve mais alguns hospícios e aldeias de índios, fundados após 1730 e por isso não mencionados pelo A.

Descrição do Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro e algumas notícias da cidade em que está fundado ⁽⁵²⁾

(p. 36)

A rica e opulenta cidade do Rio de Janeiro, assim chamada por ser no primeiro deste mês [MS: dia] descoberta, está em altura de vinte e três graus. É esta cidade a corte de todas as nossas praças do sul, a mais ilustre dos três governos em que se dividiu por sua antiguidade, magnificência e trato de seus moradores, que chegam a dez mil vizinhos, havendo outros tantos nos seus recôncavo[s]. É a cidade de mediana grandeza, mas de muita formosura. Fundada em sitio raso, se estende tão igual com a sua ribeira, que por todo um lado a lava o mar. Compõe-se a cidade de suntuosos edificios e de magníficos templos. Chegam estes a vinte, em que entram quatro edificadados juntos dela. A igreja catedral é um deles [MS: uma delas], elevada a esta dignidade no ano de mil (p. 37) seiscentos e setenta e seis, pelo Pontífice Inocêncio undécimo; e o seu primeiro bispo Dom Frei Manuel Pereira, ⁽⁵³⁾ religioso de São Domingos, que depois de sagrado renunciou ao bispado; e foi então eleito Dom José de Barros de Alarcão. ⁽⁵⁴⁾ Sendo o segundo na ordem da nomeação, foi o primeiro que passou a esta cidade. A quem sucedeu Dom Francisco de São Jerônimo, ⁽⁵⁵⁾ cuja morte foi mui sentida pela muita

(52) Sobre o Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro. Cf. ROEWER, *O Convento*, 3ª ed., Petrópolis 1945; JABOATÃO 2, p. 425-438.

(53) Dom Frei Manuel Pereira OP (1625-1688) era sábio e exercera cargos importantes na sua Ordem. Eleito primeiro Bispo do Rio em 1676 e sagrado em Roma onde se achava, renunciou em Lisboa em 1680, sem ter chegado a tomar posse.

(54) Dom José de Barros Alarcão (1634-1700), do clero secular, foi professor em Coimbra e membro do Tribunal da Inquisição. Como Bispo, fez visita pastoral a São Paulo, inaugurou a Sé e instituiu o cabido. Acusado de invasor das atribuições régias, passou dez anos em Lisboa defendendo-se das acusações.

(55) Dom Frei Francisco de São Jerônimo (1638-1721), da Congregação dos Cônegos Regulares de São João Evangelista, foi Superior Geral da sua

benignidade e amor com que este singular pastor cuidava e favorecia as suas ovelhas. Ao qual hoje dignamente imita no lugar o ilustríssimo Senhor Dom Frei Antônio de Guadalupe, ⁽⁵⁶⁾ da minha sagrada Religião. Pela outra parte da cidade é cercada de quatro montes que a defendem, assim pelas fortalezas que em dois há, mas muito mais por em cada um estar fundado convento. ⁽⁵⁷⁾ onde a Deus se suplica por ela e seus moradores (p. 38) de noite e de dia; além do de N. S. do Carmo que como o coração deste povo está no interior da cidade.

A singular enseada que, entrando por novecentas braças que tem de largo a barra, se vai estendendo por vinte e quatro léguas de circunferência e oito de diâmetro, em que tributam suas doces águas dezessete rios, fazem mais plausível esta cidade. Seu porto é freqüentado de inumeráveis embarcações de Portugal e do Brasil, pelo comércio que desta freqüência lhe resulta.

Foi fundada por Mem de Sá, ⁽⁵⁸⁾ General de todo o Brasil, a quem intitulou Cidade de São Sebastião e a cujo patrocínio atribuíram todos quando venceram aos que, inimigos declarados, nos impediam a possessão desta terra; em que houve indícios (p. 39) certos (como é tradição constante) fora nela capitão, sendo por muitas pessoas visto no combate pelejar diante dos portugueses um mancebo tão valoroso quanto desconhecido, que

Congregação. Recusou a mitra de Macau, mas aceitou a do Rio, para a qual foi nomeado em 1700, ocupando-a até a morte. Por três vezes assumiu o governo civil do Rio e o exerceu a contento de todos. É considerado até hoje o mais santo dos Bispos do Rio.

(56) Dom Frei Antônio de Guadalupe OFM (1672-1740), formou-se em Coimbra e era grande pregador. Ocupou a Sé do Rio de 1725 a 1740. Tornou-se conhecido pela severidade. Construiu muitas obras, inclusive o Seminário São José. Exerceu de 1738 a 1740 o cargo de Interventor Apostólico na Província da Imaculada, à qual o A. deste Epítome pertencia.

(57) Cremos que o A. quer referir-se a *cada um dos dois morros em que há fortaleza*: são o Convento de Santo Antônio e o Mosteiro de São Bento. Não cremos que o A. quisesse se referir a *cada um dos quatro morros que circundam a cidade*, pois não havia convento nos outros. Com efeito, no morro do Castelo haviam estado os Capuchinhos por alguns anos, mas só tiveram ali pequeno hospício, em que nessa época morava o bispo, tendo-se os Capuchinhos retirado para o morro de Santa Tereza. E ali não tinham convento, mas uma simples casinha. Os conventos de Santa Tereza e do Morro do Castelo só foram levantados após 1730, ano em que o A. escreve este Epítome.

(58) Quem de fato construiu a cidade de São Sebastião em 1565 foi Estácio de Sá, sobrinho do 3º Governador Geral Mem de Sá.

a piedade e devoção julgou ser o glorioso santo, ao qual haviam tomado por protetor, memória que conserva sempre esta cidade nos cultos de padroeiro que lhe dedica. Foi seu primeiro Governador Salvador Correia de Sá. ⁽⁵⁹⁾ Dele descende a nobilíssima família dos Correias e Sás do Rio de Janeiro, que por largos e sucessivos anos tiveram o governo desta capitania e ocuparam grandes lugares em África, Ásia e Portugal, em cuja corte existe a sua baronia e primogenitura com o título de Viscondes de Asseca, em cujos ilustríssimos Senhores anda a alcaidaria-mor desta cidade.

Em um dos montes (p. 40) que cercam a cidade, como havemos dito, a quem serve de penha a real fonte desta singular povoação, está fundado o seráfico Convento de Santo Antônio. Posto que não fosse o primeiro desta Província pela antiguidade de sua fundação, descreveremos em lugar primeiro pela grandeza de sua dignidade; pois sendo cabeça de toda ela deve preferir aos outros membros, aos quais leva por muitos títulos vantagens que sobram a dar-lhe esta precedência, ainda quando não lograra aquela prerrogativa.

Foi a sua fundação no ano de mil seiscentos e oito, para a qual vieram os religiosos a fundá-lo ⁽⁶⁰⁾ por satisfazer aos desejos, como mostravam nas contínuas súplicas, dos moradores desta cidade. O que bem desempenharam nas grandes honras com que (p. 41) os nossos religiosos foram recebidos e tratados, como no grande fervor em que se trabalhou em completar o convento, dando-lhe a terra para ele [MS: ela] e assinando para isso escritura, com as particularidades de que nunca haveria outro convento mendicante nem igreja com o título de Santo Francisco ou de Santo Antônio ao diante. A sua fábrica é demonstrativa de nossa profissão; ⁽⁶¹⁾ a igreja, porém, é muito perfeita. Nele se veneram algumas reliquias, como é a do Santo Lenho, a cabeça de uma das

(59) Salvador Correia de Sá sucedeu ao fundador e primeiro Governador Estácio de Sá em 1567, deixando o cargo em 1570. Novamente governou o Rio em 1576, deixando o cargo em 1598.

(60) Em 1607 vieram os cinco religiosos fundadores: Frei Leonardo de Jesus (Custódio), Frei Vicente do Salvador, Frei Estêvão dos Anjos, Frei Francisco de São Brás, Frei Francisco da Cruz. Cf. ROEWER, *O Convento*, p. 19; JABOATAO 2, p. 420. No ano seguinte (1608) começou-se a construção do convento.

(61) O que significa: é pobre. O convento que o A. descreve é o antigo, derrubado em 1750 para a construção do atual. A igreja é a mesma, começada em 1608 e terminada em 1620; apenas os altares são novos.

onze mil virgens, além de outras menores de vários santos. No corpo da igreja está, no lado da Epístola, a capela da venerável Ordem Terceira e por detrás dela outra como grandiosa igreja com sete altares, que serve para os santos exercícios dos Irmãos. Do lado dito da nossa igreja se venera no altar colateral a imagem de Nosso Seráfico Padre São Francisco, e no altar da banda do Evangelho uma (p. 42) muito perfeita de N. S. da Conceição. No altar-mor está o Diviníssimo Sacramento e a milagrosíssima imagem de Santo Antônio, atrativo dos corações de todos os que a vêem. Cujá cabeça, sendo um pobre que em breve espaço a fez, em uma confusão deixou os religiosos, achando-a [MS: o] mesmo [MS: menos] sem lhe abrirem as portas. As deste convento em outra ocasião estavam fechadas, porque no refeitório estavam os frades dando graças a Deus pela falta que experimentavam, que sendo horas de jantar não tinham os pobres de Cristo quê. Mas a divina providência nos enviou à portaria o remédio: à qual tocando-se, mandou o guardião ao porteiro fosse ver o que era, que talvez, como outras vezes tem sucedido em nossa Ordem, estivesse à porta alguma esmola. Não houve mais dúvida que chegar o porteiro abrir (p. 43) a porta, para entrarem dois negros com um grande caldeirão, em que veio de jantar, que com muita abundância comeram os pobres religiosos. E querendo o guardião saber de quem eram os mensageiros, para lho agradecer, não se acharam, ficando eles dentro e não se ter aberto a porta. De que, ficando na certeza por esta causa eram de Deus enviados, lhe foram render as graças, reconhecendo na intercessão de Santo Antônio, titular deste convento, o muito cuidado que tinha de seus moradores. No povo é grandíssima a devoção a este santo, obrigados dos muitos favores que por sua intercessão estão recebendo continuamente.

No claustro deste convento se venera uma imagem de Cristo, a quem visitam em sua capela muitos devotos e principais pessoas; e certamente, além de prodigiosa, é das melhores de barra adentro. No capitulo desta casa, portaria e Via-Sacra se acham mais (p. 44) quatro altares de devotas imagens e dois grandes nichos: em um o nascimento do Nosso Padre São Francisco, e do mesmo no outro o seu glorioso trânsito.

Sempre neste convento há estudo de Filosofia, a qual acabando-se se lê Teologia. Algumas vezes foi casa de noviciado, e é aonde se fazem os atos capitulares da Província. Nele assistem

cento e vinte religiosos e às vezes chegam a cento e trinta, como já nele contei. Foi sempre este santo convento muito venerado de todos e principalmente dos ilustríssimos bispos desta cidade. E nele no ano de mil setecentos e vinte dois fez assistência Monsenhor Carlos Ambrósio, Patriarca de Alexandria, ⁽⁶²⁾ que vindo do império da China aportou nesta terra; na qual, cumprimentado de seu Governador e da Câmara e mais religiosos, de nenhum convento quis fazer domicílio, (p. 45) senão de nosso, onde religiosamente comia com os religiosos, levando muito mal que o tratássemos com mais alguma particularidade.

Na mesma forma de amor a esta casa, a [MS: o] visitaram os Senhores Governadores e com especialidade os Senhores Francisco de Távora e Aires de Saldanha, ⁽⁶³⁾ que amiudamente nos mostravam o seu amor e grande devoção a Santo Antônio. Ao qual, vindo da Colônia Sebastião da Veiga Cabral, ⁽⁶⁴⁾ Governador que havia sido daquela praça, prendou com um rico bastão que tem nas mãos como militar. E como tal recebe o síndico deste convento o soldo do Santo, que é de capitão, hoje dobrado por mercê de El-rei N. S. Dom João V.

Finalmente é este convento seminário de virtudes, em que muitos religiosos bem [MS: que bem] estudaram para exercitá-las, dando-nos com suas exemplares vidas as mostras de que por elas iam aliviar-se na glória suas almas, (p. 46) e a nós, para sua memória neste convento, os seus cadáveres, onde se lhe[s] finalizou seus bem empregados dias.

(62) Trata-se de Mons. Carlos Ambrósio Mezzabarba, que estivera na China como enviado do papa, para procurar um acordo com o Imperador na famosa Questão dos Ritos Chineses.

(63) Francisco Xavier de Távora (1687-1716) era português. Nomeado Governador do Rio em 1713, construiu o forte da Laje. Morreu louco. Aires de Saldanha de Albuquerque Coutinho Matos e Noronha governou o Rio de 1718 a 1724; construiu várias obras, inclusive a fonte chamada da Carioca junto à ladeira do Convento de Santo Antônio.

(64) Sebastião da Veiga Cabral (+ 1730), português, após governar a Colônia do Sacramento, voltou a Portugal. Voltando ao Brasil, foi preso devido a calúnias lançadas contra ele. Escreveu *Descrição da Colônia do Sacramento*.

De alguns religiosos de virtude que houve neste convento e nele estão sepultados: como também de outro que, sendo dele guardião, passava a Portugal e acabou em Marrocos

1. Frei Antônio da Madre de Deus. ⁽⁶⁵⁾ Com universal fama de Santo passou neste convento das penalidades terrenas às glórias celestes o muito virtuoso Padre Frei Antônio da Madre de Deus, chamado de alcunha O *Carmelita* (pela grande afeição que tinha a esta sagrada família), um dos seus primeiros fundadores, onde resplandeceu com religiosos costumes e desvelos, assim no espiritual como no temporal das coisas, (p. 47) com que se fez amado de todos. Este servo fiel, depois de viver aqui muitos anos com contínua penitência e ardente oração, acabou o curso mortal alegremente, granjeando-lhe o Senhor na morte aplausos de santo, porque além de ficar o seu corpo brando e tratável, indícios de sua pureza, suou quantidade de água por espaço de vinte e quatro horas. Pelo que o administrador que então era da cidade Mateus da Costa Morim ⁽⁶⁶⁾ lhe fez dilatar o enterro, mandando chamar médicos peritos para fazerem exame naquele frio cadáver. Os quais julgaram por sobrenatural o sucesso, de que se tirou jurídico processo *ad perpetuum rei memoriam*. Foi seu ditoso trânsito no ano de mil seiscentos e vinte um; e o primeiro religioso que neste santo convento finalizou.

2. Frei Cipriano da Conceição. ⁽⁶⁷⁾ Não está no Catálogo dos guardiães. O servo de Deus Frei Cipriano da Conceição, filho desta Província, sendo guardião no Convento de Santo Antônio

(65) Frei Antônio da Madre de Deus foi superior do recolhimento dos frades de 1612 a 1614, dando grande impulso à construção do Convento de Santo Antônio. O apelido de *Carmelita* lhe veio por ter pertencido um tempo àquela Ordem. Cf. FREITAS, *Elencho*, n.º 2; JABOATAO 2, p. 434-435; ROEWER, *O Convento*, p. 34.

(66) O Padre Mateus da Costa Morim (ocorre também Aburim, Alborim, Alboim, Amorim) foi o 3.º Prelado do Rio de Janeiro (1606-1629). Mostrou-se muito zeloso na escolha dos sacerdotes e na luta pela liberdade dos índios, fulminando penas contra os colonos que os trucidavam. Por isso morreu envenenado.

(67) Frei Cipriano da Conceição: Não conseguimos obter mais dados sobre ele, nem saber donde o A. tirou estes, nem por que não estava no livro dos guardiães (hoje perdido).

da cidade do Rio de Janeiro, foi pela obediência enviado a Portugal, em cuja viagem foi cativo (p. 48) dos mouros e o levaram a Marrocos. Logo que a Ordem teve notícia de seu cativo e seus parentes, que eram muitos e bem acomodados, se aplicaram todos a tirá-lo daquelas cadeias; e desde logo que se propôs a matéria a el-rei, admitiu o ajuste. Porém, o servo de Deus havia posto já seu coração todo em a desamparada e pobre igreja que ali tínhamos. Vendo-a como prenda cativa da sua Ordem e casa de tantos santos mártires, quis venerar sempre ali suas gloriosas memórias. E assim escreveu a seus parentes que não se cansassem em seu temporal alívio, porque se considerava já cheio da [de] vocação que havia tido sempre, ainda que Deus lhe havia retardado e dado agora o logro com aquele acidente, a que a prudência humana chamava infortúnio. Escreveu também aos prelados que se servissem de permiti-lo em aquela terra, sendo escravo naquele terreno em que sua mãe séráfica havia sacrificado (p. 49) tantos filhos em abono da fé. Foi exemplaríssimo penitente de uma oração continua e verdadeiro ministro apostólico, em cujo exercício achou a morte cheio de méritos, que sem dúvida lhe conseguiram o céu, já que não quis Deus que lograsse a palma do martírio, que tanto lhes pediu que o sepultassem à porta da igreja, para que todos os cativos perdão da tibieza com que os havia servido; e juntamente lhes pediu que o sepultassem à porta da igreja, para que todos os que entrassem em aquele santo templo pisassem o mais indigno ministro que haviam tido aqueles altares. Deram-lhe os cativos aquele gosto pelo muito que o amavam, pois quando entraram os religiosos da Província de São Diogo de Andaluzia do reino de Castela a residir naquela santa igreja, estava mui viva [MS: veuva] em o carinho de todos, sendo a voz pública pregoeira de suas virtudes.

3. Frei Manuel de São José. ⁽⁶⁸⁾ Neste convento descansou (p. 50) o Padre Frei Manuel de São José, filho desta santa Província e guardião que foi do Convento de São Boaventura, de grande espírito de oração, onde derramava muitas lágrimas; e movido de grande dor e compunção lhe ouviam dar sentidos soluços, sendo a sua vida exemplar atrativo aos mais religiosos. Finalmente foi aquele que profetizou o dia de sua morte. E antes dela se andou despedindo de todos os frades deste convento, onde

(68) Frei Manuel de São José (+ 19 de agosto de 1687) foi superior do Convento de São Boaventura de Macacu de 1653 a 1656. Cf. FREITAS, *Elenco*, n.º 44.

morreu com admirável opinião de suas muitas obras e advertida viagem que fazia para a eterna vida.

4. Frei Sebastião dos Mártires. ⁽⁶⁹⁾ No mesmo convento rendeu ao Senhor seu espirito o Padre Pregador, Frei Sebastião dos Mártires, natural de Rio de Janeiro e filho desta santa Província, de muito zelo e claro juízo e mui agradável na conversação e aceito na prêdica. O qual, por suas relevantes (p. 51) prendas e particularmente por sua muita virtude, o occupava a Religião em vários cargos, sendo guardião do Convento da cidade de Olinda em Pernambuco, no de São Boaventura do Macacu e Visitador dos conventos do sul, que são os de nossa Província. Em cujos cargos se portou sempre como encomenda o Nosso Padre São Francisco em nossa santa regra: que os ministros sejam servos dos outros frades. Cujá humildade era conhecida e admirada de todos; não menos sua pobreza, pois não possuía coisa alguma e pouco antes da sua morte repartiu uns mimos de fruta que uma sua irmã lhe havia mandado, que sua pobreza parece escrupulizava em que lhe daria cargos da dita fruta; tendo perfeito juízo até a hora da morte, usando nela tais termos que a todos deixou agradados e sentidos.

5. Frei Diogo das Chagas, ⁽⁷⁰⁾ no Convento de São Boaventura. Não deixou de si menos opinião o Irmão Frei Diogo, religioso de profissão Leigo (p. 52) e filho desta santa Província, o qual com grande zelo e fervor servia a Deus e à Religião, sendo grande o seu adjutório nas obras do Convento de São Boaventura, occupando na oração santa o tempo que lhe sobrava do em que a obediência o tinha occupado. Castigava seu corpo pelo trazer sujeito ao espirito, não lhe servindo de estorvo o achar-se em casa dos seculares quando andava às esmolas, porque a tempo que lhe parecia conveniente de noite saía ao mato ou se punha debaixo de alguma árvore, ou em o campo, onde se disciplinava rigorosamente, que sem lhe velar a sua cautela foi algumas vezes visto dos seculares. Nos conventos era maior o seu rigor, muita a sua

(69) Frei Sebastião dos Mártires (+ 1666) foi o 1º frade carioca, tendo entrado na Ordem pelo ano de 1638. Cf. FREITAS, *Elencho*, nº 19; ROEWER, *O Convento*, p. 41-42.

(70) Frei Diogo das Chagas, apelidado O Velho (1618-1707) viveu quase toda a vida em Macacu. Cf. FREITAS, *Elencho*, nº 74; CONCEIÇÃO, *Pequenos na Terra III*, p. 403-404; ROEWER, *Páginas*, p. 168.

humildade. E cheio de anos, tendo com eles feito obras de muita edificação, acabou a sua carreira neste santo convento.

(p. 53)

6. Frei Estêvão de Jesus, ⁽⁷¹⁾ Neste convento foi noviço e professou para frade Leigo em o primeiro de maio de mil seiscentos cinquenta oito o Irmão Frei Estêvão de Jesus, de quem sempre houve boa opinião, assim nos religiosos como nos seculares. Sua muita caridade era conhecida e, para que tivesse bem em que a exercitar, ocupou-o a Religião no ofício de enfermeiro desta casa, onde se portava com tal modo que a todos agradava; não servindo só aos enfermos, em que muito se esmerava, mas igualmente aos sãos, aos quais cozia-lhes os hábitos novos e remendava-lhes os velhos. E quando a comunidade fazia algumas vestimentas, nelas se empregava, porque este foi seu ofício no século; e na Religião, não deixando de o usar, quando os seus amados doentes lho permitiam, servia a todos com muita alegria e vontade.

Chegava a noite e estando os (p. 54) enfermos em silêncio e não havendo algum perigo, saía para a igreja, onde gastava quatro horas em suas devoções e principalmente na oração mental. Era esta de tanta eficácia, que se dignava sua majestade conceder o despacho de algumas petições que lhe fazia. Pelo que muitos seculares vinham pedir ao prelado mandasse a Frei Estêvão lhe[s] encomendasse tal ou tal negócio a Deus. E outras vezes, obrigado da voz do prelado, ia visitar alguns doentes, que nisso tinham consolação. Para o que se valiam dos prelados, porque, a não ser assim, seria dificultosa a fé que na sua virtude tinham. Eram os incentivos destes devotos; e juntamente pela noticia de alguns sucessos, entre os quais vive mais lembrado este: que visitando a um cidadão desta cidade, do qual já desconfiavam os médicos, a este mandou o prelado (p. 55) visitar por Frei Estêvão, o que, como muito obediente que era, pontual cumpriu. E depois ao despedir-se avisou ao doente, melhoraria daquela enfermidade. O que cumprindo-se brevemente, confessava a mercê que Deus lhe havia feito, mas atribuindo-a aos merecimentos de Frei Estêvão. Assim lhe chamavam por ser de pequena estatura, ainda que mui agigantado na observância de nossa santa regra e especialmente mui afeto da santa pobreza.

(71) Frei Estêvão de Jesus (+ 2 de janeiro de 1687), chamado também *Estevinho*, era português, nascido em Vila Real. Cf. FREITAS, *Elencho*, n.º 42: CONCEIÇÃO, *Pequenos na Terra* I, p. 559-560.

Finalmente mui poucos dias antes de sua morte se confessou geralmente, a que se seguiu a última doença. Mas antes dela, indo fazer a barba no lugar destinado para isso, disse aos religiosos que ali se achavam: «Adeus, que vou a morrer». Ao que replicando os tais, acrescentou: «E este lenço (mostrando um que tinha na mão) é para me cobrirem o rosto». E assim sucedeu tudo, porque adoecendo logo, a seu tempo recebidos (p. 56) todos os sacramentos com a mesma devoção e reverência com que sempre usava fazer, passou à melhor vida, segundo piamente se crê pela muito exemplar e penitente com que peregrinou nesta. Foi seu trânsito entre as oito para as nove horas do dia oitavo de Santo Estêvão, dois de janeiro de mil seiscentos oitenta e sete, no convento desta cidade, onde concorreu às suas exéquias muito povo. E lhe cortaram o primeiro hábito em bocadinhos, que com muita consolação levavam. Ao segundo que lhe vestiram iam fazendo o mesmo. A que acudiram os religiosos, enterrando-o com toda a pressa; mas não se livraram com toda ela de o enterrarem já sem ele até os joelhos, deixando a todos saudosos a sua ausência.

7. O Irmão Frei Antônio de Jesus, ⁽⁷²⁾ de profissão em nossa sagrada Religião Leigo, filho desta santa Província. Nele [MS: nela] resplandesceu (p. 57) entre outras virtudes a da caridade para os próximos, mas mui rigoroso para si, na penitência mui exercitado e da [MS: de] santa pobreza que encomenda nossa santa regra mui amante. A oração era o seu auxilio e repouso. Na obediência se esmerava, na qual não só aos prelados obedecia, senão ainda aos de seu estado, como se viu no último dia de sua bem assombrada morte, que foi em o dia de Santo Antônio, no qual disse ao enfermeiro por se achar doente que tinha desejos de ouvir missa e ver a Deus sacramentado. O qual, que também era Leigo, lhe respondeu que os desejos lhe bastavam, visto estar impedido por causa da enfermidade que o tinha de cama e assim não podia ir a ela. Assim houve de obedecer. Mas entrando a missa na enfermaria (porque ele estava em uma celinha das que não ficam à vista do altar) depois dela tornado o enfermeiro a visitá-lo, o achou (p. 58) como o viu toda a comunidade, posto de joelhos no chão, encostado à cama, as contas entre as mãos

(72) Frei Antônio de Jesus, apelidado *Tatu* (+ 1688). Cf. FREITAS, *Elencho*, n.º 30; CONCEIÇÃO, *Pequenos na Terra* I, p. 562-563. A data da morte é 25 de junho (e não 13 de junho, como traz o A.). Cf. FREITAS e RITTEN, Menandro, *Livro de Óbitos da Província de Santo Antônio* (mimeografado), Recife 1957.

e estas levantadas ao céu. O que daqui se atribuiu que, tocando-se a campainha a Santos, se levantaria para a postura em que se achou e, ao levantar a Deus, se iria para ele. De que os religiosos davam graças ao mesmo Senhor; e o seu corpo deram à sepultura neste Convento de Santo Antônio, onde tomou o hábito na véspera do mesmo Santo, no ano de mil seiscentos cinquenta e seis. E no dia do mesmo santo, que se contavam treze de junho de mil seiscentos oitenta, este religioso Frei Antônio de Jesus, adorando-o sacramentado, lhe rendeu o espírito, ajustando a última conta pelas que tinha entre suas mãos quando faleceu.

8. O Irmão Frei Cristóvão da Conceição, ⁽⁷³⁾ filho desta santa Província, também religioso Leigo, tomou o hábito no Convento de Nosso Padre São Francisco da Vila de Vitória na Capitania do Espírito Santo, em dezenove de março de (p. 59) mil e seiscentos e cinquenta e quatro. Desde logo deu mostras havia saber desempenhar-se nas obrigações de religioso e de seu estado; e assim o exercitou em toda a vida. Era muito humilde, orava muito, comia e dormia pouco. Logo à noite se recolhia e às dez horas [MS: a dez horas] levantando-se ia para a igreja e, nela posto, ali gastava a noite em oração, até quase ao amanhecer. E então vindo ao claustro rezava pelos defuntos, lançando água benta nas sepulturas deles.

Ao mesmo rumo corriam suas abstinências e penitências, os acoites rigorosos e por largo tempo todas as noites, derramando deles muito sangue, como se viam nas plantas dos pés que dele ficavam esculpidas no chão. A sua comida era uma só vez ao dia, e esta algumas vezes mesclava com água. E sendo tão rigoroso para si, era mui caritativo para seus Irmãos e próximos. Finalmente exercitado em (p. 60) boas obras, que com muita diligência encobria, coisa de se não saber mais de suas virtudes, faleceu neste convento com grande opinião, no ano de mil setecentos e quatro. Suas alfaías repartiram os religiosos entre si; como de tal Irmão, constavam estas das contas por que rezava, cilício com que se cingia, disciplinas com que se açoitava, dedal, agulhas, alguns remendos e esses mui poucos; tal era a riqueza deste verdadeiro filho de meu Seráfico Padre São Francisco.

(73) Frei Cristóvão da Conceição (+ 1704) esteve familiarizado por longos anos com os indígenas, quando de sua permanência pelos conventos do sul. Os confrades o apelidaram de *Hitira*, palavra indígena que significa *nariz comprido*. Cf. FREITAS, *Elencho*, nº 70: CONCEIÇÃO, *Pequenos na Terra* I, p. 561-562.

A de outros mais pudera constar neste [MS: este] meu epitome, pois havendo tantos religiosos que nesta Província lhe souberam ganhar com suas virtudes o nome de santa, que muitos lhe dão, tiveram outros tão pouco cuidado de as escreverem para nossa lembrança [e] exemplo, que, havendo noticias de algumas obras heróicas, se vão continuando com o título de que as fizeram nossos religiosos, sem se nomear convento onde se fizeram, nem o nome de quem as obrou o era. Pelo que os (p. 61) deixamos com bastante sentimento nosso, acabando com isto a descrição deste convento, com preferência a todos. Continuaremos a narração dos outros, começando onde principia a nossa Província e acabando onde termina.

§ 7

Breve noticia da Vila da Vitória e do convento que nela temos ⁽⁷⁴⁾

É a Vila da Vitória uma linda povoação, a qual de fora alegre a vista; e entrando dentro, o olfato, pelas contínuas obras de bálsamo que nela com muito primor se lavram; não lhe faltando também incentivos para a devoção nos muitos servos de Deus que ali floresceram. Nem falta quê admirar na boa igreja Matriz; não menos a Misericórdia e a de Santa Luzia, e o [MS: no] Colégio dos Padres da Companhia, um dos mais antigos de suas fundações (nele descansa o grande servo de Deus o venerável Padre José de Anchieta); ⁽⁷⁵⁾ e dos religiosos (p. 62) de N. S. do Monte do Carmo; e o nosso, onde depositadas se veneram as reliquias de outro servo do Altíssimo, o venerável Frei Pedro Palacios.

O seu rio, em que o mar entra, faz a vila mais agradável. Está ela em altura de vinte graus e quinze minutos. Intitula-se a Vila da Vitória, por uma que os portugueses alcançaram consi-

(74) Sobre o Convento de São Francisco de Vitória, Cf. ROEWER. *Páginas*, p. 25-70; JABOATÃO 2, p. 388-414.

(75) Anchieta, falecido em Reritiba, foi enterrado na igreja de São Tiago, no Colégio dos Jesuítas em Vitória. Porém, já em 1609 seus restos mortais foram exumados e trasladados para o Colégio da Bahia, sendo mais tarde dispersados como reliquias.

derável de numerosa quantidade de bárbaros, que no mesmo lugar estavam situados.

Desta vila e de toda a Capitania do Espírito Santo, de cuja jurisdição é, os moradores tiveram tantos desejos de que viessemos fundar convento nela, que não só uma mas muitas vezes rogaram ao Padre Frei Belchior de Santa Catarina o viesse fazer, andando o dito Padre ocupado com as fundações dos conventos da banda do norte, dizendo-lhe que ao menos, não podendo vir, mandasse alguns religiosos para a (p. 63) fundação. Cuja oferta ele aceitou no ano de mil quinhentos e noventa, mandando dois de sua companhia ajuntar o necessário para sua fundação, para lhe vir dar principio depois de deixar prestes o da Paraíba. O que assim intentou e pretendeu, mas foi impedido pelos motivos que já ficam ditos e porque Deus tinha determinado esta preeminência para o seu sucessor, o Padre Frei Leonardo de Jesus, segundo Custódio da missão do Brasil. Chegando este a Pernambuco, novamente lhe suplicaram os moradores da Vila de que tratamos pela fundação que pretendiam, alegando-lhe para isso algumas justas causas. O que visto pelo Padre fundador desta Provincia e constar-lhe que, desde tantos anos que nos procuravam nunca afrouxara sua devoção, antes cada vez mais se lhe[s] aumentava, levado de sua benignidade, virtude e zelo de propagar a (p. 64) Religião (a qual, por suas grandes prendas e religiosos procedimentos, sem lhe servir de obstáculo seus poucos anos nem ter mais graduação que a de Pregador, fiou dele semelhante cargo de uma tal missão e nova fundação, onde havia religiosos de muito conceito em letras e virtudes), partiu de Pernambuco e, chegando a esta vila, nela foi recebido pelos oficiais da Câmara e mais pessoas de distinção, com geral alegria de todos os moradores, cujo amor inda hoje se reconhece e experimenta. E dos mesmos levados para suas casas, nelas assistiram, assim o Padre Custódio como seus companheiros, todo o tempo em que se fizeram a em que haviam de viver.

Depois de haverem descansado, foram com os moradores a ver o sítio para o convento, o qual agradou ao prelado (p. 65) quanto a pagarem, mas por causa da muita pedra que nele havia se entristeceu. O que conhecido pelos moradores, lhes representaram que eles haviam escolhido aquele lugar pelo melhor que havia, como por lhe ficar dentro mui boa água, que de uma penha nasce, e que por tal ofereciam; e que quanto às pedras, eles e seus escravos as tirariam a ferro e fogo. Satisfeito então, não duvidou na execução que com brevidade viu posta por obra. Limpo e aplanado

o sítio como convinha, com muita alegria [e] geral contentamento se deu princípio ao convento.

Aos vinte e um de março de mil quinhentos e noventa e cinco, dia do glorioso Patriarca São Bento, se lançou a primeira pedra nos alicerces deste convento, ⁽⁷⁶⁾ e nele a todos os mais da Província, pois ele entre os mais foi o primeiro e o quinto entre todos os do Brasil. Trabalhou-se com tais desejos, por nos assegurarem que quando foi em dia de N. S. dos Anjos já as paredes estavam engalgadas e na (p. 66) igreja se dissesse a primeira missa. Muito tem a nossa Província em sua fundação que gloriar-se pelas particularidades seguintes: E a primeira casa que teve a Religião seráfica era do glorioso Patriarca São Bento; esta santa Província, a primeira casa que teve do mesmo santo foi fundada. A primeira da Religião se intitulava N. S. dos Anjos; esta primeira igreja da minha santa Província, no próprio dia da mesma Senhora nela se celebrou a primeira missa. ⁽⁷⁷⁾ Nosso Padre São Francisco tomou a Mãe de Deus por amparo da sua Religião; esta Província tem a mesma Senhora por patrona e singular padroeira, intitulando-se toda ela de N. S. da Conceição; ficando no lugar mais honorífico de três Províncias que se jactam com o timbre deste santíssimo nome, porque sendo da Conceição de Espanha a primeira, a nossa a segunda e a da Conceição em Portugal a terceira, toca-lhe o lugar mais honrativo, ficando entre as duas.

É este santo convento muito perfeito pela (p. 67) regularidade com que foi fundado e adornado de pobres e pequenas celinhas e suas oficinas. A igreja com três altares: no da Epístola, uma boa imagem da Conceição; no da parte do Evangelho, a de São Boaventura; e no altar-mor, em que preside em seu tabernáculo o Diviníssimo Sacramento, as imagens de Nosso Padre São Francisco e de Santo Antônio e a do glorioso São Benedito, tão milagroso como venerado neste povo. A quem todos os anos gratificam as

(76) Engana-se o A., pois o convento foi começado em 1591. A 21 de março de 1595 lançou-se a pedra fundamental da igreja, que ficou pronta e foi inaugurada no dia de N. S. dos Anjos (2 de agosto) do mesmo ano. O Custódio Frei Leonardo não pode ter estado presente, pois neste tempo se achava certamente em Olinda. Cf. JABOATAO 2, p. 388-397; ROEWER. *Páginas*, p. 27-33.

(77) Colocamos nesta ordem as palavras desta frase, pois assim o sentido dela fica claro. Cremos que o A., talvez copiando de outro Manuscrito ou borrão, tenha trocado uma linha. O MS traz as palavras na seguinte ordem: *esta no próprio dia da mesma Senhora primeira igreja da minha santa Província nela se celebrou a primeira missa.*

mercês que continuamente recebem da mão de Deus pela intercessão deste bendito preto, com grandiosa festa, sendo dela os juizes e mordomos as pessoas de mais e maior distinção desta terra. Há também no claustro uma imagem de N. S. do Rosário, que no Capitulo dos religiosos com ela se vê mui adornado. Sempre foi esta casa onde se criaram noviços ⁽⁷⁸⁾ e dela têm saído muitos mestres de espírito e exemplares religiosos. Nela descansam outros mui observantes de seu estado e nossa santa regra. De alguns daremos noticia, além de outros que estão escritos no livro da vida eterna, pelo muito (p. 68) descuido que nossos primeiros padres nisto tiveram.

§ 8

Das heróicas virtudes de religiosos de que neste santo convento estão suas reliquias

9. Em primeiro lugar o Padre Frei Antônio dos Mártires, ⁽⁷⁹⁾ um dos primeiros fundadores deste santo convento, de mui singular espirito e ajustada vida, Pregador acérrimo contra os vícios que repreendia em seus sermões. O que tudo confirmava com o exemplo de sua virtuosa vida, lucrando por este meio muitas almas para Deus, onde a sua os acompanha, segundo a grande opinião de santidade com que rematou seus dias neste convento. Entre os ossos dos mais religiosos têm os seus descanso.

10. Do grande servo de Deus o venerável Frei Pedro Palacios, cujas reliquias estão colocadas neste santo convento, damos agora noticia, trasladando fielmente a sua vida pelo que dele escreveu o cronista da Província de Santa Maria da Arrá-

(78) O noviciado funcionou regularmente ali só na primeira metade do século XVII. No século XVIII foram muito raros os frades que fizeram ali noviciado. A casa principal de noviciado, a partir de 1672, foi o Convento de Macacu.

(79) Frei Antônio dos Mártires (+ 1592) viera com o primeiro grupo de Frei Melchior de Santa Catarina. Era então corista; foi ordenado sacerdote no Brasil pelos anos de 1586-1587. Foi o fundador e primeiro superior da casa em Vitória. Faleceu antes de acabar-se o convento. Cf. JABOATAO 2, p. 397-398; FREITAS, *Elencho*, nº 1.

bida, ⁽⁸⁰⁾ pela achar em tudo conforme ao processo de sua vida que (p. 69) em nosso poder temos traslado do que neste convento se acha; não nos valendo da que escreveram outros autores, que dele não tiveram suficiente informação. No ano de mil quinhentos cinquenta oito desembarcou na Capitania do Espírito Santo Frei Pedro Palacios ou do Rio Seco, por ser natural de Medina de Rio Seco, junto a Salamanca no reino de Castela. Conforme a uma lembrança que se lhe achou feita de sua letra, constava que tomara o hábito para frade Leigo na Província de São José e nela professara. E levado de santos desejos, se passou à Província da Arrábida, então Custódia, onde viveu alguns anos com procedimentos tão justificados, que assim os religiosos como os seculares o veneravam como a oráculo de agigantadas virtudes. Na enfermaria do Hospital Real de Lisboa o ocuparam no ministério de enfermeiro. E o zelo com que servia aos enfermos, o desvelo na sua assistência e os carinhos[os] afago[s] com que os tratava abonavam a sua caridade por muito fervorosa. Não a queria usar com seu corpo, pois o privava do descanso que como frágil apetecia, e o tratava (p. 70) com rigorosas e dilatadas disciplinas, oferecendo-lhe somente com liberalidade as ocasiões de o molestar.

Prevalecia ainda a necessidade que padeciam os moradores do Brasil, de quem lhes evangelizasse o reino de Deus, porque os missionários eram poucos e não podiam acudir a tudo. Teve esta notícia Frei Pedro; e abrasado Frei Pedro de salvar almas, pediu licença a Frei Damião da Torre, que então era Custódio, para passar aos ditos Estados com esta incumbência, a qual lhe não dificultou, assim pelo conhecimento que tinha de sua virtude, como porque lho havia insinuado a rainha Dona Catarina, ⁽⁸¹⁾ à instância do Doutor Paulo de Palacios, seu Pregador e esmoler, de quem o dito Frei Pedro era parente. Havia licença, com muita alegria

(80) Trata-se de Frei Antônio da Piedade, *Espelho de Penitentes e Chronica da Província de Santa Maria da Arrábida*, t. I, Lisboa, 1728, Frei Apolinário diz que o transcreve «tresladando fielmente». De fato, todo este n.º 10 é copiado do *Espelho de Penitentes* (n.º 606-615, e 617), apenas com alguns erros de transcrição e omissão de algumas frases referentes à Capitania do Espírito Santo. Sobre Frei Pedro Palacios, Cf. JABOATÃO I, II, p. 32-49; ROEWER, *A Ordem*, p. 165-172; Idem, *Páginas*, p. 191-199; Idem, *O Convento de N. S. da Penha do Espírito Santo*, 2ª ed., Petrópolis 1965; WILLEKE, Venâncio, *Frei Pedro Palacios e a Penha do Espírito Santo 1570 a 1970*, em RIHGB, vol. 286, p. 26-40.

(81) Catarina de Áustria (1507-1578), irmã do imperador Carlos V e esposa de Dom João III de Portugal, passou a governar em 1557 devido à morte do marido e por ser seu neto Dom Sebastião ainda minorense.

se embarcou; e na viagem sucedeu haver uma terrível tormenta, da qual desconfiados os navegantes pediam a Deus misericórdia e a Frei Pedro (p. 71) as orações; até que um, levado talvez de inspiração celeste, pegando-lhe do manto, lho tirou dos ombros e com viva fé tocou com ele as águas. As quais imediatamente depuseram a alteração, os ventos a fúria e a terrível tormenta em tranquilidade. De que admirados, todos deram a Deus as graças, ficando do servo de Deus com muito conceito.

Aportou o navio que levava o servo de Deus Frei Pedro em Vila Velha ⁽⁸²⁾ e desembarcou [MS: desembarcado] em terra com muitos mais dos companheiros e de entre todos desapareceu, sem ser visto de nenhum no termo de três dias, imaginando os do navio que estava em terra e presumindo os da terra que estava no mar. Até que, conhecendo uns e outros a sua falta, o procuraram por aqueles contornos com alguns portugueses práticos na terra, a quem já tinham dado notícia de suas virtudes. Depois de três dias o acharam em cima (p. 72) de um monte circunvizinho, ao pé de uma grande rocha, que o [MS: a] coroa, no qual lugar havia fabricado de ramos uma cabana, que ao depois converteu em ermida dedicada a Nosso Padre São Francisco. Saiu a recebê-lo e, apontando para duas palmeiras que estavam no cume do rochedo, lhes disse com suma alegria que já achara o que buscava. Tomaram-lhe [MS: tomando-lhe] todos a bênção e os moradores lhe rogaram quisesse descer ao povoado a pedir esmola para seu sustento e se lhe ofereceram para tudo mais que quisesse. Prometeu de o fazer assim e, nas poucas vezes que vinha à vila, com tal alvoroço o recebiam, que cada qual queria só ter o merecimento de lhe dar tudo o que pedia. Porém ele o repartia por todos e se retirava à sua cabana, que em breves tempos foi ermida, fabricada pelos seus devotos, na qual assistia, fazendo uma vida mui penitente; e nela foi também sua ditosa morte.

(p 73) Aproveitava-se agora da liberdade que tinha, para multiplicar os rigores que consigo usava. E suposto que não houvesse testemunha de vista, era contudo o seu debilitado corpo silencioso pregoeiro da muita penitência que fazia. A sua cama era uma nua tábua e lhe servia de cabeceira o degrau do altar, não tendo outro cobertura mais que o pobre hábito, que [trazia] vestido, todo cheio de remendos e em muitas partes esfarrapado de

(82) Antes de trabalhar no Espírito Santo, Frei Pedro Palacios viveu algum tempo na Bahia. Cf. VAT, *Princípios*, p. 156-158.

andar pelos matos nas suas missões. Algumas vezes que, à instância dos seus devotos ou por outra causa [MS: cousa], lhe era preciso agasalhar-se em suas casas, nunca dormia na cama que lhe faziam, nem se aproveitava dos regalos com que o tratavam, premissas certas donde inferiam sua muita abstinência. E para que esta [MS: desta] conclusão triunfasse logo do argumento que a intentasse desvanecer por parte da hipocrisia, se corroborava com a isenção que lhe (p. 74) notavam no receber das esmolas, pois não aceitava mais do que lhe era preciso para alimentar uma penitente vida.

Freqüentava os sacramentos, vindo todos os domingos confessar-se com o Padre Brás Lourenço, ⁽⁸³⁾ da Sagrada Companhia de Jesus, e de suas mãos recebia também a sacrossanta eucaristia, assistindo-lhe à missa com muita devoção e profunda reverência. Com muita o tratavam todos os mais religiosos, venerando [-o] como santo. E em uma carta que escreveu o venerável Padre Anchieta ao seu Colégio de Coimbra, no ano de mil quinhentos setenta e dois, faz honorífica menção deste servo de Deus, dizendo que fora varão evangélico e que vivera e morrera naquela capitania santamente. No cartório do dito Colégio se guarda esta carta com muita veneração, como todas as mais do referido padre, que todos os obséquios são devidos ao grande esplendor de suas heróicas (p. 75) virtudes.

Para mostrar que era verdadeiro filho do seráfico Patriarca, não tratava somente de se aproveitar a si, como de remediar ao próximo com seus exemplos e doutrina, que a plausibilidade da virtude mais consiste na sua comunicação, do que no seu retiro. Com este zelo descia do monte, com uma sobrepeliz vestida e uma cruz nas mãos; e a primeira coisa que fazia entrando na vila era procurar a igreja Matriz, onde prostrado com a boca em terra fazia oração ao Santíssimo Sacramento e depois pedia a bênção ao vigário, que lhe tomava de joelhos e licença para fazer doutrina. Logo concorriam muitos meninos e outras mais pessoas propectas; e em lugar público a todos explicava os mistérios de nossa santa fé, encomendando-lhe[s] que os aprendessem, para os dizerem quando em outra ocasião lhes perguntasse. E assim aos

(83) Padre Brás Lourenço SJ (1525-1605) veio ao Brasil em 1553. Foi superior da casa dos Jesuítas no Espírito Santo. Foi reitor do Colégio do Rio (1573-1576). Mais tarde voltou ao Espírito Santo, cuja casa governava em 1583. Cf. LEITE, Serafim, *História da Companhia de Jesus no Brasil*, I, p. 403.

negligentes repreendia, como também aos que (p. 76) sabia andavam mal encaminhados, não sofrendo nunca que em sua presença se dissessem palavras que não fossem puras, porque as suas todas eram santas e de grande edificação aos que lhas ouviam.

Outras vezes [e] com mais freqüência, por saber era maior a necessidade, andava pelas aldeias em que assistiam os gentios, não reparando na moléstia que padecia em romper pelos matos de umas para outras, só pelo lucro que interessava na conversão de suas almas. Industriava-os nos artigos da fé; e aos que queriam receber o sagrado batismo, lho ministrava com extraordinário júbilo de seu abrasado espírito. Não se sabe o número certo dos que batizou, mas é sem dúvida que foi muito copioso o fruto que fez em suas almas; sendo de todos tratado com grande respeito e veneração.

Estando algumas vezes de missão em uma aldeia chamada (p. 77) Taquari, morriam nela quase todas as crianças e a mais gente quase sempre enferma, por ser o sitio mui doentio; e o queriam desamparar. Disse-lhes que, se queriam remédio para não adoecerem tão repetidas vezes, que fizessem uma ermida naquele sitio, dedicada ao seráfico Patriarca, que logo Deus usaria com eles misericórdia. Pela confiança que faziam de sua virtude e com o desejo de lograrem perfeita saúde, prontamente fabricaram a ermida com a invocação que ordenara. E foi coisa prodigiosa que nunca mais experimentaram tão repetidos assaltos das doenças. E o sitio desde então até o presente é avaliado pelo mais salutar dos contornos.

Não é tanto para admirar a obediência que lhe prestavam estes índios naturalmente ferozes e indômitos, como a que [MS: quem] na sua ausência observavam dois [MS: dos] irracionais, de sua natureza opostos. Eram estes um cão e um (p. 78) gato, que o acompanhavam na ermida onde residia. Todas as vezes que havia [de] ir à missão para estas aldeias, os chamava. Pondo-lhe[s], conforme os dias que poderia gastar, outros tantos montinhos de farinha, lhe[s] dizia: «Irmãos, aqui tendes de comer para tantos dias; cada dia haveis de comer cada um de vós um montinho; e quando eu vier comereis o derradeiro». Ausentava-se, andando na missão aqueles dias. No último, em que vinha, achava pontualmente a cada um o seu montinho; e vindo-o receber com grandes sinais de festas, então o comiam. E se sucedia vir alguns dias antes do que lhe[s] dava assinado, achava também intactos os montinhos dos dias que faltavam.

Era este apostólico varão mui devoto de Maria Santíssima e em um pequeno (p. 79) painel trazia pintada a sua soberana imagem, com a do menino Deus nos braços. E lhe [HS: ele] serviu de original para mandar copiar em madeira, cuja escultura é tão peregrina, que aos mais peritos da arte admira por insigne. Serviu-lhe esta prodigiosa imagem de maior incentivo à sua devoção e desejava que o fosse também a todas as criaturas, dedicando-lhe uma ermida em que a venerassem. Fiado na proteção da mesma Senhora, se resolveu a esta empresa, elegendo o sitio no mais alto da rocha que coroa este elevado monte e domina a barra daquela capitania. Com as esmolas que lhe davam os devotos, fabricou a ermida, trabalhando também na sua fábrica com incansável desvelo, porque servia aos pedreiros conduzindo aos ombros muita pedra e outros materiais necessários, desprezando a moléstia com que o ameaçava (p. 80) tão custosa subida e então, por incul-ta, mais formidável. Pelo que a este servo de Deus reconhecem todos os moradores do Brasil por fundador desta ermida; e foi engano de um historiador (84) o dizer que já era fundada neste lugar por um devoto da Mãe de Deus quando desembarcou neste porto. Porque quase todas as testemunhas, que juram no sumário que tirou o administrador Mateus da Costa Aburim da sua vida e milagres, depuseram que o viram levar às costas muita pedra para a fábrica da dita ermida. Quanto mais que mal podia ela estar já fundada muitos anos antes, quando a sagrada imagem a mandou exculpir este seu devoto e lhe deu o titulo da Senhora da Penha. Outros a intitulam da Pena; o primeiro, porém, é mais próprio.

Com muita festa e alegria colocou a prodigiosa imagem neste seu oratório, (p. 81) convidando a todos os moradores da vila, que lhe assistiram com igual devoção e culto, a esta religiosa função. Não deixou a Rainha dos Anjos de se mostrar agradecida a estas venerações, depachando benéfica as súplicas dos que imploravam o seu patrocínio, acreditando-o poderosa com muitos milagres que obra. Era o asseio e ornato da ermida e altar singular emprego do seu cuidado e profeticamente sabia ser esta também a vontade da mesma Senhora, como se infere do testemunho que deu Gomes da Vila, morador na de N. S. da Vitória. Chegou a fama dos prodígios que a Senhora fazia à cidade de Lisboa, onde morava a mãe do dito Gomes da Vila, a qual dese-

(84) Trata-se de Frei Fernando da Soledade, *História Serafica Chronologica* IV, livro 1, cap. 13.

java lhe fazer algum pequeno serviço e lhe mandou umas velas, para que ardessem no seu altar. Chegou o navio que as trazia; e depois de as haver recebido, o procurou o servo de Deus, o qual, mostrando estimar as boas novas que tivera da sua gente, lhe disse que umas velas, que sua mãe havia mandado para N. S. da Penha, lhas desse. Ficou admirado de lhe ouvir o requerimento, porque a nenhuma pessoa havia dito de tal encomenda; e respondeu-lhe que tais velas não tinham vindo. Continuou (p. 82) o servo de Deus em afirmar que lhas havia mandado sua mãe e que lhas desse. Retratou-se do que havia dito, com o pretexto de [o] experimentar, e lhas entregou, continuando no mesmo assombro e repetindo dali em diante mais reverentes as atenções que lhe tinha.

Todos os anos celebrava a festa da Senhora com grandes júbilos, na segunda-feira depois da Dominga in Albis, dia consagrado pela Igreja aos seus prazeres. E costumava dizer muito antecipadamente que não havia de morrer sem primeiro lhe fazer a sua festa, o que assim sucedeu. Por estar já muito velho e debilitado das missões e rigores das penitências, lhe mandou um seu devoto um negrinho da terra, para que o aliviasse de algum trabalho. Porém ele sempre vinha [MS: vindo] à vila a confessar-se e a procurar a esmola que lhe davam. E pela festividade da Páscoa do ano de mil e quinhentos e setenta, vindo dar a todos as boas festas, se despediu deles com palavras equívocas, que não entenderam, senão quando a morte foi o seu melhor intérprete. Retirou-se para o monte e, fazendo à segunda-feira a festa (p. 83) da Senhora, à quarta veio o negrinho dar recado que era falecido. E nesta notícia concordam mais as testemunhas do que na outra, que afirma foram o cão e o gato os mensageiros que com seus latidos vieram trazer este aviso.

Concorreu muita gente à ermida de Nosso Padre São Francisco, onde viram ao servo de Deus posto de joelhos, junto ao altar, com as mãos levantadas ao céu, para onde havia partido sua ditosa alma. Não se persuadiram que estava morto, vendo-o nesta postura com o rosto muito alegre; e só se desenganaram quando a experiência mostrou que lhe faltavam as operações de vivo. Com muitas lágrimas e saudosos suspiros se mostravam sentidos, não havendo nenhum que deixasse de lhe dar as aclamações de santo. Pela sua flexibilidade se fez o venerável cadáver digno da [MS: de] grande reverência com que o trataram. E com a mesma lhe deram sepultura no alpendre da ermida da Senhora, cujo sino se tangeu sem que criatura alguma visível o tocasse.

O autor do *Agiolôgio Lusitano* no terceiro tomo, a dois de maio, diz que, quando os moradores o acharam morto, estava já a cova aberta na capela (p. 84) mor, onde o sepultaram à sombra da Rainha dos Anjos. E continuando com a notícia, afirma que na sua sepultura se lia o seguinte epitáfio: «Sepultura do santo Frei Pedro Palacios, natural do Rio Seco em Castela, fundador desta ermida, que assim na vida como depois da morte floresceu com milagres. Faleceu na era de mil quinhentos e setenta e cinco.» Esta notícia encontra as que temos nas nossas memórias, consta da sua inquirição e nos dá o mesmo autor no seu primeiro tomo, a dezoito de fevereiro, em que trata da trasladação que se fez dos ossos deste servo de Deus para o Convento de São Francisco da Vila da Vitória, onde diz que faleceu no ano de mil quinhentos e setenta. E esta parece ser a verdade, porque, além das outras memórias, se colhe da carta do venerável Padre Anchieta, escrita no ano de mil e quinhentos e setenta e dois, na qual o declara já morto, pois diz que vivera e morrera santamente. É também (p. 85) falso o dizer que o enterraram à porta da capela da Senhora, onde morrera; porque o certo é que o seu ditoso trânsito foi na ermida de São Francisco, que é outra distinta da que fundou para o culto da Senhora. E a sua sepultura foi no lugar que então servia de alpendre.

No ano de mil seiscentos e nove, sendo guardião deste convento de que tratamos o Padre Frei Antônio da Estrela, este com o parecer da comunidade e beneplácito dos moradores da vila, trasladou os ossos do venerável Frei Pedro Palacios da ermida em que esteve até este tempo enterrado para o Convento de Nosso Padre da Vila da Vitória, com toda a solenidade, a dezoito do mês de fevereiro, onde lhe deu honorífico túmulo de pedra na capela de São Boaventura. Ignoramos a causa; e talvez seria querer guardar com mais segurança este precioso tesouro, por não estar ainda fundado o conventinho da Penha.

Logo Deus Senhor nosso quis confirmar com milagres a opinião que todos tinham deste seu servo, porque estando na (p. 86) enfermaria um corista gravemente enfermo, o guardião, com grande fé nos seus merecimentos, lhe lançou ao pescoço uma pequena parte de um osso de sua organização; e repentinamente se viu restituído à posse de sua perfeita saúde. Divulgou-se logo este milagre pela vila e quatro pessoas, que nela também estavam perigosamente doentes de febres e maleitas, aproveitando-se da mesma medicina, conseguiram venturosamente o mesmo prodigioso

feito. E são inumeráveis os favores que muitos alcançam pelos merecimentos deste seu bom servo.

Até aqui o dito autor; o que tudo fielmente consta do processo que temos tirado pelo dito administrador, a instâncias e petição do Padre Custódio desta Província Frei Vicente do Salvador, no ano de mil seiscentos e dezesseis. Mas hoje em dia têm as ditas reliquias outro depósito diferente do que o dito acima, porque estão na parede da parte da Epístola que fica junto (p. 87) ao altar de N.S. da Conceição, alto do chão quase o mesmo que tem a altura do dito retábulo da capela, querendo os prelados desta Província que as reliquias de um tão grande devoto de Nossa Senhora estivessem junto ao seu tabernáculo; como também com o epitáfio que se mandou pôr na frente da pedra, saberem todos possuía esta santa casa tal prenda.

11. Neste mesmo convento o Irmão Frei Simão, ⁽⁸⁵⁾ religioso de profissão também Leigo e filho desta mui santa Província, o qual por sua muita humildade usava até no nome de diminutivo, chamando-se Frei Simônico. Mas era grande contemplativo, em cujo exercício gastava muitas horas da noite e de dia. Acabado este e as [MS: a das] obrigações que por seu estado lhe encomendava a Religião, que fazia com muito zelo e caridade, sendo muito tempo morador do Convento de N.S. da Penha, se ia para o pé do altar da soberana Imperatriz; e ali, posto em oração, o achava (p. 88) a manhã contemplando os divinos atributos de que Deus dotara a sua Santíssima Mãe e os [MS nos] que a ele lhe concedia. Achando-se indigno de suas misericórdias, lhe pedia repetidas vezes perdão da ingratidão com que lhe correspondia. Juntamente lhe suplicava pelos benfeitores da Religião, de quem tinha especialíssimo cuidado.

Na observância da regra era mui vigilante; e, esmerando-se em todos os seus mandamentos, muito realçava nele o da santa pobreza, pois nem mais nem menos possuía, sendo o que ela dá licença, que vem a ser: hábito (e este velho e remendado era o que estimava), capelo, panos menores e corda. Assim vivia contente e alegre, quando com mais fadigas ou vexações se via

(85) Frei Simão do Espírito Santo, apelidado de *Simãozinho* ou *Simônico*. Cf. CONCEIÇÃO, *Pequenos na Terra* I, p. 564-566; JABOATÃO 2, p. 412-413; FREITAS, *Elencho*, nº 29. Freitas parece confundi-lo com Frei Simão do Salvador, pois chama a este último de *Simãozinho* (no *Elencho*, nº 7). LOPSA põe-lhe a morte entre 1675-1679.

acompanhado. Cega a sua obediência, sem mais reparo no que se lhe mandava, que ter logo oportunidade de pôr por obra. Não comia ocioso o pão, porque sempre trabalhava e a todos (p. 89) se mostrava em suas palavras como se de todos fora servo. Igualmente era também amado de todos e dos moradores desta capitania mui venerado, a quem se recomendavam em suas orações continuamente. Ainda que assim era amado e muito mais amava a seus próximos, tanto se desviava de os tratar que, para ir à casa de alguns, sempre foi necessário que andasse de permeio a santa obediência, sempre estimada dos servos de Deus.

Como tal vivia este a tempo que o chamou por meio da última enfermidade. Nesta sucedeu que, mandando-o sangrar, o que o veio a fazer, chamado o Cardozinho por alcunha, morador na Vila da Vitória, ao tempo que o sangrou saltaram algumas pingas de sangue fora da bacia como muitas vezes sucede; mas nunca o que o dito sangrador afirmava vira ali de doutro algum. E foi que, de cada uma daquelas pingas, se formara uma mui linda rosa. Guardou o segredo entre admirações (p. 90) e, indo-se à sua casa, dela [vindo] com um lençol novo, suplicou ao guardião lhe desse o velho em que havia caído o sangue. Não houve muita repugnância a uma, por ser o dito Cardozinho benfeitor da casa e entender-se continuava com suas esmolas, querendo trocar o bom lençol pelo outro talvez velho e remendado. Mas ele, indo-se contente, o guardou com muita consolação sua. E tempos depois, cantando o referido, se gloriava de tal prenda, em que se lhe formaram do sangue rosas, ainda que os mais que o viam não achavam senão os sinais do sangue.

Finalmente tal era a opinião de sua virtude. Delas adornado e de bastantes anos, desta mesma enfermidade acabou seus dias e neste convento está enterrado. Onde anos depois conta o Irmão Frei Antônio de Capareiro ⁽⁸⁶⁾ que, sendo no dito convento porteiro, lhe vinham muitos seculares pedir terra da sepultura deste (p. 91) servo de Deus, com a qual afirmavam obrava Deus Nosso

(86) Frei Antônio de São Gregório (1651-1732), vulgo Capareiro, por ser natural de Couto de Capareiros, em Portugal. Vestiu o hábito de noviço para Irmão Leigo em Macacu em 1676, sendo o primeiro noviço da recém-ereta Província. Viveu quase sempre no Convento de Santo Antônio do Rio. Muito penitente, piedoso, era ainda em vida venerado pelo povo como santo. Atribuem-se-lhe muitos prodígios. O A., contemporâneo de Frei Capareiro, traça-lhe uma longa biografia, relatando muitos milagres, em *Pequenos na Terra* III, p. 405-421. Cf. FREITAS, *Elencho*, nº 128.

Senhor em seu abono maravilhas. Faleceu pelos [anos] de mil e seiscentos e setenta e nove.

12. O Irmão Frei Manuel de Santa Luzia, ⁽⁸⁷⁾ também religioso Leigo, filho desta santa Província e natural da Vila de Viana, o qual passou de Portugal à Índia; e, vindo para o mesmo, aportou na Cidade da Bahia, onde um seu tio com quem vinha o queria aumentar no posto de alferes, talvez por haver falecido algum dos das Companhias da nau. Mas o dito o recusou dizendo-lhe estava com diferentes pretensões, que eram do hábito de Cristo; para o que se queria meter capucho de São Francisco. Assim o pôs por obra e, pedindo o hábito, o foi a receber ao Convento de Paraguaçu [MS: Pervasu] (que é dos com que ficou a Província da Bahia na nossa separação) no ano de mil seiscentos e cinquenta e três. Sessenta e nove anos viveu na Religião, (p. 92) nos quais sempre trabalhou por adquirir o foro que tal hábito pedia, tendo por exemplar os grandes cavaleiros que com ele haviam ganhado o céu. E assim exercitado em muita oração, dela quando já por sua velhice não se apartando; para poder vacar a ela com maior decência, e como ao debilitado corpo faltavam as forças, se valeu de uma indústria; e foi esta mandar lançar uma corda no alto da cela sobre a cama, onde de noite pegando-a se punha em oração de joelhos.

Não perdoava ao seu corpo, que castigava como a inimigo do espírito, não no deixando juntamente estar ocioso, não lhe perdoando ainda na idade decrépita de mais de cem anos, em que o vi fazendo da enxada bordão (que quando a largava usava dele), alimpando o terreiro deste convento, tratando outras vezes da baga da comunidade ⁽⁸⁸⁾ na cela, fazendo cordõezinhos para os Irmãos dele, que (p. 93) os estimavam por ser obra sua; e os fabricava das estopas que os mais religiosos lançavam das cordas que para seu uso fazem.

(87) Frei Manuel de Santa Luzia (+ 18 de dezembro de 1722). Cf. CONCEIÇÃO, *Pequenos na Terra* I, p. 566-567; ROEWER, *Páginas*, p. 52. Quanto à idade deste frade, o próprio A. se contradiz: Afirma aqui que limpava as hortas «ainda na idade decrépita de mais de cem anos», ao passo que em *Pequenos na Terra* afirma que o fazia «contando quase 90 anos» e que morreu «com 100 anos». O convento onde tomou o hábito é o de Paraguaçu; aqui o A. escreve *Pervasu* e na outra obra citada *Peruasú*.

(88) *Baga da comunidade* eram as azeitonas com que os frades fabricavam o azeite para as lâmpadas.

Quando mais moço, se exercitou nas cozinhas, enfermarias e outros officios de humildade, para ele de grande estima, mais que no de secretário que ocupou (o que outros dizem fora só escrevente, por ser insigne nesta parte e por o levar consigo e trazer sempre em sua companhia o prelado), o que ele como religioso humilde não estimava. E como exemplar o conheceram os prelados, fiaram dele as esmolas e o bom exemplo que nelas daria aos seculares. Foi ele tal que o tinham todos por um grande servo de Deus; e assim o consultavam nos mais árduos negócios que pretendiam, o que se verificava com maravilhosos efeitos. E entre outros, na ocasião que Gonçalo Pereira queria ir para o Rio de Janeiro, lhe disse: a ele chegaria e tornaria à sua casa, mas no Rio teria bastantes moléstias. Não (p. 94) lhe faltaram, como inda hoje conta com o mais referido, ajuntando que também lhe disse que, quando viesse, já o não acharia; como tudo se verificou verdadeiro o seu prognóstico.

Noutra ocasião vindo embarcado, ao passar para a vila, se levantou uma tempestade. Temida esta dos romeiros, lhes disse: fizessem viagem, que Deus havia de os favorecer. Assim se viu; bramou o vento, mas não se alteraram as ondas. Estas e outras semelhantes, que contam os moradores deste povo, e o desapego das coisas terrenas. Ainda quando mui necessitado, se portava com muita capacidade. E oferecendo-lhe um religioso de N.S. do Carmo algum dinheiro por vezes, nunca dele se valeu; agradecendo-lhe a mercê, o avisou não nos era permitido. Em cuja virtude e outras exemplares obras de tal modo se exercitou e edificou aos seculares, que uns diziam: «É um grande servo de Deus.» E outros: «O nosso Santa Luzia (p. 95) é um santo.» Muito o estimavam os religiosos das mais Religiões e os nossos muito sentiram a sua morte; pois com lágrimas, entre soluços, dele se despediram, depois de haver recebido os sacramentos com devoção de tal espirito na [MS: da] enfermidade que lhe causou a morte. Foi esta ao primeiro toque de prima do dia da Expectação de Nossa Senhora, no ano de mil setecentos e vinte e dois.

Foi grande o concurso que acudiu a este convento, de pessoas de ambas as vilas; e também grande o trabalho dos religiosos, para lhe[s] impedir os seus excessos com que lhe despedaçavam os hábitos que lhe vestiram, para levarem para suas casas como reliquias. Até que o guardião por sossegar este tumulto, antes que viesse a gente do contorno, o mandou dar à sepultura comum de nosso cemitério, fazendo-se-lhe certo sinal para divisa. Não

faltaram depois da gente do termo da vila onde (p. 96) lhe[s] constou a morte virem ao convento pedirem os enriquecessem com alguma coisa do Santa Luzia ou do servo de Deus, com as quais obrava Deus maravilhas. E entre outras, contavam aos religiosos que na serra, que é paragem do termo, o seu manto tocando-o doentes melhoravam; e outra, que fora livre de uma dor terrível, pondo sobre ela um vidrinho que havia sido deste servo do Senhor.

E com ele concluo as notícias deste santo convento, o qual logo ao seu princípio mostrou o Senhor era de seu agrado; pois, avaliando-se a obra em cinco mil cruzados só a pôr o terrapleno corrente, quando já as paredes [estavam] engalgadas não se havia feito mais despesa que a de cento e quarenta cruzados. Conhecido milagre que confessaram todos, quando no dia da Porciúncula, no sermão que fez, o Padre Custódio Frei Leonardo lhe[s] explicou. ⁽⁸⁹⁾

Assistem ao presente nesta casa vinte e cinco religiosos, que de dia e noite estão louvando ao Senhor.

§ 9

(p. 97)

Descrição da Vila de Espírito Santo e do Convento de N. S. da Penha ⁽⁹⁰⁾

Da Vila de N. S. da Vitória distante uma légua está a Vila do Espírito Santo, da qual toma o nome toda a capitania, hoje intitulada Vila Velha. Aqui aportou Vasco Fernandes Coutinho, a quem el-Rei Dom João III deu esta capitania, que consta de cinquenta léguas de costa. Dele passou a seus descendentes; e destes a Cosme de Moura Rolém, a quem a comprou a majestade

(89) Cf. acima, nota nº 76. Jaboatão mostra que o Custódio naquela data não podia estar na cidade de Vitória inaugurando o convento.

(90) Sobre o Convento de N. S. da Penha, Cf. JABOATÃO 2. p. 414-425; ROEWER, *Páginas*, p. 190-238; Idem, *O Convento de N. S. da Penha do Espírito Santo*, 2ª ed., Petrópolis 1965.

augusta del-Rei Nosso Senhor Dom João V, ⁽⁹¹⁾ que felizmente impera e Deus muitos anos guarde.

Foi esta vila de maior povoação, mas hoje consta de mui poucos vizinhos e da igreja da Misericórdia que, servindo de Matriz, dela (p. 98) se leva o Senhor por viático aos enfermos. Mas nem por isso de menos estima pelo santuário que possui no maravilhoso convento de N.S. da Penha, situado em o monte, o [MS: oa] atalaia desta vila e do da Vitória, descobrindo-se dele o mar até perder de vista, ficando a vila à sombra de Maria Santíssima, que neste convento se venera, apelidando-se da Penha, pela em que está fundada. Outros [dizem] da Pena, por assim se intitular o painel donde esta se copiou.

O maravilhoso Convento de Nossa Senhora fundado no cume desta penha foi aceito no ano de mil quinhentos e noventa e um, ainda que se não deu principio à sua maravilhosa obra senão no de mil e seiscentos e cinqüenta. ⁽⁹²⁾ Tem o sexto lugar entre os mais da Província. Nele se admira a arquitetura, pois encima (p. 99) bem da ponta da rocha está a capela de Nossa Senhora, fundada pelo servo de Deus Frei Pedro, de que havemos escrito. E depois de sua morte tratou dela Nicolau Afonso, ⁽⁹³⁾ que havia sido principal coadjutor do servo de Deus na sua fatura e pela sua muita devoção acrescentou e ornou custosamente. A capela é redonda, poderão nela caber apertadamente trinta pessoas; mas quando é muito o concurso têm chegado a estarem dentro cinqüenta, não deixando de causar admiração, ainda que pela continuação não [é] tão grande. Formou-lhe a igreja, na qual a um lado tem um altar na parede da banda da Epístola, onde também se diz missa. Ao [MS: a] pé dos degraus da capela para cair na igreja está a sepultura formada na rocha, em que descansou o servo de Deus Frei Pedro trinta e nove anos. Por detrás da capela fica a um lado a sacristia com porta (p. 100) para a dita;

(91) Dom João III doou a capitania a Vasco Fernandes Coutinho por alvará de 1 de janeiro de 1534. O donatário chegou a ela a 23 de maio de 1535. A capitania conheceu tempos de prosperidade e, em seguida, de decadência; até que o Rei Dom João V a comprou em 1718 por 40.000 cruzados.

(92) O Capítulo Provincial decretou, em 1650, a construção do convento; mas a pedra fundamental foi colocada em 1651.

(93) Nicolau Afonso não era religioso, mas leigo, homem muito rico. Foi o próprio Frei Pedro Palacios quem, em vida, lhe pedira para cuidar da capelinha após sua morte. Cf. JABOATAO I, II, p. 45.

e do outro, o coro com uma janela para a mesma capela. Detrás de tudo isto fica um terrapleno, no qual entrando as procissões pela porta que há na igreja da banda do Evangelho, rodeando-se com elas a capela, se entra pelas portas do coro; e saindo pelo altar que dissemos ou capela colateral, se tornam à igreja e capela da Senhora, donde saíram. Do coro faz um antecoro e nele há duas celas: a do sacristão [e] outra fronteira que serve de [MS: do] coristado. Junto desta vai a escada que cai no dormitório, onde assistem os mais religiosos, a quem corresponde a portaria e varanda que, afirmam, esta com ventos fortes dá demonstrações de abalo. Do meio do dormitório segue-se por outra escada menor que a que do antecoro cai no dormitório. No fim dela [MS: dele] encontramos a casa de profundos, refeitório, cozinha e capitulo; (p. 101) por baixo do dormitório as mais oficinas, nas quais vi, estando neste convento de romagem, e também na casa de [MS: do] profundos, a água estar correndo por entre as paredes e a penha. E isto se vê toda vez que chove, como então o fazia o céu. Da porta do capitulo, que serve de clausura outra quase junta, se desce uma comprida escada. No meio dela, debaixo da cozinha, fica a casa da lenha; e no fim, uma abreviada horta e a ermida onde faleceu o servo de Deus. Da qual voltando para o convento, fica uma casa de água que se recolhe da chuva por meio de unas telhas postas pela penha. Que assim estas, como toda a mais obra, mete confusão o como se podia fazer, pelo empinado da rocha onde este santuário está funda [do], como por sua altura e iminência; que pela parte mais favorável por onde a ela se chega tem [MS: a tem] a distância da Via-Sacra que, principiando-se esta na cruz da entrada (p. 102) do monte, vai finalizar na última da face da igreja. Não muito longe dela, no mesmo caminho, fica a casa dos romeiros, que são muitos que obsequiosos vêm dar os agradecimentos à Mãe de Deus dos benefícios que por intercessão sua alcançam, continuando esta divina Senhora sempre na operação de seus prodígios, por cuja causa concorrem os habitantes de todos estes Estados a visitar a sua sagrada imagem (que no altar da capela se venera, de que já se fez menção na vida do servo de Deus Frei Pedro Palacios), uns a pedir, outros agradecer. Nenhum deixa de se elevar na sua presença, parecendo-lhe estaria já de posse da bem-aventurança; que, se quem logra esta não tem mais que apetecer, quem chegou a gostar da assistência neste devoto santuário parece-lhe que no mundo não há mais que desejar.

Assistem aqui, por continuos capelães (p. 103) e serventes desta Senhora, quinze religiosos, cultivando o coro nas horas de dia, não faltando nunca às da noite a ele; tendo neste convento havido alguns que em toda a noite se achavam ao pé do altar. Os que aqui adoecem se vão curar ao convento da Vila de N. S. da Vitória, pois neste é só a oficina que tem [MS: que não tem]. E assim os que morrem, naquele convento são enterrados; que neste só os vivos têm lugar.

Deste convento foram dois religiosos enviados pela obediência à Vila da Conceição em Guarapari [MS: Gurupari], dez léguas distante da Vila Velha e da jurisdição desta Capitania do Espírito Santo. E como a diligência a que eram enviados necessitava de pressa, com toda a que foi possível caminhavam os obedientes súditos. Mas antecipando-se-lhe[s] a noite por causa de uma horrível trovada, tomaram o desabrigo o faltar-lhes o dia e haver o embaraço de uma passagem perto da dita vila que demandavam, na qual (p. 104) se não faz senão em alguma canoa, que não tiraram [MS: tiram] por causa de não haver quem quisesse vir a esta diligência com tal tempo. E assim um dos companheiros, mais prático neste deserto, falando com o outro Irmão, e a chuva com ambos, lhe disse: «Deus nos dá este merecimento, mas é já em parte; que, ainda que não podemos chegar à vila, poderemos, por uma vereda que há [a] pouca distância donde estamos, ir à casa de um pobre mas misericordioso homem que neste sertão mora, [a] pouco mais de um quarto de légua.» Encomendaram-se a Nossa Senhora, de cuja casa eram moradores; acertaram com a vereda e, bem molhados, a casa, servindo-lhe[s] os fuzis e relâmpagos pela sua continuação de farol e guia na tenebrosa noite. Recebeu-os o bom homem, mostrando-lhe[s] com as boas palavras o sentimento de não ter que lhe[s] dar a comer. Os pobres religiosos o não haviam tomado na boca em todo o dia, havendo caminhado quase dez léguas. Nesta necessidade de pobres de Cristo e desconsolação (p. 105) do dono da casa, acudiu a divina providência. E foi o caso: Sentiram todos um rebuliço no telhado de que servem de telhas as paihas; estas se abriram na cumieira e no chão da casa se sentiu uma pancada de coisa que nela caíra. Acudindo com luzes, tiveram à vista de seus olhos um bom dourado, havendo da casa ao mar a distância que os religiosos haviam caminhado para chegarem a ela, nem a tais horas haver presunção de que pudessem ser socorridos senão da misericórdia divina. Preparado ele, comeram; e vindo ao convento, sabido isto, deram os religiosos muitas graças a Nosso Senhor.

Do hospício de Santo Antônio na Aldeia dos Campos dos Goitacazes ⁽⁹⁴⁾

Saudosos saem os religiosos do santuário de N. S. da Penha quando caminham para os mais do sul, onde em distância de cem léguas não há outra casa da Religião e de seculares muito poucas. (p. 106) Até que, caminhadas estas, nas margens do Rio Paraíba do Sul entramos no Hospício de Santo Antônio, sito na Aldeia dos Campos dos Goitacazes. Fronteiro a ela fica a Vila de São Salvador e, na entrada do rio, [a] de São João, ambas limitadas de edificios e pertencentes aos Senhores Viscondes de Asseca. Demora este rio na altura de vinte e um graus e trinta minutos.

O hospício tem sua igreja muito boa e na mais porção dele as oficinas necessárias da comunidade, que aqui consta de quatro até seis religiosos, havendo celinhas para outros mais. Os que assistem têm cuidado de ensinar a doutrina e administrar os sacramentos aos índios desta aldeia em que está o hospício. O gentio é o mais péssimo de toda a América e na religião inconstante, chegando muitas vezes a despovoar a aldeia não só os que são do sertão, mas (p. 107) também os filhos destes, nascidos e criados entre cristãos. Em cuja redução e condução destas almas para Deus se têm os religiosos desta Província, sem atender ao perigo das próprias vidas, a troco de se não perderem estas almas. Entram pelo vazio sertão em busca das ovelhas perdidas, desprezando o descômodo e as necessidades, dando tudo por bem empregado quando, encontrando-os, se lhe[s] prostram aos pés, os abraçam, choram e lamentam sua perda. E havendo implorado o auxílio divino, este move os corações a esta indômita gente para que, tomando os conselhos dos padres, se venham em sua companhia. Não é isto [MS: este] só de tempos antigos, mas ainda nos presentes tem duas vezes feita esta missão o Irmão Frei Antônio da Apresentação, superior ao presente da aldeia. Em cujas viagens gastam dois (p. 108) e três meses, trazendo-os ao grêmio da Igreja, nela rende[ndo] ao Altíssimo as graças. E nesta última viagem e missão que fez, lhe deram obediência mais de cinco mil

(94) Sobre o Hospício e Aldeia de Santo Antônio dos Campos dos Goitacazes ou Santo Antônio dos Guarulhos, Cf. ROEWER, *Páginas*, p. 514-526.

almas, querendo estes viver entre cristãos, onde prometem sê-lo também; de que se tem dado parte ao Governador do Rio de Janeiro. E a Deus encomendamos, conceda sua luz àquela multidão de almas e às muitas inumeráveis que habitam nestes sertões, faltas do conhecimento de nossa santa fé.

Devo fazer aqui lembrança de nosso caríssimo Irmão Confessor Frei Serafino de Santa Rosa, ⁽⁹⁵⁾ por me haver recebido à Ordem, sendo nesta Província digníssimo e benemérito Provincial dela, mui zeloso do ornato das igrejas, havendo de seus parentes que eram abastados e moradores (p. 109) da Capitania de São Paulo, donde o mesmo era natural, grandiosas esmolos com que as adornava; e dos moradores do Rio de Janeiro as com que fez a real ladeira do convento desta cidade, além de outras obras memoráveis assim neste como em outros da Província. Algumas prerrogativas acerca da castidade se contam deste padre, que não escrevo por não estar totalmente inteirado. Mas sim estou certo foi, neste hospício, depois de Provincial e também Visitador, súdito do superior desta aldeia; e na igreja deste hospício está sepultado. Devendo-se à diligência deste padre os Estatutos Municipais da Província, impressos no ano de mil e setecentos e dezessete.

§ 11

Descrição da cidade de N. S. da Assunção e do convento que nela temos ⁽⁹⁶⁾

(p. 110) Dos Campos dos Goitacazes tornamos a caminhar por praias e alguns pontais do sertão que lançam ao mar, até chegar à cidade de N. S. da Assunção de Cabo Frio, havendo de distância dos Campos até ela cinquenta léguas; sem embargo de que, vindo por mar, sejam só trinta e quatro. A causa é que,

(95) Frei Serafino de Santa Rosa, homem extraordinariamente ativo, ocupou, entre outros, os cargos de guardião do Convento de Santo Antônio do Rio (1707-1710), Provincial (1710-1713), Visitador Provincial (1716). Faleceu neste Hospício pelo ano de 1730. Cf. ROEWER, *História*, p. 51-53; FREITAS, *Elencho*, n.º 94.

(96) Sobre o Convento de N. S. dos Anjos de Cabo Frio, Cf. ROEWER, *Páginas*, p. 372-405; cf. também este *Epítome* (página final, com os *Aditamentos*).

embarcado, se vem em direitura e por terra se rodeiam enseadas muito grandes; e por esta e outras causas se rodeiam muitas léguas. E assim, em os conventos situados nas povoações da costa, pomos os graus em que demoram; e as léguas que neles dizemos [MS: dicemos = dissemos] do convento são as que comumente caminhamos por terra.

A cidade de Cabo Frio, sujeita à do Rio de Janeiro, está em altura de vinte e três graus. É de grandeza proporcionada à de seus moradores, que não passam de quinhentos vizinhos, com uma boa igreja paroquial de boa estatura e um formoso convento (p. 111) e outras igrejas e capelas no seu distrito.

O convento é o de que tratamos. Intitula-se de N.S. dos Anjos. Fundou-o o Padre Frei Agostinho da Conceição, de que[m] logo daremos notícia. Foi sua fundação no ano de mil seiscentos e oitenta e um. ⁽⁹⁷⁾ E sendo este convento o primeiro que se fez depois de nossa Província o ser, tem o undécimo lugar entre todos os mais da mesma; mas pode-se-lhe também chamar único na perfeição com que está obrado, sem passar os limites de nossa profissão. A igreja muito alegre e asseada, com três altares: dois colaterais e o mor. O convento mui lavado dos ventos e com boa vista e melhor solidão para o emprego santo da oração mental; na qual e na vocal se exercitam neste convento os seus religiosos, que chegam ao presente a vinte e quatro. E pelo mesmo respeito do sossego e pouco tráfego dos seculares é casa de noviciado.

Na cerca deste convento temos um (p. 112) outeiro, do qual se descobre o mar e os navios que por ele passam para a cidade do Rio de Janeiro; onde algumas vezes sobem os religiosos por divertir-se e outras a mostrarem, como a mim mo fizeram, vindo da Capitania do Espírito Santo, o que em cima do monte se admira, e vem a ser um grande penedo amolgado de várias bordoadas (devem ser de sete até oito para cima) tão impressas na pedra, como se o mesmo bordão dera com força em branda cera; porque todas as mossas são iguais. E a tradição dos índios é que são do bordão do glorioso Apóstolo São Tomé, em ocasião em que os índios resistiam à doutrina que ali lhe[s] pregava; e lhe[s] quis

(97) O convento foi iniciado somente em 1684. Em 1681 o Provincial aceitara o pedido de fundar ali um convento e enviara dois frades. Não começaram, porém, a construção, porque houve algum maldoso que espalhou o falso boato de que o Rei proibira a fundação de novos conventos. Cf. ROEWER, *Páginas*, p. 375-376.

mostrar com este exemplo que, quando os penedos se deixavam penetrar da palavra de Deus, seus duros corações resistiram mais obstinados que as duras penhas.

Deste convento, (p. 113) como havemos dito, foi fundador.

13. O Padre Frei Agostinho da Conceição, ⁽⁹⁸⁾, digníssimo de grandes louvores pelos grandes créditos com que honrou esta santa Província. Era ele natural da cidade de Lamego na Europa e reino de Portugal, onde serviu a el-rei como valoroso soldado. E em seu serviço embarcando-se em Lisboa, no infeliz galeão intitulado *Sacramento*, em que vinham mais de mil pessoas, vindo por capitânea da frota da Bahia, perto dela se perdeu, onde pereceram quase todas as pessoas que nela vinham. E dos poucos que escaparam, os quais pôs em salvo a sua fortuna e a diligência dos pescadores daquelas praias, foi um deles o dito padre. Sucedeu este lastimoso caso no ano de mil seiscentos e sessenta e nove, do qual vendo-se a Deus obrigado, se gratificou ao mesmo agradecido; (p. 114), e recebendo o nosso santo hábito, nele satisfeito se exercitou com tão ajustados procedimentos, que a nossa santa Província, honrando-se com tal filho seu, o elegeu às prelazias. Dando ele tão boa satisfação do que lhe haviam encarregado, foi escolhido para Provincial dela. De todos foi conhecido o seu grande talento na cadeira e no púlpito, geralmente aplaudido de todos os que o ouviam, sendo ele o primeiro que nesta Província deu sermões ao prelo, um de Nosso Padre São Francisco e outro de Santo Antônio, assazmente louvados dos entendidos. Seu zelo na propagação da Religião era grande. E assim fundou este santo convento e o dotou, por via de seus devotos, de tudo o necessário: tanto assim que, não achando os seus sucessores nada para lhe pôr, tiveram muito para tirar, com que remediar a outros conventos. Em todos os da Província fez obras úteis e necessárias. (p. 115) Finalmente na memória que dele fez o Padre Frei Miguel de São Francisco ⁽⁹⁹⁾ cujas prerrogativas por sua muita humildade não

(98) Frei Agostinho da Conceição (+ 1693) foi Visitador Provincial (1676), Custódio (1681-1684), Provincial (1684-1687). Em 1685 fora Visitador da Província de Santo Antônio. Cf. ROEWER, *História*, p. 29-32; FREITAS, *Elenco*, nº 35.

(99) Frei Miguel de São Francisco (+ 1734), carioca devotado missionário, ocupou vários cargos importantes: Custódio (1691-1694), Vigário Provincial (1699-1701), Provincial por duas vezes (1701-1704 e 1713-1716). É o autor da maior parte do vol. X do *Santário Mariano*. Cf. ROEWER, *História*, p. 42-47, 53-55; FREITAS, *Elenco*, nº 144.

escrevemos; mas, por autoridade de ser cronista do Padre Frei Agostinho, manifestamos o ter sido Custódio e duas vezes Provincial desta Província, de que é filho e natural do Rio de Janeiro) no Arquivo do Convento de São Paulo, onde diz vivera e morrerá nesta Província, com muita edificação dos filhos dela.

§ 12

Do Convento de São Boaventura e da Vila de Santo Antônio de Sá onde está fundado ⁽¹⁰⁰⁾

Do Convento de N.S. dos Anjos da cidade de Cabo Frio fazem à do Rio de Janeiro por mar dezoito léguas, por terra trinta. Destas caminhando [MS: caminhado] vinte e quatro, se entra pelo sertão, deixando o caminho da cidade do Rio de Janeiro, (p. 116) para chegar à Vila de Santo Antônio de Sá, por outro nome de Macacu, nome que tomou de um rio vizinho desta vila, onde se chega andadas de sertão dez léguas. A vila é de proporcionada povoação, que nem a criminaaram por pequena, nem se admiraram dela por grande. É da jurisdição da cidade e Capitania do Rio de Janeiro, da qual dista doze léguas, inda que alguns lhe assinam quatorze. Tem sua igreja Matriz muito boa, com a invocação de Santo Antônio; e o que mais a honra é o nosso convento que nela temos.

Com grandes ânsias nos desejaram os moradores desta vila, e com repetidas súplicas pediram viessemos fundar convento nela, ao que se deferiu. E havidas as licenças necessárias, chegou à dita povoação o Irmão Custódio de todo o Brasil Frei João Batista, o Irmão Frei Sebastião do Espírito Santo, guardião do Convento do Rio de Janeiro, e os Irmãos Frei João da Assunção, Confessor e Definidor, [e] Frei Antônio de Jesus, (p. 117) Confessor, e ambos discretos do convento dito; ⁽¹⁰¹⁾ os quais deram princípio

(100) Sobre o Convento de São Boaventura de Macacu, Cf. ROEWER, *Páginas*, p. 160-189. Do convento hoje só existem ruínas.

(101) Frei João Batista (+ 13 de janeiro de 1650) era o Custódio que aceitou, em Capítulo de 24 de fevereiro de 1649, a fundação de uma casa em Macacu. Estando em visita aos conventos do sul, quis conhecer pessoalmente a localidade e para lá se dirigiu com o guardião e dois discretos do Convento de Santo Antônio do Rio. Com a morte do Custódio, o guardião do Convento

à fundação nesta terra, aos vinte de novembro de mil seiscentos e quarenta e nove. A casa se edificou pequena e pouco durável, mas nela se recolheram os religiosos que se determinaram para a dita casa, sendo deles guardião o Irmão Frei Geraldo dos Santos, ⁽¹⁰²⁾ ao qual se seguiram mais nove sucessores que, edificando o novo convento, para ele se trasladaram (que é o de que tratamos) a quatro de fevereiro, véspera dos Santos Mártires do Japão, do ano de mil seiscentos e setenta, tendo habitado no pequeno recolhimento vinte anos; porque, havendo-se principiado o tal no ano de mil seiscentos e quarenta e nove, no de cinqüenta já estava acabado; então nele, com o prelado, principiou a viver [a] comunidade, até passados os ditos anos.

A capacidade do convento em que (p. 118) hoje assistem os religiosos místicos ⁽¹⁰³⁾ com a mesma vila é dos melhores de toda a Província. Nele [MS: nela] de ordinário assistem trinta religiosos, passando [MS: passam de] algumas vezes a maior número. Nele [MS: nela], do ano de mil seiscentos e cinqüenta e dois até o presente, sempre foi casa de noviciado. ⁽¹⁰⁴⁾

A sua igreja tem três altares: nos dois colaterais se venera em um a Imaculada Senhora da Conceição puríssima e no outro a de Nosso Seráfico Padre São Francisco; no altar mor, em decente sacrário, o Soberano Senhor Sacramentado. Detrás no retábulo, que todos estão dourados, se vêem as imagens: na parte da Epístola, entre as colunas, a de São Benedito, a qual com solenidade todos os anos festeja [MS: festejam] a luzida Irmandade dos Pretos; na parte do Evangelho, a do glorioso Santo Antônio que, festejando-se com grandeza na Matriz de que também (p. 119) é orago, não deixa por isso de ser no convento mui celebrada a que lhe fazem os devotos. Em meio do altar e em seu nicho, a

de Santo Antônio do Rio, Frei Sebastião do Espírito Santo, foi escolhido para seu sucessor. Além dos frades aqui citados, Frei João Batista levava consigo outros quatro, que o A. não menciona (Frei Jácome da Purificação, Frei Geraldo dos Santos e os dois Irmãos Leigos Frei Pedro do Rosário e Frei Simão do Salvador). Cf. ROEWER, *Páginas*, p. 162-163.

(102) Cf. abaixo, nota nº 105.

(103) *Místico com a mesma vila*. Isto é, junto à mesma vila, adjacente a ela. A frase é gramaticalmente irregular.

(104) Deve ser engano do A. O noviciado foi iniciado em 1672. Em 1652 só havia a pequena e frágil residência provisória, com capacidade para cinco pessoas apenas. Cf. ROEWER, *Páginas*, p. 169.

milagrosíssima e muito formosa imagem do glorioso Doutor São Boaventura, de cujo santo profetizou Nosso Seráfico Padre São Francisco, quando nos braços o tomou sendo menino, dizendo-lhe: «Ventura, boa ventura da minha Religião seráfica.»

Este convento a tem muitas vezes experimentado pelos merecimentos de seu titular. E deixando as muitas maravilhas que tem obrado, só direi a que no ano de mil setecentos e vinte e sete succedeu. Era guardião deste convento o Irmão Frei Manuel do Nascimento, Confessor. E vindo chegando a festa do santo, mandou ao Rio de Janeiro buscar algum provimento para o tal dia. E fiado neste, não fez diligência a outro. Mas metendo-se um rigoroso tempo, não chegava (p. 120) o enviado. Conhecía-se a falta, afligia-se o prelado e recorria ao santo. Mas, estando a sua fé já um tanto esmorecida, entra pela porta do convento um escravo de um sujeito da cidade, não mui acostumado a semelhantes caridades, com vinte e cinco tostões de pão, que este se usa pôr nas comunidades em semelhantes dias; trazia vinho bastante, alguns chouriços e outros mais preparos, com que o prelado pôde remediar a falta e teve novos motivos para louvar a Deus no seu santo.

Também há no corpo da igreja uma boa capela da venerável Ordem Terceira, a qual teve princípio neste convento no ano de mil setecentos e dez. No claustro há dois capítulos com seus altares. A cerca tem bastante suficiência e nela uma fonte de água. Têm neste convento assistido mui exemplares prelados e igualmente (p. 121) súditos. De alguns já havemos feito menção; dos que o descuido encobriu, não o podemos fazer, mas continuaremos com as memórias que achamos de outros.

§ 13

De três religiosos dignos de lembrança

14. O primeiro é o Irmão Frei Geraldo dos Santos, ⁽¹⁰⁵⁾ Confessor e fundador do convento velho do que fizemos menção, escolhido por suas virtudes para este novo edifício e dele primeiro

(105) Frei Geraldo (Gerardo) dos Santos foi eleito guardião do Convento de Santo Antônio do Rio no Capítulo de 1659. Em 1663, estando o Provincial Frei Aleixo preso para ser enviado a Portugal, Frei Geraldo foi eleito Vigário

guardião; o qual ainda não há muitos anos venerava o povo, nem houve nunca nele coisa que escandalizasse nem à Religião nem aos seculares. E tinha tal disposição em suas ações, que agradava aos seculares, sem desagradar à Religião, não quebrantando preceito algum dela pelos agradar. E com isto granjeava mais seu (p. 122) agrado, vendo todos nele que o que fazia era tudo por zelo e por ser religioso. E por isso era também respeitado dos prelados maiores, que lhe não davam nunca detrimento em os agasalhar e por amor de seu respeito se compunham com o que a comunidade tinha, admitindo-os a seguir a vida comum e fazendo-lhes entender que era esta a sua obrigação. Os súditos, na mesma forma, o veneravam sem lhe[s] ser necessário advertências para o que deviam obrar, porque tudo applicava a todos este bom filho desta santa Província e digno prelado. Era ele o primeiro que, no servir a seus Irmãos, se achava mais pronto, o que com eles chorava quando os via aflitos, buscando-lhe[s] todos os meios possíveis à sua consolação (p. 123) espiritual. Remediava-os em suas necessidades, ainda que a troco disso percesse ele. Enfim foi de prelado um cristalino espelho e de súditos um compêndio da humildade e obediência, sendo pontualíssimo na observância destas virtudes; com que, acabando a vida neste convento, nos deixou à Província tão singulares lembranças de suas exemplares obras, das quais infalivelmente estará de Deus recebendo o prêmio.

15. Não foi de menos satisfação o Irmão Confessor Frei Inácio de Jesus, ⁽¹⁰⁶⁾ filho desta santa Província e sucessor na prelazia deste santo convento do Irmão Frei Geraldo. O qual, pelo seu bom procedimento, sempre a Religião se serviu dele para várias ocupações, assim para prelado e mestre de noviços, dando em tudo boa satisfação e exemplo, sendo ele o primeiro que os criou neste convento com tão singular doutrina, como mostraram alguns deles, que foram mui observantes de nossa santa regra. E se desta diz São Vicente Ferrer que o religioso menor (p. 124)

Provincial, governando até 1665. Frei Aleixo, conseguindo justificar-se e voltando à Província, declarou-o intruso e excomungado. Novamente Frei Geraldo foi eleito guardião do Convento de Santo Antônio do Rio, mas renunciou ao cargo. Participava ativamente da resistência aos holandeses, ao tempo das invasões, recebendo ferimentos que o deixaram manco por toda a vida. Cf. JABOATÃO I, I, p. 248-251 II, p. 91-92; FREITAS, *Elencho*, nº 12.

(106) Frei Inácio de Jesus. Ignora-se a data do falecimento, que deve ter sido pelo fim do século XVII. Cf. FREITAS, *Elencho*, nº 100.

que a guarda não necessita mais nada para ser santo, deste benefício mestre, pelo que ensinava e se via em sua pessoa, observando até a sua morte vigilantíssimo no menor apêndice dela, entendemos pela vida ajustada até a morte, teria nela o reconhecê-lo Nosso Seráfico Padre por seu filho e, como a tal de Deus, o prêmio de sua glória lhe concederia.

16. Concluimos com o Irmão Confessor Frei Lucas da Trindade, ⁽¹⁰⁷⁾ filho desta santa Província e oitavo guardião deste convento. Era religioso muito humilde de quem se dizia que, repreendendo[-o] seu mestre estando em uma árvore colhendo frutas, na mesma se abaixou. O mesmo mostrou nesta sua guardiania, que com suas mãos ajudava a repartir as celas, trabalhando com o oficial que trabalhava no novo convento. E no mais tempo que lhe sobrava da oração e divinos ofícios, andava arrancando as vassouras que nasciam no pasto. E sempre muito alegre e mui agradável, morreu cheio de anos e merecimentos.

(p. 125) Principiou-se o novo convento no ano de mil seiscentos e sessenta; e em sua fábrica se gastaram quase dez anos, não por magnificência com que esteja edificado. Foi a causa de tanta demora porque ele, ainda que como dissemos é dos melhores da Província, se há de entender que todos os que ela tem são mui conformes à santa pobreza e delineados por religiosos mui reformados. Mas como eram os oficiais do número singular, ainda que bem servidos, adiantava-se pouco a obra. E entre os mais da Província tem o quinto lugar este santo convento.

§ 14

Do Convento de Bom Jesus da Ilha ⁽¹⁰⁸⁾

Do Convento de São Boaventura vindo para o do Bom Jesus da Ilha, andando quase um quarto de légua, nos embarcamos e, fazendo viagem por rios, com os mesmos saímos na enseada que

(107) Frei Lucas da Trindade. Cf. FREITAS, *Elencho*, n.º 18. Morreu pelos anos de 1665.

(108) Sobre o Convento do Bom Jesus da Ilha, Cf. ROEWER, *Páginas*, p. 439-465.

já descrevemos quando tratamos do convento e cidade do Rio de Janeiro; da qual dista este convento uma boa (p. 126) légua e o de São Boaventura doze; outros lhe assinam quatorze.

Há na enseada muitas ilhas e em uma que fica fronteira à barra, nela está edificado o sobredito convento, a que se deu principio com o designio de ser para convalescença dos religiosos, no ano de mil setecentos e nove. ⁽¹⁰⁹⁾ É o décimo tércio em lugar aos mais da Província, sendo também o terceiro feito depois da mesma estar separada, hoje muito aumentado pelo nosso caríssimo Irmão Frei Fernando de Santo Antônio, Lente da Sagrada Teologia, Procurador Geral, Ex-provincial e primeiro Definidor Geral de toda a Ordem de Nosso Seráfico Padre São Francisco que tiveram [MS: teve] as Províncias do Brasil, e ao presente digníssimo Provincial da nossa Província. O qual lhe mandou acrescentar o refeitório, cujas obras por seu muito zelo e incansável cuidado estão já completas, criando nesta casa novo estudo de Artes e Sagrada Teologia. O lugar é adequado para o tal exercício, (p. 127) porque na ilha não passam de três os moradores. O concurso, só aos dias santos, em que das ilhas vizinhas vêm à missa e [MS: a] confessar-se. O sítio, alegre pela vista da barra e também da cidade. Os religiosos nele moradores são vinte e dois.

A igreja deste convento é pequena, mas muito alegre. No altar mor está uma piedosa imagem de Cristo, de estatura de um homem, mostrando na coluna em que preso o vemos os açoites que em satisfação de nossas culpas recebeu em seu sacratíssimo corpo, de que se lhe formaram tão penetrantes chagas. Estão as que tem esta santa imagem tão próprias, que compunge[m] os corações humanos. No mesmo retábulo, da parte do Evangelho, a imagem de N. S. da Conceição, a quem corresponde da outra parte a de São Boaventura. Nos altares colaterais se venera em um a N. S. Aparecida e como tal milagrosa; no outro, da parte da Epístola, está a imagem da Senhora Santa Ana, junto com a da Senhora, a qual houve o Irmão Provincial de devotos da Santa, de quem o é ele mui especial.

(109) Foi começado em 1705. Cf. ROEWER, *Páginas*, p. 441.

Do Convento de São Bernardino da Vila da Ilha Grande ⁽¹¹⁰⁾

É a Vila da Ilha Grande a última demarcação do Rio de Janeiro, vila à dita capitania pertencente. Está em altura de vinte e três graus e vinte minutos, para a banda do sul. A [MS: da] qual comumente é demandada dos religiosos nas suas jornadas por meio de embarcações, porque o caminho de terra é pouco frequentado e mui áspero, havendo de distância da dita cidade a esta vila doze léguas; outros lhe diminuem uma. É situada a vila na terra firme, ficando-lhe fronteira a grande ilha de que toma o nome. Entre ela e a povoação passa um largo canal, por onde navegam as embarcações, chegando às suas águas e praias onde se principiam os edificios. Não são eles mui suntuosos e poucos em número. Contudo, há nesta vila o convento de religiosos de N.S. do Carmo (p. 129) (e o nosso tem-se principiado), uma boa igreja Matriz (e em uma ermida se guarda o Santissimo Sacramento, donde se leva aos enfermos).

O nosso convento foi ali fundado no ano de mil seiscentos e cinquenta e dois e tem, segundo o ano de sua fundação, o sétimo lugar entre os mais de nossa santa Província, tendo em ordem as casas de noviciado. Os religiosos que nele comumente assistem chegam a vinte e cinco. Bastante é o edificio e igualmente a igreja. Mas, de estar fundado em parte muito úmida, é nocivo não só aos moradores, mas ainda às alfaías do convento e ornamentos da igreja. Hoje, porém, [está] em parte atalhado este prejuizo pela indústria e religioso zelo do Irmão Frei Boaventura de Santa Catarina ⁽¹¹¹⁾ nas obras que lhe mandou fazer, assim sendo aqui guardião, o que continuou depois (p. 130) sendo digno Provincial desta santa Província, atendendo muito ao dito convento

(110) Sobre o Convento de São Bernardino da Vila da Ilha Grande ou Angra dos Reis, Cf. ROEWER, *Páginas*, p. 239-268; JABOATAO 2, p. 582-583.

(111) Frei Boaventura de Santa Catarina foi Definidor, guardião do Convento de Santo Antônio de Rio (1713-1715), Provincial (1716-1719) no turbulento período das primeiras explosões de nativismo entre os frades, Visitador Provincial (1742), Cf. ROEWER, *História*, p. 55-59; *Elencho* n° 162.

pelo comum zelo da Religião, pelo que de todos é conhecido, como também por ser especialissimo devoto de São Bernardino titular deste convento, o qual se venera no altar mor. E assim este como os colaterais mandou o dito padre fazer de talha e dourar e pintar, com que parece mais aprazível. O convento é abundante de muita e boa água que, vindo-lhe de um vizinho monte, por bicas a introduzem em qualquer parte que a querem no convento.

§ 16

Do Convento de N. S. do Amparo e Vila de São Sebastião ⁽¹¹²⁾

A Ilha de São Sebastião está em altura de vinte e três graus e quarenta e dois minutos; que, correndo pela costa, da Ilha Grande (p. 131) a esta fazem dezenove léguas. A vila é também fundada na terra firme e quase da mesma porção que a da Ilha Grande; mas nesta não há mais igreja que a Matriz.

A vila é pertencente à Capitania da cidade de São Paulo. Os moradores dela assistem a maior parte na mesma Ilha de São Sebastião e outros meia légua distante da mesma vila, para a parte do norte, onde chamam O Bairro, no qual temos o convento intitulado N. S. do Amparo. Foi a sua fundação no ano de mil e seiscentos e cinquenta e sete; e segundo os mais é este o nono de que se compõe esta santa Província. Os religiosos que aqui residem são dezesseis, ainda que já têm assistido nele moradores para cima de vinte. O convento é capuchinho, alegre; e o faz delicioso a vizinhança do mar, que quase lhe lava (p. 132) os alicerces. A igreja na mesma porção e alegria, ficando-lhe a principal porta para o mar; na qual se venera a Sacratíssima Senhora, com o título que tem o convento por orago. E confessam muitos, que necessitados recorrem a esta Santíssima Senhora adorando-a nesta sua santa imagem e casa, se recolhem às suas amparados e favorecidos desta Santíssima Mãe de misericórdia.

(112) Sobre o Convento de N. S. do Amparo da Vila de São Sebastião, Cf. ROEWER, *Páginas*, p. 304-326; JABOATAO 2, p. 589-590. Quanto às datas, observe-se: em 1658 foi aceito o terreno para a construção do convento; em 1659 construiu-se um pequeno recolhimento com oratório; o convento como tal só foi começado em 1664 e terminado em 1668.

A de Santo Antônio e a de Nosso Seráfico Padre São Francisco, que nos altares colaterais se veneram, são feitas com muito primor e arte. Há mais a de São Benedito, não só na igreja, mas na casa do lavatório e outras partes do convento em que haja. Todas são necessárias para andarem pelo termo desta vila e na mesma, pois ele é o principal médico que entra nas casas dos enfermos e o patrocinador de todas as (p. 133) dificuldades da gente desta terra, no qual santo têm tanta fê e dele se vêem continuamente favorecidos. Pelo que, como agradecidos portugueses, se se alegraram por lhe[s] sair a sorte em preto, gastam muito em agradecimento do prêmio, na grandiosa festa que solenizam todos os anos a este bemaventurado santo.

§ 17

Do Convento de Santo Antônio da Vila de Santos ⁽¹¹³⁾

É a Vila de Santos a melhor de todas as da jurisdição da Capitania de São Paulo, tanto pelo grande trato de seus moradores, como pelos edificios dela; a que acompanham os quatro conventos que nela há de religiosos da Companhia, Carmo, São Bento e o nosso; igreja Matriz, Misericórdia, a Capela de N. S. da Graça, e no lugar mais elevado da vila a ermida e N. S. de Monserrate.

Está situada (p. 134) à margem do rio que, despenhado da Serra de Paranapiacaba, se encontra com o mar que entra[MS: entrando] pelas duas barras que tem esta vila: a da Bertioiga mais distante e a Barra Grande na de duas léguas. Aqui umas águas unidas com as outras batem nas paredes das casas desta vila. A qual está em altura de vinte e quatro graus, que vindo por costa de São Sebastião a esta povoação fazem, de uma a outra, trinta e três léguas. Os seus vizinhos passam de dois mil.

(113) Sobre o Convento de Santo Antônio de Santos. Cf. ROEWER, *Páginas*, p. 127-159; JABOATÃO 2, p. 515-519. A aceitação para a fundação do convento foi em 1639; a construção se começou em 1640.

O nosso convento foi aqui fundado com o nome de nosso glorioso português Santo Antônio, no ano de mil e seiscentos e quarenta. Pelo que na antigüidade tem o terceiro lugar entre os mais da nossa santa Província e é um dos mais grandes dela. Está situado (p. 135) junto da vila e sobre o rio que por um lado o acompanha. Por cuja causa, alguma coisa notado de úmido e melancólico, por estar, como a vila, cercado de serranias e arvoredos. E inda que é perto do mar, não se vê este senão indo à ermida do Monserrate. Assistem de conventualidade vinte religiosos. Mas fora destes moradores continuamente nele se acham religiosos dos conventos desta Capitania de São Paulo, uns a prover-se do necessário para os ditos conventos, como é de cera, sal, vinho e outras coisas mais; outros a curar-se, por haver nesta vila as conveniências de medicamentos e quem nos aplique; principalmente os do Convento de São Sebastião e Conceição. ⁽¹¹⁴⁾

A igreja é competente à forma do convento; à qual está unida a capela dos Irmãos Terceiros, que para a mesma (p. 136) igreja tem aberta. E em frente têm os pretos uma asseada capelinha onde festejam; e todos a São Benedito veneram das grades que dividem a igreja da capela. Da mesma parte da Epístola, da banda de dentro, no altar colateral, a majestosa imagem de N. S. da Conceição; e na parte do Evangelho, uma mui penitente de Nosso Seráfico Padre São Francisco; e no altar mor a do glorioso lisbonense Santo Antônio, não devendo jactar-se os moradores desta vila com menor excesso da singularidade desta sua imagem, assim na perfeição como por ser prodigiosa, não levando mais vantagem a do mesmo santo que em uma igreja distante duas léguas desta vila se venera milagrosa, aplaudindo-a em toda a parte os da vila de São Vicente, onde é sita (p. 137) a dita capela. A imagem deste lustre da minha Religião seráfica [é] milagrosa em toda a parte em que de sua intercessão se valem.

(114) É o Convento de N. S. da Conceição de Itanhaém. Cf. abaixo, § 24. Convento de São Sebastião é o de N. S. do Amparo da Vila de São Sebastião, descrito acima, § 16.

Em que se dá notícia de um religioso que neste conto está sepultado

17. É o venerável servo de Deus Frei Gregório da Conceição ⁽¹¹⁵⁾ o de que damos uma breve notícia. Foi natural da Vila de Viana do Reino de Portugal, que passando a estas partes da América, nela tomou o nosso santo hábito em o Convento de Santo Antônio da cidade do Rio de Janeiro, onde professou o humilde estado de Leigo, solenizando com muito júbilo de sua alma os desposórios com a nossa sagrada Religião nesta santa Província, aos quatro de agosto do ano de mil seiscentos e quarenta. Foi religioso muito humilde e de contínua oração (p. 138) em a qual gastava muitas horas, mui observante de nossa santa regra, esmerando-se muito no preceito da pobreza santa, tão encomendada nela. Não usava mais que do simples hábito, e este velho e remendado, então era mais de sua estima. O seu calçado eram os tamancos e, faltando eles, com os pés totalmente sem defesa alguma fazia as jornadas. E por maior[es] que fossem os rigores do sol, nunca para sua defesa usou de chapéu, de que usamos na Província. As alfaias de sua cela, quando a[s] tinha, era[m] uma cruz e contas. Outras possuía, mas [MS: mais] como não serviam de ornato por andarem sempre ocupadas, que eram os cilícios, as disciplinas, também não apareciam por ensanguentadas. Estes eram os seus haveres e estes os seus instrumentos, com que, exercitando-se na milícia (p. 139) seráfica, entrava em campo da santa oração e contemplação, em a qual chegava a tratar com o diviníssimo Mestre, a quem tão reverencialmente falava e dizia tão finíssimos amores e colóquios tão subidos, que, ouvidos algumas vezes dos religiosos, se admiraram vendo naquela simplicidade tanta eloquência aprendida na escola da oração e contemplação. Ainda que, por sua humildade muito se acautelava em seus exercícios, contudo permitia Deus que algumas vezes fosse ouvido e em outras visto, como sucedia quando andava às esmolhas. Nas casas em que se recolhia,

(115) Frei Gregório da Conceição (1614-1704) exerceu os ofícios mais variados, como esmoler, porteiro, cozinheiro, refeitorário, hortelão. Frequentemente vinham os seculares ao convento, para pedir conselhos ao santo Irmão Leigo. Cf. CONCEIÇÃO, *Pequenos na Terra* I, p. 568-570; FREITAS, *Elencho*, nº 71; ROEWER, *A Ordem*, p. 179-181.

não rejeitando as camas que lhe faziam, também não usava delas mas de alguma esteira e do próprio chão. Quando molhado, dando o hábito para se enxugar, espreitando-o os seculares (p. 140) pelas fendas da porta ou fechadura, viam então o gibão de cilícios com que se cingia da cintura até os ombros. Das rigorosas disciplinas que tomava, o eco delas incitava aos mais religiosos a dizerem que era ele quem as tomava.

A sua devoção com a Mãe de Deus e a Santa Cruz era mui especial; e mui ambicioso de ajudar a missa. Pelo que, quando se achava nos conventos, principalmente aos dias santos e clássicos, não largando a sobrepele, ajudava as que podia até não haver mais que esperar. E quando por velhice já as não podia servir, assistia a elas na mesma forma, com muita edificação dos que o viam. Mas sempre correu a Via-Sacra todos os dias, em cujo santo exercício estando em casa era indispensável.

(p. 141) Pelo que, os seculares, vendo[o] sempre andar de joelhos, gracejando-o lhe diziam: «Os joelhos se hão de queixar na outra vida». A que respondia: «Muito embora, pois de alguma forma se há de pagar o que se come, o[u] trabalhando, o[u] orando; e como já o corpo não me ajuda a trabalhar, que mal lhe vai em estar de joelhos, pois está quieto!»

Nele se via obediência inteira, castidade perpétua e pobreza verdadeira; a quem acompanhavam as três virtudes teologais da fé e esperança e caridade. Dele se diz que, sendo morador neste convento, sendo pela obediência mandado ao distrito de São Paulo a tirar esmola de gado, uns sujeitos a quem a pediu, por fazerem experiência do que se dizia do servo de Deus, lhe ofereceram um boi, este bom mas tão bravo que o temiam e andava[m] amontado[s]. Aceitou a esmola, foi em busca do boi e (p. 142) chamou-o em nome de Santo Antônio. Obedeceu o bravo animal em tal forma que, lançando-lhe o cordão às pontas, o trouxe com muita suavidade ao convento, ficando os que lho deram com mais reverência ao religioso, louvando juntamente a Deus.

No distrito da Vila de Santo sucedeu que, indo em uma véspera do Nosso Padre a certas pescarias em busca de peixe, enfadados achou os pescadores por não haverem colhido nas redes senão lixo, em quantos lanços haviam botado, que eram bastantes. Aos quais deu notícia ao que vinha; e eles do que lhe[s] havia sucedido. Mas, intervindo a sua petição e a reve-

rência que todos tinham à sua virtude, lançaram as redes. Colheram muito bom[MS: bem] peixe que bastou para encher dois cestos que para isso levava. Avisou então aos pescadores, dele tirassem para jantar, o que não fizeram; de que (p. 143) ⁽¹¹⁶⁾ se arrependeram depois que, lançando novamente as redes como dantes, não colheram nada naquele dia. E o religioso já se havia ausentado para o convento a dar a Deus as devidas graças e entregar ao prelado a esmola, de que não tinha muita confiança por causa do tempo.

Também no distrito da cidade de São Paulo dele afirmam, ressuscitara uma criança a quem seus pais lamentavam por morta; pela qual fazendo fervorosa e continua oração por espaço de uma noite, a entregara pela manhã aos mesmos com vida, dizendo-lhe[s] que a criança estava dormindo e não estava morta. Conheceram estes o benefício que Deus lhes fizera por intercessão de seu servo Frei Gregório.

Este, pondo no mesmo o emprego de todos os seus trabalhos, depois de passados mais de noventa anos, descansou neste convento, (p. 143) onde havia bastantes que era morador, havendo deles em a Religião servido sessenta e quatro anos. Foi seu trânsito no de mil e setecentos e quatro.

Sabida a notícia de seu trânsito, concorreu o Governador desta praça ao convento com outra muita gente, os quais obrigaram os religiosos [a] abrirem as portas que fechadas tinham, querendo nesta forma dar seu corpo à sepultura por se livrarem do tumulto do povo. Foi ele tanto, que não só da vila concorreu a gente, mas também de seu contorno, querendo todos venerar o seu cadáver e despedir-se do que sempre respeitaram como amigo de Deus, tocando juntamente em seu corpo rosários. E os que podiam cortavam pedacinhos de (p. 144) hábito, não bastando três que em retalhos lhe fizeram, para saciar a devoção desta gente. Nesta ocasião sucedeu a [MS: em] um, que queria cortar-lhe [o] hábito, dar-lhe um golpe em um dedo dos pés, do qual logo correu sangue, que outros em lenços recolheram, estimando todos como singulares reliquias a pequena porção que lhes tocava. Mas o guardião atendendo à multidão e gritaria da gente e aos gastos dos hábitos, mandou fechar a [MS: as] porta do convento e dar à comum sepultura o corpo. O que estra-

(116) O MS traz duas páginas seguidas com a mesma indicação de página 143.

nhando-o o povo, como tal guardião se chamasse Frei Mauricio, então diziam Frei Maligno, pelos evitar com tanta pressa de gozarem do que tanto desejavam possuir. Com um cordão deste religioso, outro de N. S. do Carmo no distrito de São Paulo (p. 145) diz que aplicando-o a pessoas perigosas da vida, principalmente a mulheres em ocasiões de parto, sem perigo algum lançaram as crianças. E um morador da Vila de Santos, caindo-lhe por descuido no fogo umas camândulas [MS: camandolas] deste religioso, as achou sem o fogo lhe[s] fazer dano algum. Finalmente concluímos sua notícia, que, a expender-se tudo o que dele se conta, fora necessário maior tratado. O que fará o cronista desta santa Província, quando permitir Deus que a mesma o eleja. E nós, enquanto epítome, nos parece cumprimos, não faltando com estas, ainda que tão diminutas.

§ 19

Do Convento de Nosso Seráfico Padre São Francisco da cidade de São Paulo ⁽¹¹⁷⁾

Primeiro que escreva deste santo convento, quero dar (p. 146) uma breve notícia da cidade de São Paulo, em que está fundado. E segundo a ordem que trazemos dos mais conventos, no de Santos deixamos a costa do mar, a que depois havemos de voltar. E agora, metendo-nos pelo sertão, andadas dele nove léguas, chegamos à antiga Vila de Piratininga, agora moderna cidade, cujo título goza desde o ano de mil setecentos e doze, conservando sempre o que tinha do glorioso Apóstolo seu titular. E é um dos três governos ⁽¹¹⁸⁾ que na repartição do sul são entre si independentes, tendo na sua jurisdição vinte e uma vilas, onze na costa do mar e dez de serra acima; sendo dela

(117) Sobre o Convento de São Francisco da Cidade de São Paulo, Cf. ROEWER, *Páginas*, p. 74-126; JABOATÃO 2, p. 519-523. Como para o de Santo Antônio de Santos foi aceita sua fundação em 1639. Em 1640 construiu-se um pequeno recolhimento, tendo por patrono a Santo Antônio. Só em fins de 1642 foi adquirido novo terreno (o atual) e iniciado o convento, cujo patrono escolhido foi São Francisco.

(118) São os governos do Rio, de São Paulo e de Minas Gerais.

primeiro Governador Rodrigo César de Menezes ⁽¹¹⁹⁾ o qual foi servido mandar para ela el-rei Nosso Senhor Dom João V. no ano de mil setecentos (p. 147) e vinte e um.

Na entrada da cidade está o nosso convento, o qual [é] acompanhado de casas por uma e outra ala, de que se forma uma bem direita e comprida rua, que finaliza com o convento do glorioso Patriarca São Bento; estando a dita rua tão bem plantada e os conventos em tal forma, que se vê as luzes das lâmpadas de um ao outro nos altares maiores. E discorrendo por outras ruas da cidade, em que há alguns edificios muito bons, estão também a ermida de Santo Antônio, a igreja Matriz, o Colégio dos Padres da Companhia, em cujo rocio está o palácio em que residem os governadores. Há mais o recolhimento do titulo de Santa Teresa e logo o Convento dos religiosos de N. S. do Carmo e, não mui longe da cidade, (p. 148) uma boa ermida chamada de N. S. de Goaré ou Djagoaré. ⁽¹²⁰⁾

Da gente desta cidade e das vilas da serra acima, de sua jurisdição, posso dizer é o coração da devoção dos filhos de Nosso Padre São Francisco, como o experimentam os desta Província. Pois eles com suas contínuas esmolas sustentam não só os três conventos que há nas terras de sua estância, mas também em muita parte os dois, o de Santos e Conceição, sendo o seu amor geral a todos os de nossa Ordem. Digam-nos os esmoleres da Terra Santa, os dos conventos das ilhas, onde não há como nas Espanhas Irmãos da Ordem que agasalham os nossos frades porque neste distrito todas geralmente nos recolhem com muito amor, e devoção, não sendo desigual [MS: desiguais] a liberalidade com que pelo amor de Deus a todos favorecem.

(p. 149) É o Convento do Nosso Padre São Francisco fundado nesta cidade o que por sua antigüidade tem o quarto lugar entre os mais da Província, pois foi fundado no ano em que se fundou também o de Santo Antônio da Vila de Santos, que se contava o de mil e seiscentos e quarenta. É muito alegre e aprazível e participa de bons ares e águas, porque, além de três fontes diferentes e de diferentes águas que há na cerca, a

(119) Rodrigo César de Menezes, português, foi nomeado Governador da Capitania de São Paulo em 1721 e Governador de Angola em 1733. Morreu quando regressava ao reino em 1738.

(120) A ermida de N. S. do Guaré ou Guarepe é a ermida ou igreja de N. S. da Luz, no atual Bairro da Luz.

da fonte da Conceição é tão singular, que dela a bebem os governadores e algumas vezes se vêm buscar do Colégio. Passa pela mesma cerca um ribeiro, mas este em ocasiões de chuvas nos dá detrimento por causa de arruinar os muros, por onde tem sua correnteza.

Na mesma cerca houve algumas ermidas, hoje de todo arruinadas por causa das muitas (p. 150) e grandes formigas que neste país há. O convento com alegres oficinas e mui capazes de celas, em que moram trinta religiosos. Algumas vezes tem servido este convento de casa de noviciado, onde eu também indignamente o fui. Outras vezes o é, como ao presente, casa de estudo de Filosofia e Teologia. A sua igreja muito alegre, e nela cinco altares: um na capela dos Irmãos Terceiros; outro de São Benedito na capelinha dos pretos; no cruzeiro, na parte da Epístola, o altar de N. S. da Conceição; no da parte do Evangelho, o de Santo Antônio; o altar mor, nele está depositado o Senhor Sacramentado; e no nicho do retábulo as imagens dos gloriosos Patriarcas São Francisco e São Domingos. A sacristia deste convento é (p. 151) a melhor da Província. No claustro está o capitulo mui bem obrado. Venera-se nele a sacratíssima imagem de N. S. da Piedade, a que corresponde em frente um nicho com outra mui devota de Ecce Homo, a qual fica bem no meio da quadra em que se sepultam os nossos religiosos.

§ 20

De alguns religiosos de que neste santo convento se deve dar notícia

18. Damos em primeiro lugar notícia de um venerável religioso, posto que não fosse filho desta santa Província. Mas, como sua ditosa morte succedeu no distrito deste convento, o incorporamos entre os dela; como também porque dele não achamos entre (p. 152) os escritores da Ordem notícia alguma. Era de nação espanhol e de profissão Leigo de nossa seráfica Religião, chamado Frei Diogo ⁽¹²¹⁾ de muita virtude e santa reputação entre

(121) Frei Diogo era sacerdote (e não *Irmão Leigo*, como traz o A. e os outros cronistas antigos todos). Prova-o Frei Odulfo. O grupo compu-

os seculares. Andava[MS andando] um dia à esmola nesta cidade de São Paulo, onde havia ido com mais três companheiros que em uma armada que ia para o estreito de Magalhães aportaram por contratempo nestas partes (mas são estes distintos de outros que pela mesma causa também nelas estiveram, como fica escrito no terceiro parágrafo a fls. 18); onde, e principalmente no deserto desta cidade, se deixaram ficar dois anos. E neles viveram na ermida de N. S. do Guaré [MS: daguaré] de que acima fizemos menção (porque ainda não tínhamos fundado o convento de que tratamos).

(p. 153) Com muita pobreza, recolhimento e exemplo na diligência da esmola ia para os frades de Cristo, como se costumava. Na qual achou um soldado muito mau cristão e por tal tido de todos, que estava murmurando, jurando e difamando de todo o estado da cristandade. O que ouvindo-o este religioso, movido da honra de Deus e fervor da caridade do próximo, o repreendeu com palavras brandas e cortesias, admoestando-o da parte de Deus e por seu amor, que se lembrasse que era cristão e tirasse de si aquele tão depravado costume e perniciosas palavras, que aos homens era[m] motivo de escândalo e a Deus de ira e castigo. De cuja caridosa admoestação o perverso soldado não agradecido como devera, mas endurecido como mau que era, publicamente com novos juramentos e blasfêmias lhe prometeu que o havia de matar, pois fora tão ousado. Com isto o humilde frade abaixando a cabeça (p. 154) se despediu. E o diabo entrou em seu coração como no de outro Judas, para lhe fazer cumprir sua maldade. E assim foi que, vindo ao outro dia este religioso com a esmola pedida para a casa, ao passar de um regato lhe saiu o dito soldado ao encontro, dizendo-lhe mui feias e injuriosas palavras. Ao que o frade, com os joelhos em terra e mãos levantadas ao céu e mui profundíssima humildade, respondeu pedindo-lhe perdão. Mas ele, levantando de um punhal, com muitas punhaladas lhe tirou cruelmente a vida. A qual quanto fora agradável a todos por suas grandezas, virtudes e santa simplicidade e conversação, tanto sua morte lhe[s] foi pe-

nha-se de três ou quatro frades (não se sabe ao certo), que em 1583, na parada da armada em Santos, recusaram-se a continuar viagem e foram para São Paulo. O assassinato de Frei Diogo se deu pouco depois, no mesmo ano de 1583. Cf. VAT, *Princípios*, p. 150-154; JABOATAO I, II, p. 51-53; CONCEIÇÃO, *Pequenos na Terra*, I, p. 236-238; idem, *Primazia*, p. 113-117.

nosa. Donde este ditoso frade mereceu alcançar o que sua bondade concede àqueles que padecem perseguição por amor da justiça, que é ser bemaventurados na terra e glorioso[s] no céu. Porque sua feliz memória celebrou o muito reverendo Padre Frei Jerônimo ⁽¹²²⁾ Provincial da sagrada Ordem dos Carmelitas, com um sumário autêntico de testemunhas que tirou; (p. 155) de que tudo o sobredito foi colegido. Seu corpo levou o reverendo Padre Prepósito da Companhia de Jesus com mui grande pompa ao seu Colégio desta cidade, onde honradamente foi sepultado. E sua glória manifestou o misericordioso e justo Senhor pelo milagre que se segue.

Uma mulher deste povo havia muitos anos que padecia fluxo de sangue, curando-se por muitas vezes com muito gasto de sua fazenda, mas sem remédio algum de sua saúde. De que já desconfiada, se determinou de procurar o Divino, continuando os sacramentos, freqüentando as igrejas e pedindo aos santos sua intercessão e favor. Aconteceu pois um dia que esta mulher bem aflita e desconsolada se foi à igreja do dito Colégio e, depois de feitas suas devoções, se assentou sobre a sepultura do venerável Frei Diogo, não sem muita devoção e fé em seus merecimentos. Onde, elevada sobre si e tornando como de um acidente, se sentiu súbita e perfeitamente sã da sua dita enfermidade. (p. 156) O que reconhecendo, como boa cristã que era, ao Senhor publicamente deu as devidas graças, ao povo claramente publicou este milagre e ao servo do Senhor acrescentou a glória accidental, em testemunho da essencial que possuía, confirmando em todos sua opinião e grande devoção com que daí por diante o veneraram.

19. Junto do nicho em que se venera no nosso convento a piedosa imagem do Ecce Homo, foi sepultado o venerável Irmão Frei Francisco ⁽¹²³⁾ religioso Leigo e filho desta santa Província e seguidor de nosso saráfico Patriarca. Dele se diz tinha império sobre as aves; e por sua muita benignidade e singeleza de coração lhe vinham estas fazer obséquio, pondo-se destemidas em seus

(122) Um certo Frei Jerônimo Pessoa foi Superior da vice-província carmelita no Brasil em 1608-1611 e novamente em 1620-1623. Certamente foi ele que se encarregou de iniciar o processo sobre a santidade de Frei Diogo.

(123) Frei Francisco, frade Leigo. Não consta quando morreu; mas, como o A. o coloca aqui pouco antes de Frei José *O Santinho*, supomos que faleceu pela mesma época ou pouco antes (c. 1680). Cf. CONCEIÇÃO, *Pequenos na Terra*, I, p. 570; FREITAS, *Elencho*, n.º 62.

ombro e mãos; nas quais ele lhe[s] correspondia piedoso, dando-lhe[s] nelas de comer; e despedindo-as com carinho, elas alegres cantando se ausentavam. (p. 157) Na mesma forma se havia com seus Irmãos. E, além disto, como se foram seus filhos, não deixando de ser deles verdadeiro Irmão, lhes remendava e cosia e lavava os hábitos, com grande desejo de os servir em tudo. E não encontrando o tempo, que gastava nas ocupações do refeitório, em que a obediência o havia ocupado, todo o mais empregava em utilidade dos mesmos, fazendo tudo com muita humildade e alegria. Nesta forma viveu até que chegou a completar o curso da vida neste santo convento, e como verdadeiro observante de nossa santa regra e meu estado. Os religiosos saudosos de sua santa companhia, para que constasse do ajustado procedimento deste seu religioso Irmão, como também por sinal de seu agradecido reconhecimento puseram em sua sepultura este epitáfio de letras pretas e redondas que dizia: (p. 158) «Sepultura de Frei Francisco, frade Leigo», assás mostras de suas virtudes; porque, ainda que tão limitado pelo não usarmos, se conhecem as relevantes prendas deste servo de Deus, quando lho chegaram a pôr. Cuja lembrança inda existia no ano de mil setecentos e vinte e um. Mas no de mil setecentos e vinte oito, em que me achei neste santo convento, já não achei mais que a metade do grande ladrilho em que estava gravada esta lembrança.

20. Neste mesmo convento assistiu e morou o servo de Deus Frei José ⁽¹²⁴⁾ mais conhecido inda hoje pelo título de Santo, que pelo de Santo Antônio, de que constava o seu sobrenome. Este religioso foi de profissão Leigo e noviço no nosso convento de São Francisco da Vila de N. S. da Vitória, da Capitania do Espírito Santo. Era de mui contínua oração e teve graça de Nosso Senhor para (p. 159) reconciliar inimigos, como várias vezes se viu. Sendo uma delas, ainda muito lembrada, nas guerras civis que traziam os Paulistas (assim se intitulam os da

(124) Frei José de Santo Antônio, apelidado *O Santinho* (+ 1686), português, veio a Pernambuco em 1625, trabalhando como mercador. Tomou o hábito em Vitória em 1633, passando poucos anos depois para o Convento de Santo Antônio do Rio. Integrava o grupo de frades que foram fundar o convento em São Paulo em 1640. Sua ida para o norte se deu em 1661. Morreu de uma peste que dizimou a população de Olinda, a 25 de fevereiro de 1686. Todos concordam nesta data: apenas o próprio Frei Apolinário, em *Pequenos na Terra*, coloca a data de 1688. Cf. CONCEIÇÃO, *Pequenos na Terra* I, p. 571-572; JABOATÃO I, II, p. 345-354; ROEWER, *A Ordem*, p. 181-185.

capitania desta cidade), havendo nelas mortes e outros desconcertos costumados em tais ocasiões. De que doendo-se o dito religioso de assim ver ofendido a Deus, a quem com todas as veras de sua alma amava, recorreu ao mesmo na oração e dela saiu com bom despacho, pelo efeito que se viu. Pois, entrando entre os que tão tenazes estavam no ódio e suas opiniões, aos quais persuadindo e aconselhando-os, atenderam eles, porque o veneravam como amigo de Deus. Logo como a oráculo seu obedeceram e, largando as armas das mãos, as deram uns aos outros de verdadeira amizade, redundando tudo em louvores de Deus e deste bom filho de nossa santa Província (p. 160) da Imaculada Conceição de N. S. do Rio de Janeiro. A sua caridade era conhecida de todos, especialmente dos pobres mendigos a quem intimamente amava, buscando por todos os modos o de os remediar. Sendo porteiro lhes acudia com prontidão; e quando era juntamente refeitoreiro usava de uma indústria: convidava aos religiosos para almoçarem, para que assim, menos necessitados, lhes sobrasse mais no jantar, para com mais abundância regalar aos irmãos da portaria, sendo a sua ração a primeira que lhes dava.

Da sua abstinência se diz, cotidianamente não comia peixe nem carne, sendo sua ordinária comida umas sopas de farinha de guerra e, quando as comia, eram já frias. Ao mesmo passo corriam as mais asperezas e penitências que usava. O que tudo se mostrava (p. 161) no macilento rosto e no mais composto de seu corpo, em que se via o retrato de um verdadeiro penitente.

Deste santo convento o mandou a obediência para os do norte. E prevendo o prelado a força que fazia aos moradores desta cidade e seu termo, tirando-lhe[s] da sua companhia a quem tanto veneravam, lhe ordenou que com segredo e brevidade fizesse viagem; o que logo executou em tudo, como verdadeiro obediente que era. Porém, sabendo-se de sua ausência, foi geralmente sentida pelos naturais a sua retirada e com excesso se foram armados em seu alcance, para o tornarem a reconduzir ao mesmo convento. Mas não o alcançando, se voltaram queixosos do que era causa de seu sentimento. Seguiu os mais conventos que a obediência lhe ordenava e finalmente esteve morador em o de N. S. das Neves da cidade de Olinda, (p. 162) da capitania de Pernambuco. Aqui é onde [MS: donde] suas notícias vivem mais lembradas. E o manifesta o relógio [MS: religioso] do mesmo convento, para o qual se deu a esmola por haver este religioso aconselhado, se não embarcasse em um navio da frota

que vinha para Portugal um sujeito filho de um cidadão daquela cidade. E vendo este, no decurso da viagem em outro navio em que ia, se perdera o em que tinha ajustado vir, e reconhecendo o conselho do servo de Deus, mandou aviso ao pai. Este lhe enviou ao convento um mimo de açúcar, do qual os prelados, comutando-se por via dos síndicos em dinheiro, houveram o tal relógio que, servindo há bastantes anos, ainda não necessitou de conserto.

Com outro devoto da Religião sucedeu, indo ao convento, na saída (p. 163) despedindo-se deste religioso, dizer-lhe ele: «Vá para casa; há de ser grande, mas escapará». E não entendendo o enigma por então, logo que chegou à casa o entendeu, porque se viu acometido de uma grave enfermidade de que esteve muito mal. Passados alguns dias o foi visitar e, levando-lhe do convento umas frutas, as deu ao doente; as quais comeu com grande fé, por lhas haver levado quem lhe havia anunciado a tal enfermidade. E com efeito experimentou, nelas [MS: neles] lhe tinha[MS: tinham] ido o singular remédio, com que logo cobrou saúde.

Estas e outras maravilhas obrou o Senhor em abono de sua virtuosa vida; e outras depois de sua morte, que foi no dito Convento de N. S. das Neves, onde está sepultado junto da porta que entra para o (p. 164) cruzeiro da capela da igreja, da parte da Epístola. Em cima da tal sepultura se lê em uma pequena pedra este letreiro: «Sepultura do servo de Deus Frei José de Santo Antônio, Padre nosso ⁽¹²⁵⁾ ano de mil seiscentos e oitenta e seis», em que foi seu ditoso trânsito, onze que se havia dividido a nossa Província da de Santo Antônio, de que é o tal convento. A qual escreverá das horóicas virtudes deste religioso mais largamente. E[a] nós nos fica a glória de que nesta Província recebeu o hábito e nela viveu tão religiosamente e com tal opinião, como no pouco que dele dizemos bastantemente temos mostrado. Com que damos fim às notícias deste santo convento.

(125) Frei José não era padre, mas leigo, como o A. disse pouco acima.

§ 21

Do hospício sito na Aldeia de São Miguel ⁽¹²⁶⁾

(p. 165) É a Aldeia de São Miguel da jurisdição da cidade de São Paulo e dela distante quatro léguas, algum dia de muito número de gentio, hoje, por causa das minas para onde os levam os Governadores e ministros reais, mui destituída da sua primeira grandeza.

Conserva-se, porém, a sua igreja com maior auge que antigamente, pelo cuidado e zelo dos nossos religiosos que aqui residem. Nela se vêem exercitadas as obras de devoção, assim do gentio como de muitos moradores circunvizinhos, na assistência dos sermões, terço de Nossa Senhora, missas assim rezadas como cantadas, quando sucede havê-las, na freqüência dos sacramentos da confissão e eucaristia. Além de todos os dias, pela manhã e à noite, se ensinar a doutrina, (p. 166) principalmente aos pequenos da aldeia, que rematam com algumas orações que com muita graça cantam. Têm suas confrarias, que servem com muito zelo, tendo por orago a aldeia o Arcanjo São Miguel, que no altar mor se venera em sua linda imagem.

O hospício está contíguo à mesma igreja; no qual assiste o superior e dois companheiros religiosos desta nossa Província. Ocasião há em que se acham mais, mas os tais são hóspedes; ou em ocasiões que os prelados vão em visita a ela, tendo para todos no dito hospício suficiente cômodo, assim de celas como de refeitório e mais oficinas. O presidente ou superior da aldeia tem voto em capítulo, o que não gozam os das mais missões; e o primeiro que exerceu este ato foi (p. 167) o Irmão Pregador Frei Miguel de Santa Bárbara ⁽¹²⁷⁾ da Vila de Taubaté. E assim nas aldeias têm os religiosos jurisdição no espiritual como no temporal. Entende-se o superior no espiritual, em tudo o que faz

(126) Sobre o Hospício e Aldeia de São Miguel, Cf. ROEWER. *Páginas*, p. 505-513. A aldeia já era antiga. Foi confiada aos franciscanos no ano de 1697 ou 1698.

(127) Como houvesse 13 conventos na Província quando se introduziu a Alternativa, o Papa determinou no Breve de confirmação que o superior de uma das aldeias tivesse voz em Capítulo, para formar número par de vogais e fosse igual o número de ambas as filiações (portugueses e brasileiros). A aldeia escolhida foi a de São Miguel. Frei Miguel de Santa Bárbara foi o primeiro superior dela a participar de Capítulo, a 11 de maio de 1726.

um pároco em sua freguesia; no temporal, elegendo juizes, alcaide e capitão mor. Pelos quais, quando alguns andam mal encaminhados, manda prender, açoitar; porém o desterrar para outras aldeias só o Irmão Provincial o manda fazer, havendo causas justas. E assim nestas como nas demais ações se vê uma bem formada república, conservando todos muita sujeição e reverência aos padres; e entre si respeito aos seus ministros.

(p. 168).

§ 22

Do Convento de Santa Clara da Vila de Taubaté ⁽¹²⁸⁾

Distância de vinte e seis léguas de sertão, nas quais se encontram algumas povoações, depois que saímos da Aldeia de São Miguel, chegamos à Vila de São Francisco das Chagas, bem conhecida pelo apelido da terra, que é Taubaté. É ela, ainda que pequena, muito galante pela planície em que está fundada; onde tem uma boa igreja Matriz e à sua vista, com pouca distância, o nosso convento. E no termo tem algumas capelas.

É o nosso convento o maior ornato desta vila, por ser o maior edificio dela, como também pelo abono que com ele recebem as povoações, onde os há de qualquer Ordem. Foi fundado no ano de mil e seiscentos e setenta e três; e por isso tem o décimo lugar (p. 169) entre os mais da Província, sendo este o último quando a mesma foi eleita. Nele assistem dezesseis religiosos, em que entram alguns confessores da língua da terra para confessar o gentio dela, concorrendo por esta causa principalmente de outras vilas em tempo da quaresma muitos a este convento, a desobrigar-se do preceito da Igreja. E assim também há um religioso mestre que ensina a ler, escrever e contar aos meninos desta vila, e a outros a gramática, para o que tem parte deputada para o estudo no convento. E não é só neste convento que o temos, porque o mesmo exercitam os nossos religiosos no convento de Cabo Frio e no do Macacu, donde têm saído muitos clérigos e

(128) Sobre o Convento de Santa Clara de Taubaté, Cf. ROEWER, *Páginas*, p. 327-371. Em 1673 o Provincial aceitou a fundação, mandando os frades fundadores em 1674.

alguns religiosos nossos e da Companhia de Jesus. O convento é pequeno, a igreja capucha. Nela três altares: o da parte do Evangelho, de N. S. (p. 170) da Conceição; o da Epístola, de Santo Antônio; e no altar mor, a imagem da gloriosa virgem Santa Clara, com uma custódia de prata em as mãos, havendo no mesmo retábulo as imagens de nossos Patriarcas São Francisco e São Domingos.

§ 23

Do Convento de São Luís da Vila de Itu (129)

Voltando da Vila de Taubaté à cidade de São Paulo, dela fazemos caminho de doze até quinze léguas [na margem do MS: léguas 18], para haveremos de chegar à Vila de Itu. É esta vila também da jurisdição da Capitania de São Paulo. Tem bastantes moradores, a que acompanham o nosso convento e um hospício de religiosos de N. S. do Carmo e igreja Matriz.

O nosso convento, de quem é orago São Luís, bispo de Toluza, lustre de minha sagrada Religião, foi fundado no ano de mil e seiscentos e noventa. Tem (p. 171) entre os mais conventos o duodécimo lugar. Também é o segundo que se fez depois da separação da nossa santa Província. A sua fábrica não é de pedrarias, mas de humilde taipa de terra, de que também se formam as mais casas desta povoação. Pelo que, sendo tão moderno este convento, já no ano de 1728 estava um de seus dormitórios tão arruinado, que ameaçava ruína. O que atendido pelo Irmão Provincial Frei Fernando de Santo Antônio, indo em visita a este convento, mandou pedir esmola pelos moradores, que com elas concorreram suficientemente para que, lançando-se as danificadas paredes em terra, se fizesse novo dormitório, dando-lhe o dito padre grande fervor pela sua assistência e aplicação; por cuja causa se deteve ali alguns meses. A igreja do convento, inda que pobre, [é] asseada, com três altares que nela (p. 172) costumamos ter, venerando-se no maior a imagem de seu orago, sendo um deles altar privilegiado, em que imita a todos os mais conventos. Porque em todos eles há altar

(129) Sobre o Convento de São Luís de Itu, Cf. ROEWER, *Páginas*, p. 406-438. O convento foi iniciado em 1691 e terminado em 1692.

com a dita graça impetrada da Sê Apostólica pelo Irmão Provincial, hoje Definidor Geral feito no capítulo que se celebrou a quatro de junho de mil setecentos e vinte nove, no convento de Santo Angelo da cidade de Milão. Os moradores deste convento são vinte.

§ 24

Do Convento de N. S. da Conceição da Vila de Itanhaém ⁽¹³⁰⁾

Desde que saímos do convento e Vila de Santos e discorremos pelos da serra acima, andando[MS: andandados] nos tais caminhos até tornarmos a descer a Serra de Paranapiacaba cento e duas léguas ou pouco mais, agora introduzindo-nos novamente nos da costa do mar, (p. 173) caminha[n]do dela doze léguas chegamos à Vila de N. S. da Conceição de Itanhaém, a qual está em altura de vinte e quatro graus e quinze minutos. Compõe-se esta de vinte e cinco até trinta fogos, com sua igreja Matriz em que algumas vezes servem nela de vigários os nossos religiosos, assistentes no convento que aqui temos, em um pequeno monte que junto da vila está levantado.

Foi nele o nosso convento fundado no ano de mil e seiscentos e cinquentia e quatro; e assim tem o oitavo lugar a respeito aos mais da Província. E ainda que solitário, por isso buscado de alguns religiosos, assistindo por todos vinte e dois. Dele se descobre o mar sem tropeço. A vilinha lhe fica por baixo e a terra pelo outro lado. A igreja mui (p. 174) vistosa, tendo nos dois altares colaterais as imagens de Nosso Padre São Francisco e Santo Antônio, e no maior a milagrosissima imagem de N. S. da Conceição, cujo titulo é o do convento e também, como havemos dito, da vila em que o temos fundado.

A esta soberana Senhora concorrem muitos romeiros de toda a Capitania de São Paulo, assim das povoações da serra acima

(130) Sobre o Convento de N. S. da Conceição de Itanhaém, Cf. ROEWER, *Páginas*, p. 269-303; JABOATÃO 2, p. 583-584. A fundação da casa em Itanhaém foi aceita em 1653. No ano seguinte chegaram os frades e construíram a residência. O convento só foi começado em 1700 e terminado em 1714.

como das da costa do mar, confessando todos os continuos favores que, dispendidos por suas sacratíssimas mãos, cotidianamente recebem. Outros os vêm suplicar com novenas que nesta sua santa casa vêm fazer, mostrando-se a piedosa Senhora com todos benigna, como Mãe que é da Divina Misericórdia. E assim os prelados, atendendo a muita continuação dos tais romeiros, mandaram fazer algumas casinhas em que se possam os tais recolher, e principalmente (p. 175) na festa da Senhora, em que da Vila de Santos vem muita gente.

§ 25

Do hospício da Aldeia de São João ⁽¹³¹⁾ e de N. S. da Conceição em Lisboa Ocidental ⁽¹³²⁾.

Quatro léguas para o sul, distante do convento de que acabamos a descrição, temos o hospício da Aldeia de São João, ocupada de gentio da terra, aos quais administram os nossos religiosos as mesmas obras de cristandade e governo como deixamos escrito na Aldeia de São Miguel. Aqui comumente no hospício assiste o superior com mais três religiosos, que sempre os prelados atendem a serem suficientes para as tais missões. Nesta assistiu o Irmão Frei Manuel da Conceição Cunha ⁽¹³³⁾. Pregador e ex-definidor, cujo zelo da salvação das almas o levou (p. 176) a caminho de outras povoações para o sul, onde, pregando e exercendo os mais atos de missionário e evangelizador da Lei de Deus, fez muito serviço ao mesmo.

Neste parágrafo quisemos fazer lembrança, ainda que esteja fora de mão, do hospício que tem esta santa Província na corte e cidade de Lisboa Ocidental, porque, quando tratamos do último com que finalizam as casas da Província, esteja este

(131) Sobre o Hospício de São João de Peruibe, Cf. ROEWER. *Páginas*, p. 497-504. Esta aldeia, já existente, foi entregue aos franciscanos em 1692.

(132) Cf. acima, nota nº 3.

(133) Frei Manuel da Conceição Cunha ou Reboleira, foi dos grandes missionários da Província: percorreu as regiões de Cananéia, Itanhaém, chegando até Paranaguá e Rio São Francisco. Faleceu após 1770. Cf. FREITAS, *Elencho*, nº 229.

domicílio incorporado entre os mais. É ele sito, no meio da travessa da Estrela, ficando-lhe por uma face a rua do Loureiro e pela outra da banda de baixo a rua da Cruz. Na sua parte principal tem o sobreescrito dos moradores dele, no qual se vê um ralo em que estão levantados em forma de cruz os braços, de Cristo um e de São Francisco meu Padre (p. 177) outro; em meio a cruz e nela a coroa de espinhos. Na própria há campanha com que se faz aviso para se abrir aos que vêm à casa, como também para confessar e ajudar a alguns moribundos da vizinhança, a quem com pontualidade acudimos. Nele temos, além de refeitório, oficinas e aposentos, uma mui asseada capela, em cuja se venera a Senhora da Conceição, titular de toda a Província, e assim se intitula o mesmo hospício. O altar mui bem ornado, em que os sacerdotes dizem missa, obra que se deve ao cuidado do Irmão Frei Geraldo de Jesus sendo Procurador da Província. Assistem aqui o Padre Procurador e seu companheiro; e alguns religiosos que vêm da Província também nele assistem, chegando no ano de mil setecentos e vinte e nove (p. 178) a ter oito, achando-se entre eles o Padre Provincial que o visitou, indicando os procedimentos de cada um, como se usa nos conventos da Província. Nele assistimos agora três religiosos.

§ 26

Do hospício da cidade nova Colônia do Sacramento, em que finaliza a nossa Santa Província ⁽¹³⁴⁾

Da Aldeia de São João se vai a costa continuando até o Rio da Prata, onde temos a nova Colônia do Sacramento, a qual está em altura de trinta e cinco graus e fica leste-oeste com a barra do dito rio que corre o mesmo rumo. E por ele acima, distância de sessenta léguas e duzentas e quarenta e seis da dita aldeia,

(134) Sobre o Hospício da Colônia do Sacramento, Cf. ROEWER, *Páginas*, p. 469-475. Logo na primeira fundação da Nova Colônia iam dois frades, dos quais um chegou a ela. Mas foi preso e levado a Buenos Aires junto com os demais prisioneiros capturados pelos castelhanos no assalto e tomada da Colônia. Em 1683 este frade voltou à Colônia e assistiu à reconstrução.

tem seu assento esta cidade, defronte da de Buenos Aires, da coroa de Espanha.

Três vezes tem sido fundada. A primeira vez por Dom Manuel Lobo ⁽¹³⁵⁾ pelos anos de mil e seiscentos e setenta e nove; e não estando ainda em cabal defesa, foi tomada dos castelhanos. A segunda fundação, por Dom Francisco Naper de Alencastro ⁽¹³⁶⁾, pelos anos de mil e seiscentos e oitenta; e o de mil e setecentos e três queimada pelos nossos, depois de largo cerco e combate que lhe deram os castelhanos e gentios. A terceira vez, edificada por ordem de El-rei Nosso Senhor Dom João V, a qual existe. ⁽¹³⁷⁾

É uma bem formada povoação e adornada com a igreja Matriz da invocação do Santíssimo Sacramento um Colégio dos Padres da Companhia de Jesus com o título de São Francisco Xavier e uma ermida de Santa Rita; e fora da praça, para a parte do norte, outra de N. S. do Bom Sucesso. Na segunda vez (p. 180) que se povoou esta cidade, tivemos aqui hospício da nossa Província que, destruída a povoação, padeceu ele o mesmo contratempo. Mas no presente continuaram os moradores e o seu governador com repetidas súplicas à Província, pedindo nos restituíssemos àquela terra, alegando a grande consolação que nisso se lhe seguia, como também o conservarem a terra onde [MS: donde] primeiro tivemos casa, sem embargo de [a] haver pedido outra Religião. E porque nos não desculpássemos pela licença de Sua Majestade, haviam já em nome de todo o povo enviado a pedi-la ao mesmo Senhor; e que eles se achavam prontos [a] ajudar-nos na fundação em todo o possível.

Pelo que, atendendo a Província nas expressões e devoção desta gente e haverem mandado pedir a licença do nosso soberano, enviou o Irmão Provincial Frei Fernando de Santo Antônio ao Irmão Frei Manuel de Santa Ana, (p. 181) Pregador e na-

(135) Dom Manuel Lobo, Governador do Rio de Janeiro (1677), foi pessoalmente edificá-la, partindo do Rio em dezembro de 1679. Edificou-a nos inícios de 1680 e foi seu primeiro Governador. Foi aprisionado pelos castelhanos e morreu em Buenos Aires.

(136) Dom Francisco Naper de Alencastro procedeu à reedificação da Colônia do Sacramento em 1683 (não em 1680, como traz o A.). Mais tarde foi Governador do Rio (1689-1690). Em seguida partiu novamente para a Colônia, como Governador dela.

(137) Restituída a Portugal pelo Tratado de Utrecht em 1715, novamente a ocuparam os portugueses em 1716.

tural da mesma Colônia, e ao Irmão Frei Francisco da Porciúncula, religioso Leigo natural de Portugal, por fundadores. ⁽¹³⁸⁾

Saíram estes do convento e cidade do Rio de Janeiro no mês de novembro de mil e setecentos e vinte e oito. Chegaram àquele porto no mês de dezembro do mesmo ano. Cuja chegada foi de muito gosto àquele povo, e nele tratados os religiosos com muito carinho, honras e caridades de todos. E assim trataram de dar princípio ao hospício em que se continua com muita diligência; e principalmente depois que o ordenou por seu decreto real El-rei Nosso Senhor, para que fôssemos para a dita terra e fundação quatro religiosos, três sacerdotes e um Leigo; consignando-lhe sua real generosidade esmola perpétua, com que se constituiu padroeiro do mesmo hospício, e o é de quase todas as nossas (p. 182) casas da Província, e singular benfeitor de toda ela, não tendo por esta causa inveja as de Portugal; pois na distância em que está a nossa lá chega a sua caridade e lembrança daqueles religiosos de São Francisco, na continuação de seus reais favores, nos decretos com que nos defende e ordena a seus ministros nos amparem, nas esmolas que cotidianamente estamos recebendo; que haver de contá-las seria necessário maior tratado.

Mas como este o é de notícias, apontarei que, a dois anos a esta parte, tem recebido a Província um muito perfeito relógio e sino com oito arrobas e meia; para o coro de seis conventos, saltérios e calendas; a Santo Antônio do Rio de Janeiro mandou dobrar o soldo de capitão; para as obras do convento da virgem Santa Clara da Vila de Taubaté mandou dar quatrocentos mil réis. Enfim para manifestar (p. 183) suas reais grandezas feitas à minha santa Província, não sou eu suficiente escritor. E conhecendo-o assim, com o silêncio encobrirei o que não deixe explicar minha insuficiência.

Continuo, porém, em dar fim a este epitome, pois temos acabada a descrição dos conventos e das coisas mais essenciais dela. E porque os conventos, na ordem que levei, não se seguiram segundo suas fundações, mas sim como os encontrávamos indo do norte onde principia para o sul onde acaba; pelo que finalizarei com o seguinte parágrafo para maior clareza dos que o[MS: os] lerem.

(138) Frei Manuel de Sant'Ana e Frei Francisco da Porciúncula. Cf. FREITAS, *Elencho*, nº 126 e 120.

Conclusão das notícias da santa Província

Foi sua elevação e dignidade de Província (p. 184) com título de N. S. da Conceição (que já possuía no tempo em que era Custódia), no ano de mil seiscentos e setenta e cinco.

Suas casas, segundo os anos de suas fundações (139).

1. o de N. P. São Francisco da Vila de N. S. da Vitória da Capitania do Espírito Santo, fundado no ano	1595
2. o de Santo Antônio da cidade do Rio de Janeiro	1608
3. o de Santo Antônio da Vila de Santos no ano	1640
4. o de N. P. São Francisco da cidade de São Paulo no mesmo	1640
5. o de São Boaventura da Vila do Macacu ano	1649
6. o de N. S. da Penha da Capitania do Espírito Santo no ano de	1650
7. o de São Bernardino da Ilha Grande ano	1652
8. o de N. S. da Conceição da Vila de Itanhaém	1654
9. o de N. S. do Amparo da Vila de São Sebastião	1657
10. o de Santa Clara da Vila de Taubaté ano	1673

Com estes dez conventos se elegeu a Província. Continuamos com os que se lhe acrescentaram:

11. o de N. S. dos Anjos da cidade de Cabo Frio	1684
12. o de São Luís da Vila de Itu, fundado no ano	1690
13. o de Bom Jesus da Ilha, uma légua distante do Rio	1709

(p. 185)

Hospícios

1. o da Aldeia de São Miguel da Capitania de São Paulo
2. o da Aldeia de São João da Vila da Conceição
3. o da Aldeia de Santo Antônio dos Campos dos Goitacazes
4. o de N. S. da Conceição da cidade de Lisboa Ocidental
5. o da Nova Colônia do Sacramento

(139) Cf. acima, ao longo das notas, o que dissemos a respeito das datas de fundação de alguns conventos. Quanto ao de Cabo Frio, aqui diz o A. que foi fundado em 1684, quando antes (no § 11) lhe assinalara a data de 1681. Cf. acima, nota nº 97.

Casas de Noviciado

A de Nosso Padre São Francisco da Vila de N. S. da Vitória da Capitania do Espírito Santo

A de N. S. dos Anjos da cidade de Cabo Frio na Capitania do Rio de Janeiro

A de São Boaventura da Vila do Macacu na Capitania do Rio de Janeiro

A de São Bernardino da Ilha Grande na mesma capitania

Missões

A do Hospício de Santo Antônio dos Campos dos Goitacazes

A do Hospício de São João no termo da Vila de N. S. da Conceição

A do Hospício de São Miguel no termo da cidade de São Paulo

Casas de Estudo de Filosofia e Teologia

A de Santo Antônio da cidade do Rio de Janeiro

A do Bom Jesus da Ilha, distante uma légua da mesma cidade

A de Nosso Padre São Francisco da cidade de São Paulo
(p. 186) Casas em que se ensina gramática e ler, escrever e contar

A de N. S. dos Anjos de Cabo Frio

A de São Boaventura da Vila do Macacu.

A de Santa Clara da Vila de Taubaté

Religiosos que viveram e morreram com boa opinião:

Do estado sacerdotal nove; do estado leigo onze. De todos fazemos memória nos ditos conventos.

Os religiosos que há nesta Província ao presente são, segundo os havemos numerados, quatrocentos e quatorze. Mas fora do número há mais com os quais fazem o número de quatrocentos e cinquenta.

Um escritor, que foi nosso caríssimo Irmão Frei Agostinho da Conceição.

Um Definidor Geral de toda a nossa Religião, primeiro das Províncias do Brasil: o nosso caríssimo Irmão Frei Fernando de Santo Antônio, natural da cidade de Lisboa e ao presente digníssimo Provincial desta santa Província.

Com o [MS: a] qual ponho fim a este nosso epítome da mesma Província de N. S. da Conceição do Rio de Janeiro (p. 187) do Estado do Brasil, dando muitas graças a Nosso Senhor Jesus Cristo, pois quis se acabasse este mui pequeno trabalho feito à glória sua e proveito de meus caríssimos Irmãos, filhos desta santa Província. A cujos pés, e primeiro aos de nossa Santa Madre Igreja Romana, de todo o meu coração rendo tudo o que nele está escrito, para que o emende e corrija.

[ass.] Frei Apolinário da Conceição (140)

21. Também desta nossa Província é filho, pois nela tomou o nosso santo hábito e professou para frade Leigo, o venerável Frei Manucl da Natividade. (141) Cuja noticia nos comunicou o Padre cronista da Província da Arrábida, com quem falando acerca de outros servos de Deus para um livro que escrevi com o título de *Pequenos na terra e grandes no céu*, que sendo Deus servido se pretende saia à luz, entre outros religiosos Leigos de virtude que ele pretende mostrar na segunda parte de sua Crônica, é este que em resumo pomos (p. 188) neste lugar, por me constar a tempo que já estava este epítome acabado.

Era Frei Manuel natural da cidade de Lisboa, onde aprendeu o ofício de carpinteiro. E passando à cidade do Rio de Janeiro,

(140) É assinatura autógrafa do A. que havia encerrado aqui o Epítome. O que se segue é também do mesmo A., e por ele novamente assinado. Foi acrescentado pouco mais tarde e escrito em letra cursiva.

(141) Frei Manuel da Natividade (+ 1723), apelidado O Calambuco. Irmão Leigo, nasceu por volta de 1643 e veio moço ao Brasil. Trabalhou de carpinteiro no Convento de Santo Antônio do Rio, onde em seguida tomou o hábito. Sobre o motivo de sua ida à Europa, diz o *Espelho de Penitentes* o seguinte: Alguém cometera um crime (falta) e Frei Manuel foi dele injustamente acusado e castigado; desgostoso fugiu, com a ajuda dos beneditinos, para Portugal e depois foi para Roma, onde conseguiu licença de incorporar-se à Província da Arrábida. Cf. CONCEIÇÃO, *Pequenos na Terra* I, p. 572-573; FREITAS, *Elencho*, n.º 104; PIEDADE, *Espelho de Penitentes* II, Lisboa 1737, n.º 1.061-1.064.

nela [MS: nele] se aperfeiçoou no tal ofício, em que era peritíssimo. Chamou-o Deus à Religião, a que o conduziram os santos exemplos dos religiosos da nossa Província, onde pretendendo o hábito se lhe concedeu e nela viveu três ou quatro anos. Da qual, por motivos que a isso o obrigaram, se passou a Portugal, caminho que fez duas vezes, e um a Roma. Na qual (querendo ficar em Portugal) alcançou da mesma cúria patente para se incorporar na mui santa Província da Arrábida, em que mostrou claramente a perfeição de sua observância; pois escolheu uma tão penitente e reformada Província, depois que pretendeu deixar a em que nascera (ou por não tornar a embarcar, ou por não querer deixar Portugal). Nela foi admitido em virtude das Letras que trazia e também pela parte de seu préstimo e ofício (p. 189) de carpinteiro. E assim foi mandado para alguns conventos, onde fez mui boas obras e com muito zelo e cuidado. E quando já por sua velhice o isentaram os prelados de tal ministério, mostrava disso muito sentimento; mas, por não estar ocioso, fazia colheites que distribuía aos religiosos. Também se reconheceu sempre nele ser mui afeto ao santo exercício da oração, não faltando nunca a ela, como também ao cuidado de ajudar às missas.

Finalmente da singularidade de sua morte se infere qual seria a sua vida. Era morador do convento de Óbidos, casa em que viveu mais de vinte anos, e no de mil setecentos e vinte e três aos dezessete de abril, depois de jantar, foi ter com o guardião e lhe pediu licença para a enfermaria das Caldas. E ainda que o prelado lhe não via motivos de queixa para ir curar-se, atendendo porém à sua velhice lhe concedeu a licença pelo consolar. Havida esta, se foi à cela e, tomando uns panos menores e umas ligaduras, se veio a uma janela do dormitório, donde se descobre a Vila de Óbidos. Disse em voz alta: «Adeus, (p. 19) Vila de Óbidos, que tanto bem me fizeste e tantas esmolos recebi de ti. Deus te pagará». E perguntando-lhe os religiosos que o ouviram por que dizia aquilo, respondeu: porque a não veria mais. E logo indo à mesma vila, se despediu de algumas pessoas, dizendo-lhe[s] o mesmo. E passando pelo lugar de Caeiras [MS: Gaieiras], fez o mesmo a outras pessoas devotas. E porque lhe responderam que estava galanteando e que ainda o haviam de ver, respondeu: que sim o veriam passar dali a três dias, mas havia de ser no esquife; e que aquelas ligaduras, umas eram para lhe atarem as mãos e outras os pés. E depois de lhas mostrar seguiu seu caminho. Chegou à enfermaria, onde o visitou o médico. Este lhe disse que lhe não achava mais queixa que a

EPÍTOME DA PROVÍNCIA FRANCISCANA DA IM. CONCEIÇÃO DO BRASIL

da sua idade; mas ele o certificou vinha a morrer. Mas os frades então lhe disseram que, visto não ter causa para curar-se, voltasse ao convento. Ele então lhe[s] disse que primeiro se queria confessar geralmente. Fez sua confissão; mas quando no outro dia veio o médico (p. 191) o achou com tão forte febre, com que admirado tratou do[s] remédios. Porém, vendo que estes eram baldados, o mandou sacramentar. E recebidos todos os sacramentos, rendeu seu espírito ao Senhor no termo dos três dias que havia predito. Passou por Caeiras para o convento de Ôbidos onde está enterrado. Contava já de idade oitenta anos. E contam muitos sua maravilhosa morte, acreedora, segundo a opinião que com ela deixou, de suas virtudes. Mais largamente tratam dele os memoriais da dita Província da Arrábida. E [a] nós nos parece bastante estas, para glória de nossa santa Província e lembrança de seu filho, que também a honrou, ainda que acabasse dela tão distante.

[ass.] *Frei Apolinário da Conceição*

(p. 192) INDEX

do que compreende este epitome em seus parágrafos

§ 1. Da origem e princípio donde emanou esta santa Província e seus religiosos, pág. 1.

§ 2. Do tempo em que chegaram ao Convento do Rio de Janeiro as patentes e bula desta nova criação de nossa Província, pág. 7.

§ 3. Breve relação do Estado do Brasil. Primazia que nele têm os religiosos de nossa Ordem e vidas de alguns deles até o tempo de nossa Província, pág. 9.

§ 4. Dos fundadores desta Província e das capitânias em que está fundada, pág. 32.

§ 5. Descrição do Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro e algumas notícias da cidade em que está fundado, pág. 35.

§ 6. De alguns religiosos de virtude que houve neste convento e nele estão sepultados, como também de outro que, sendo dele guardião, passava a Portugal e acabou em Marrocos, pág. 46.

- § 7. Breve notícia da Vila da Vitória e do convento que nela temos, pág. 61.
- § 8. Das heróicas virtudes de Religiosos, dos quais neste santo convento estão suas reliquias, pág. 68.
- § 9. Descrição da Vila do Espírito Santo e do Convento de Nossa Senhora da Penha, pág. 97.
- § 10. Do Hospício de Santo Antônio na Aldeia dos Campos dos Goitacazes, pág. 105. (p. 193).
- § 11. Descrição da cidade de N. S. da Assunção e do convento que na mesma temos, pág. 109.
- § 12. Do Convento de São Boaventura e Vila de Santo Antônio de Sá, onde está fundado, pág. 115.
- § 13. De três religiosos dignos de lembrança, pág. 121.
- § 14. Do Convento de Bom Jesus da Ilha, pág. 125.
- § 15. Do Convento de São Bernardino da Vila da Ilha Grande, pág. 128.
- § 16. Do Convento de N. S. do Amparo e Vila de São Sebastião, pág. 130.
- § 17. Do Convento de Santo Antônio da Vila de Santos, pág. 133.
- § 18. Em que se dá notícia de um religioso, que neste convento está sepultado, pág. 137.
- § 19. Do Convento de Nosso Padre São Francisco da cidade de São Paulo, pág. 145.
- § 20. De alguns religiosos [de] que neste convento se deve dar notícia, pág. 151.
- § 21. Do Hospício sito na Aldeia de São Miguel, pág. 164.
- § 22. Do Convento de Santa Clara da Vila de Taubaté, pág. 168.
- § 23. Do Convento de São Luís da Vila de Itu, pág. 170.
- § 24. Do Convento de N. S. da Conceição da Vila de Itanhaém, pág. 172. (p. 194).
- § 25. Dos Hospícios da Aldeia de São João e do de N. S. da Conceição em Lisboa Ocidental, pág. 175.

§ 26. Do Hospício [da] nova cidade da Colônia do Sacramento [to] em que finaliza nossa santa Província, pág. 178.

§ 27. Conclusão das notícias desta santa Província, pág. 183.

Aditamentos

(p. 195).

Fundação do Convento de Cabo Frio. ⁽¹⁴²⁾ — Na era de 1684, sendo Provincial o Irmão Lente Frei Agostinho da Conceição, vieram os religiosos preparar materiais para se principiar o convento. A 2 de agosto, ⁽¹⁴³⁾ dia da Porciúncula, se lançou a primeira pedra. E na [era] de 1696 se benzeu a igreja e se recolheram os religiosos no convento, sendo Provincial o Padre Frei Cristóvão da Madre de Deus Luz, ⁽¹⁴⁴⁾ em 13 de Janeiro; e também se benzeram os cemitérios. Em 8 de abril e primeira oitava da Páscoa, se colocou o Santíssimo no sacrário, ano de 1697, sendo guardião o Padre Frei Serafino de Santa Rosa.

José de Barcelos Machado, ⁽¹⁴⁵⁾ por sua morte deixou ao convento vinte e cinco bois todos os anos, para os religiosos o encomendarem a Deus. E com efeito tem um responso todas as noites depois de Tota pulchra. E pede pelo amor de Deus aos religiosos, vão todos os sábados cantar a ladainha de Nossa Senhora por sua tenção. Esta noticia me dá o Padre guardião do dito convento, por sua carta de 27 de agosto, ano de 1743.

(142) Cf. acima, § 11 e nota n° 96. Este aditamento foi acrescentado pelo mesmo Frei Apolinário, de próprio punho. Segundo se deduz da frase final, deve tê-lo feito pelos anos de 1743-1744.

(143) De 1686. Cf. ROEWER, *Páginas*, p. 380.

(144) Frei Cristóvão da Madre de Deus Luz (+ 1720), carioca, foi um frade extraordinário, letrado e de grande estima no seu tempo. Ocupou o cargo de Provincial por duas vezes (1681-1684 e 1694-1697). Cf. ROEWER, *História*, p. 24-29, 39-41; FREITAS, *Elenco*, n° 99.

(145) José Barcelos Machado, rico fazendeiro da região e amigo dos frades, fez essa doação em 29 de junho de 1687, ratificando-a no testamento de 1 de fevereiro de 1691.